AUSENTES

E. RITT

parlimeira comercial

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***eLivros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O ***eLivros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***eLivros***.

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar ***Envie um livro*** ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, ***faça uma doação aqui*** :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by ePubtoPDF


AUSENTES
E. RITT
partners
coerência

Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2019
Copyright © E. Ritt, 2018

DIREÇÃO EDITORIAL
Lilian Vaccaro

PRODUÇÃO EDITORIAL
Bianca Golfim

PRODUÇÃO GRÁFICA
Giovanna Vaccaro

PREPARAÇÃO
Dandara Murad
Bianca Golfim

REVISÃO
Bianca Golfim

CAPA
Décio Gomes

DIAGRAMAÇÃO
Bruno Lira

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Ritt, E.
Ausentes / E. Ritt – 1ª edição – São Paulo: Coerência, 2019

ISBN: 978-85-5327-198-6

1. Ficção brasileira. 2. Policial 3. Suspense I. Título

CDD: 869.3

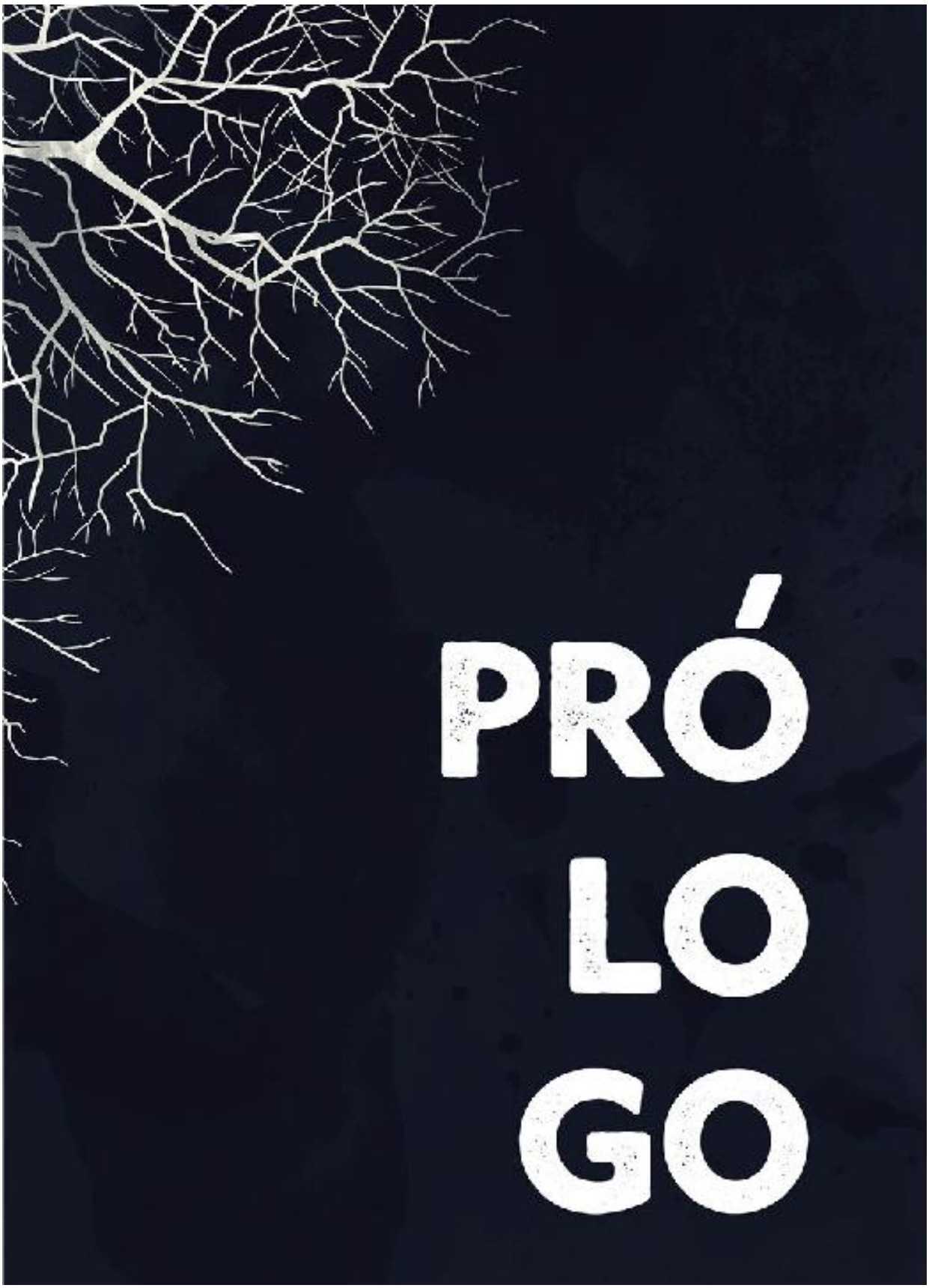
Todos os direitos desta edição reservados à
Grupo Editorial Coerência
Avenida Paulista, 326, cj 81
Bela Vista – São Paulo – SP – 01.310-902


PARA FRAN
EM UM ANO IMPORTANTE.

AGRADEÇO AO MEU PRIMO WILLIAM GARCEZ,
DELEGADO, QUE ME AUXILIOU
A MANTER A PLAUSIBILIDADE,
E AO JÚLIO SOCCOL PELAS REVISÕES.

"LONGER BOATS ARE COMING TO WIN US
HOLD ON TO THE SHORE,
THEY'LL BE TAKING THE KEY FROM THE DOOR."

CAT STEVENS


PRÓ
LO
GO

ANA

EU SEMPRE ACORDO CEDO. Trabalho cedo, penso cedo. Sou pássaro. Meu marido é coruja, então facilmente nos desencontramos, o que não é problema para um casal que não depende da atenção um do outro, como é o nosso caso. Aproveitamos momentos juntos, mas aproveitamos ainda mais momentos individuais em uma independência simbiótica e incomum. Não somos comuns. Meu marido é alemão e veio para o Brasil nem ele sabe bem por quê. Quando o conheci, me fascinou a ideia de um físico alemão no Rio Grande do Sul, o que me parecia algo atípico em sua natureza.

Sim, as coisas inusitadas me atraem. Primeiro porque nasci diferente. Tenho ciclotimia, uma versão moderada do transtorno bipolar. Segundo porque nasci em cidade pequena, onde não ser igual aos outros imediatamente gera mal-estar.

Quando conheci Frank, me convenci rapidamente de abandonar uma longa vida de empresária solteira convicta, o que eu já havia aceitado como uma realidade imutável. Sempre amei ficar sozinha, mas somente com Frank me dei conta de que era possível ficar com alguém e sozinha ao mesmo tempo. Eu estava em uma fase boa, sem nenhum episódio de depressão nem euforia, com uma sensação de estar gerenciando bem meu diagnóstico de paciente ciclotímica.

E lá estávamos nós, juntos no meio do nada e com a sensação de estarmos distantes apesar de apenas alguns quilômetros nos separarem do local em que nasci, a cidade de Bom Jesus. Estávamos com nosso cão, um buldogue inglês pachorrento e mal-humorado que compartilhava de nossa leve misantropia.

O dia estava nublado, uma névoa fria encapsulando o verão, reforçando a ideia da distância; havíamos deixado dias antes uma Porto Alegre açoitada por um verão insalubre. A mesma alta umidade relativa do ar que tornava o pôr do sol maravilhoso fazia com que nos sentíssemos como se estivéssemos expostos todo o tempo ao hálito de um enorme dragão virulento.

Nos campos de cima da serra, perto de uma virada do ano sem fogos de artifício em um ambiente rústico e asceta, em um quarto digno de monge budista desprovido de interesse em bens materiais, havia uma densa neblina e um frio agradável, quase aconchegante.

No prédio principal da pousada, um homem tímido de olhos azuis trouxe café em uma térmica já cansada. A esposa, o que inferi pelo contexto, era uma moça alta com unhas bem-feitas contrastando com os cabelos de mechas de um tom amarelado pouco natural que não harmonizava com as sobrancelhas escuras. Usava maquiagem barata e pesada para o café da manhã, mas realçava os olhos também azuis. Apareceu com alguns pratos e desapareceu na cozinha, sem nenhum comentário.

O café da manhã era generoso. Tudo fresco e gorduroso. Muita coisa frita com banha de porco, como se estivéssemos de volta a uma Idade Média que o Brasil nunca acolheu.

Barriga cheia, casacos e cão acostumado à cabana, fomos andar. Entender onde estávamos. Sentir o cheiro de um mato diferente, o mato de um lugar quase solitário na virada do ano; a motivação de mais dois casais para estar lá nos intrigava tanto quanto a nossa própria.

Estávamos a cem metros de um dos cânions do Rio Grande do Sul, um lugar esquecido pela civilização, onde milhares de anos esculturaram abismos verdes e intrigantes. Andamos por gramados imensos, um caminho plano e limpo. A grama molhada sob meus pés me reportava à minha infância. A vegetação, a umidade e o cheiro eram familiares e tinham a capacidade de me envolver como um útero materno.

Era importante para mim sair da rotina. Eu adorava meu café, mas, naquele ano, as longas sessões de terapia haviam esgotado minha energia. Eu estava precisando de um local para esvaziar completamente meu cérebro e focar na forma de lidar com meus altos e baixos. Não podia imaginar voltar a viver ali, mas a região tinha um poder intenso de recarregar minhas baterias, refazer algumas sinapses e liberar endorfinas, pelo menos no curto prazo.

Até a chegada à área dos cânions, o gramado se estendia de forma monótona, mas as nuvens já começavam a trazer a neblina; nos aproximávamos no horário em que as diferenças de temperatura e pressão fazem toda a região ser envolvida por sua massa molhada. Eu havia visto

esse fenômeno, conhecido na região como “viração”, mil vezes na minha infância, mas seria a segunda vez de Frank.

Não é incomum a chuva seguir a viração. Assim, voltamos em meio à neblina em uma caminhada irreal, como se estivéssemos em algum romance da Marion Zimmer Bradley, em uma terra de fadas. Então a chuva veio, e veio com vontade.

A cabana era extremamente simples, digna de um anacoreta penitente. O quadro de Ignacio Pinazo Camarlench me veio à mente, eu o imaginei dentro daquele quarto lendo seu pesado livro amarelado. O chão de lajota, o acabamento barato, as marcas de mofo em alguns pontos das paredes brancas… tudo isso me lembrava as fazendas de parentes distantes que eu visitara em minha infância. Não era o que o Frank esperaria de um hotel, mas ele estava no Brasil havia tempo suficiente para não tecer comentários a respeito. Creio que achou pitoresco. Além disso, no meu ponto de vista, ele parecia imutável em qualquer tipo de alojamento ou ambiente em que nos encontrássemos, o que, mesmo depois de anos de convivência, me intrigava e fascinava.

A cabana devia ter uns trinta metros quadrados compostos de quarto, sala e banheiro. Um quadro torto em cima da lareira, com o vidro empoeirado e quebrado, revelava a falta de cuidado das pessoas da pousada com o todo. As camas pareciam limpas, e o banheiro era absurdamente simples: água fria, chuveiro elétrico, janelas rachadas. Entretanto, tudo fazia parte de estar no fim do mundo, onde não há luxo nem modernidade, mas sim um ascetismo novo para Frank e velho para mim.

O dono da pousada veio nos visitar pouco antes do almoço. Com seu chapéu de abas largas, ele se parecia com todos os donos de fazenda que eu havia conhecido em Bom Jesus. Para Frank, ele parecia alguma caricatura de um filme mexicano. As sobrancelhas fartas e escuras contrastavam com o bigode branco adornado pelos dois sulcos que a idade esculpe no rosto das pessoas mais velhas. Trazia óculos de leitura que avultavam dois olhos verdes sorridentes e um excesso de pele, especialmente sobre as pálpebras. Deveria ter mais de setenta anos, mas era difícil precisar.

Chimarrão na mão, nos contou sobre quando comprara a área e romantizou a narrativa com uma série de “causos”, o que nos fez rir alto algumas vezes apesar de estar claro que a história estava embaixo de uma

camada grossa de fantasia. Ele tivera esperança de que, além dos cânions, a região tivesse algum valor adicional. Contou-nos de quando tivera a ideia do hotel após os problemas de saúde terem dificultado a lida do campo.

Enquanto escutávamos, divertidos, as histórias cheias de aventuras inventadas pelo nosso novo amigo, apareceu no horizonte, em alta velocidade, uma Hilux de um vermelho vibrante. Sentado na direção, um senhor de meia-idade acenou com euforia e desapareceu.

— É o meu vizinho, doutor Álvaro. Milionário! — comentou com um ar de falsa reverência, colocando as mãos nos bolsos da bombacha. Lembrei que minha mãe chamava aquele tecido pela marca: Tergal. — Deve estar indo preparar a casa para as festas de final de ano. Dizem que a festa é maravilhosa. Já nos convidou, mas minha mulher não quis participar. Muita pompa, segundo ela — comentou com um sorriso maroto demonstrando sua ironia para com a empáfia do vizinho.

Ele pigarreou e serviu um chimarrão com dedos grossos e unhas maltratadas. Via-se que ele cuidava de suas terras com as próprias mãos. Contou de algumas fazendas vizinhas nas quais foram encontradas reservas de terras raras que transformaram seus donos em milionários. Ninguém sabia bem onde as jazidas ficavam, comprar aquelas terras parecia ter feito parte de algum tipo de loteria em um passado próximo. Em princípio, todas as jazidas pareciam já ter sido descobertas; não havia nenhuma na propriedade do hotel, para a sua infelicidade. Assim, continuava a explorar o turismo e a vista dos cânions.

Depois do almoço o sol abriu novamente. Resolvi sair com o cão para explorar o ambiente enquanto Frank terminava um livro que trouxera. Segui a estrada que nos levara até ali, visto que a chuva havia tornado a região um enorme lamaçal. Somente a estrada cheia de pedregulhos se encontrava em condições de travessia. Um riozinho seguia a estrada e estava tão cheio de vegetação que, se não fosse pelo barulho da água corrente, eu sequer o teria notado. Samambaias e avencas misturadas ao capim e ao mato alto o tornavam quase invisível aos olhos de quem seguia a estrada.

Após cerca de trinta minutos de caminhada, me convenci de que podia soltar o cão da guia. Não havia visto nenhum ser humano ou veículo durante todo o trajeto, e ele raramente tinha chance de andar solto pela cidade, pensei. Entretanto, não demorou muito para eu me dar conta de que não fora

uma boa ideia. Um gambá resolveu mostrar a sua cara preta e branca cheia de dentes afiados de rato do mato. Meu cão já o havia farejado mesmo antes de eu me dar conta e ladeou o córrego, latindo muito. Rapidamente, achou um ponto onde conseguiu passar para o outro lado, se distanciando da estrada com o firme propósito de destroçar o gambá, que já havia sumido na mata, deixando seu rastro fétido.

Assustada porque o cão poderia entrar na mata e se perder, ou até ser mordido por alguma cobra, tentei fazer o mesmo trajeto que ele por cima do amontoado de lixo e restos de plantas, mas a estrutura cedeu com meu peso e me vi atolada até os joelhos. Soltei um urro tão diferente que o cão notou a urgência e, para meu alívio, ficou estarrecido me olhando com um misto de estranheza e insegurança. Apesar de estar suja, as mãos totalmente enlameadas, consegui rir da situação estúpida, da minha imprudência e falta de bom senso por não ter testado o chão antes de pisar.

— Enfim — resmunguei, resignada, observando os pingos de lama espalhados pela minha blusa branca.

Tive de me movimentar e tentar me alavancar em meio às plantas de forma a ter força para retirar os pés daquele amontoado de lama. Minha mente foi totalmente tomada por um medo absurdo de ver alguma cobra d'água enrolada em meu pé, e tenho de admitir que imaginei, inclusive, estar em areia movediça, pensamento que espantei ao me lembrar de que estava no Brasil, onde encontraria, no máximo, um atoleiro. Tenho a tendência de imaginar situações de perigo absurdas em incidentes comuns.

Percebi, para a minha surpresa, que junto com meu pé veio um amontoado de folhas mortas e pegajosas, e em cima destas um crânio que me pareceu ser humano. Aquilo foi tão inesperado que demorei a acreditar no que via. Mais uma invenção da minha percepção ciclotímica?

Sacudi a perna e os restos se acomodaram na parte mais rasa do riacho. O crânio ali, meio exposto, virado para mim. Ok, não era imaginação.

Ponderei que deveria ser um crânio de animal, pois não fazia sentido para mim a existência de um crânio humano naquele lugar. Humanos são enterrados em cemitérios, não ficam boiando até serem encontrados por turistas desavisadas.

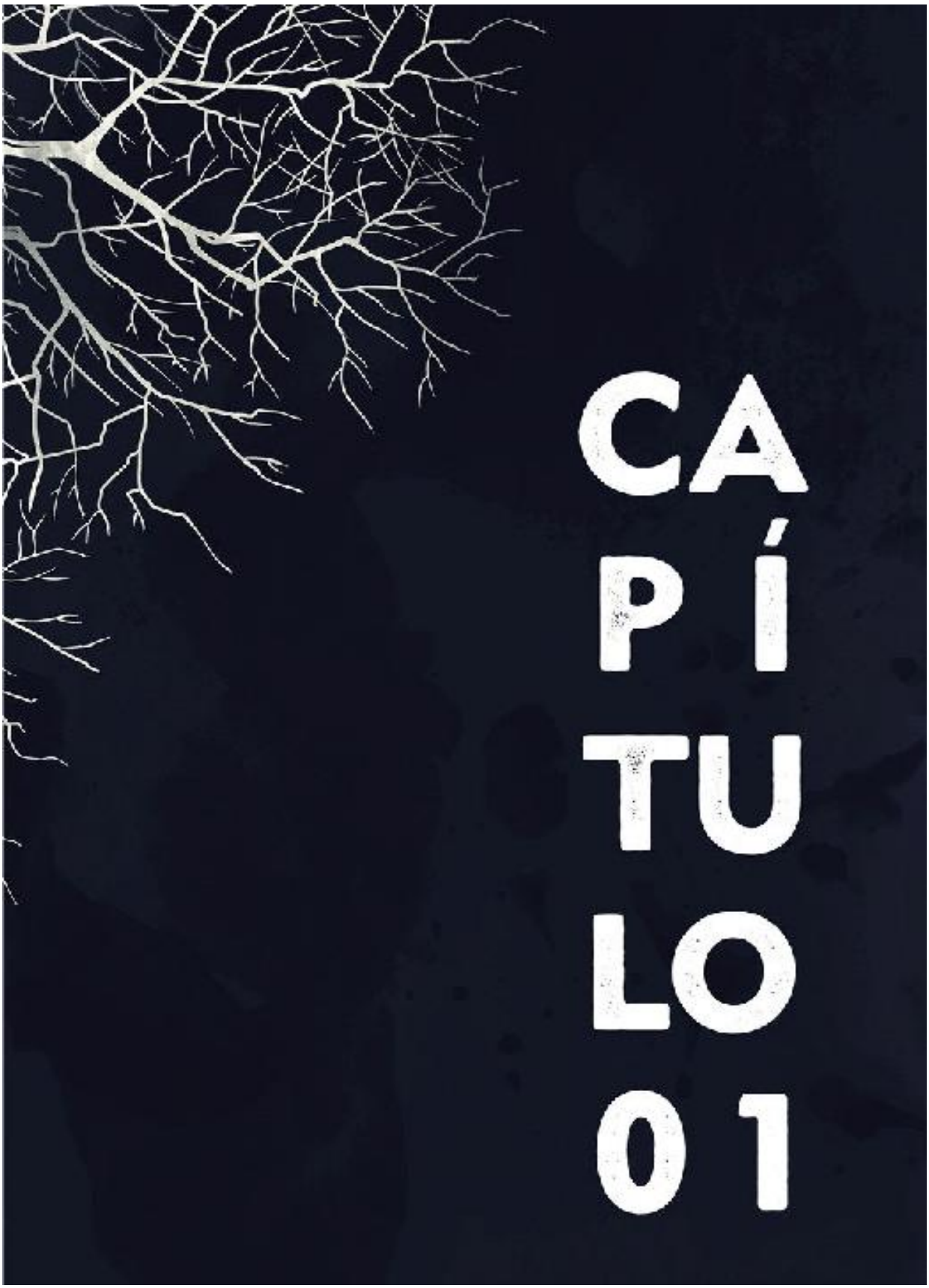
Em um torpor inesperado e com o cão na guia, voltei pela estrada até a pousada. Cheguei a cogitar a possibilidade de levar o crânio, mas não me

pareceu de bom senso andar por aí com aquilo nas mãos.

Meu marido olhou, divertido, para o estado deplorável dos meus tênis, que de manhã haviam acordado brancos. Notei para onde ele olhava e pensei na idiotice que havia cometido ao não calçar as botas à prova d'água, das quais eu havia me gabado no dia anterior. Contei a ele sobre minha descoberta inesperada; confesso que sequer a mim pareci convincente.

Fiquei em dúvida acerca de comentar o fato na pousada, mas acabei decidindo contar a eles apesar de estarmos certos — Frank mais do que eu — de que esse seria o pequeno mico da viagem.

Para a nossa surpresa, quando fomos tomar café da manhã no outro dia, uma viatura da polícia de Bom Jesus estava estacionada na frente da pousada. O crânio era, sim, humano.


CAPÍTULO 01

ANA

A VIATURA POLICIAL IMPONENTE estava estacionada em frente à pousada. Frank não pôde se conter ao comentar quanto dinheiro a polícia da região parecia ter.

Uma moça de óculos retangulares de aro escuro se apresentou como Fernanda junto com outra moça de cabelos cacheados com mechas claras, que ficou calada o tempo todo depois de ter se apresentado como Mônica. Elas estavam ali com a perícia para examinar o local. E o crânio era, sim, com segurança, humano.

Senti um pequeno abalo pelo corpo. Um crânio humano! Pareceu-me ao mesmo tempo irreal e improvável, mas não posso negar que senti uma ansiedade estranha. Comecei a fantasiar histórias que pudessem explicar o ocorrido. Mas o ponto é que a ideia de ligar o crânio a um ser humano que vivera em algum momento, talvez em um passado distante, não me parecia real.

Frank me olhava, impaciente, esperando que eu decidisse algo em vez de ficar parada ali, olhando o burburinho de olhos arregalados e distantes. Eu conhecia Frank muito bem, notava quando seus olhos ficavam azuis e imperceptivelmente mais estreitos. Então sabia que estava impaciente. Ninguém percebia, mas eu sabia.

Não fomos acompanhar a operação. Frank jamais teria aceitado, pois ele aprendera cedo a não se aproximar de locais de acidentes ou investigações. Um bando de curiosos atrapalha, e em alemão existe até uma palavra para isso: *gaffer*. Não creio haver tradução em português.

Resolvemos explorar a região de carro e deixar a equipe de policiais fazer seu trabalho. Nosso buldogue entrou sorridente no carro, mas não lhe dei muita atenção. Meus pensamentos estavam lá, com a polícia, especulando sobre quem seria o morto.

A história não tinha a ver comigo, exceto pelo fato de eu ter passado a ser uma testemunha, se é que se pode considerar dessa forma. Mesmo assim,

já me sentia no direito de saber de quem era aquele crânio que se colocara no meu caminho.

Evitei falar sobre o assunto. Depois de quatro anos de casada, eu já sabia o que ele receberia bem e o que não. Conseguia antecipar o que diria, e nem sempre a antecipação me agradava. É a quantidade das coisas que não agradam que decide se um relacionamento perdura ou desmancha; eu antecipava muito mais coisas generosas de Frank que o contrário.

Abri a janela do carro para sentir o cheiro da terra, sentir o vento no rosto, e tentei aproveitar o passeio. O sol tornava tudo colorido, o campo de que eu tanto gosto. Meu campo, verde, plano e pontilhado de pedras.

Quando voltamos à pousada, depois de julgar que ficamos fora tempo suficiente para não atrapalhar o trabalho dos policiais, uma policial jovem de cabelos castanhos presos em um rabo de cavalo me aguardava. Ela estava sentada e parecia bem à vontade na pousada, como se fosse um lugar que conhecia desde sempre.

Reconheci ser a que se apresentara como Fernanda em função dos óculos de aro escuro. Pediu com cortesia e formalidade que eu deixasse meu endereço caso precisassem falar comigo de novo. A caneta pareceu estranha na minha mão, nunca tinha entregado meu endereço a uma policial antes. Logo após, ela se foi, entrando na viatura com a tranquilidade de quem entra em seu próprio carro.

Estávamos nos preparando para retornar a Porto Alegre e à vida normal. O fim do mundo parecia mais estranho para mim agora, com seus mortos. Assassinato era algo que eu não havia relacionado ao local até aquele dia. Quem disse que alguém havia sido assassinado? Mas quem morre de maneira natural costuma ser enterrado, concorda? Era definitivamente algo inesperado.

Frank dirigiu com o cuidado de sempre, seguindo todas as regras, cuidando de mim e dos outros que cruzavam com a gente na estrada. Ele sempre me deu segurança, estar com ele era como estar em uma banheira de água morna cheia de espuma, com todos os músculos relaxados e sem nenhum problema. Ele fazia a vida parecer absurdamente simples, o que me trazia uma tranquilidade sem preço.

No momento em que o celular voltou a ter sinal, liguei para a minha sócia para ver se estava tudo bem com o café. Sentia um pouco de remorso

por tê-la deixado sozinha, mesmo que fosse nosso combinado para os feriados. Resolvi não comentar sobre o crânio para contar depois, ao vivo, e foquei nas conversas sobre o que comprar para a semana e sobre as férias de uma funcionária. Rapidamente, estava de volta ao mundo. O fim do mundo ficara para trás; junto com ele o remorso por ter ido até lá sem sequer ter passado na casa dos meus pais.

Minha mãe estranhava cada vez menos que eu tomasse as minhas próprias decisões, e as repreensões e mágoas foram virando resignação. Não havia outra Ana disponível, ficara claro. Era um processo longo e árduo, mas que nós duas trilhávamos com mais segurança a cada dia que passava.

Depois de alguns quilômetros deixados para trás, a sensação de peso na consciência diminuindo a cada um deles, perguntei a Frank o que ele achava que aquele esqueleto representava. Ele hesitou, o que não era comum para um homem geralmente direto. Fiquei em dúvida se ele avaliava o que responder ou se estava concentrado na estrada. E a resposta me espantou ainda mais que o tempo de espera. Com um olhar divertido, sugeriu que alguma esposa da região assassinara o marido agricultor infiel, ou, talvez, o marido pedófilo. Eu o encarei, séria. Não conseguia brincar com uma morte que não tinha história.

— E ninguém teria dado queixa de seu desaparecimento? Ninguém sentiu falta dele? — retruquei com uma leve irritação na voz.

— Com certeza — disse Frank, e acrescentou, cínico: — Algumas pessoas devem ter ficado aliviadas, e a polícia deve ter procurado no faz de conta ou, como vocês dizem, "para inglês ver", empáticos com a história da mulher, pois o cara batia nela.

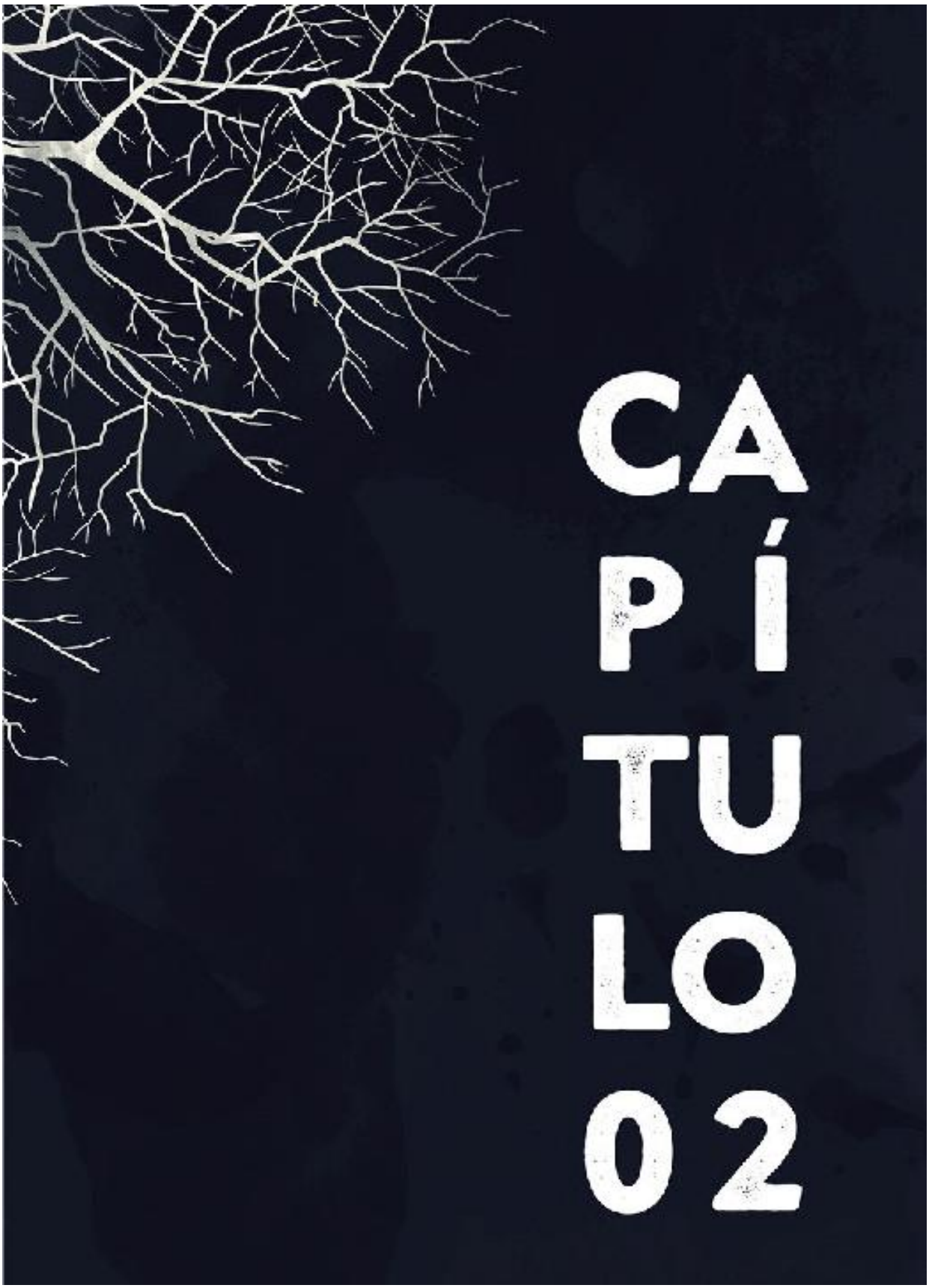
Quase ri da forma banal com que ele descrevia a história recém-inventada, mas que poderia realmente ser verdade. O jornal estava sempre cheio desse tipo de crime, linhas e linhas impressas ou em forma de pixel na internet, notícias que eu ignorava com uma disciplina feroz. Frank estranhara que no Brasil as notícias fossem veiculadas com grande frequência, e várias com os nomes das pessoas publicados, desde que não fossem menores de idade. Isso sequer chamava minha atenção.

— Como no Brasil não há testes de DNA ou grande experiência forense nas cidades pequenas — comentei —, provavelmente nunca saberemos mesmo a quem pertenceu aquele crânio.

Lembrei-me das séries da Netflix que eu gosto de assistir, ou dos capítulos da série *Forensic Files*, que assistira no Youtube. Toda tecnologia que existia estava bem distante de São José dos Ausentes, pensei. O infeliz fora considerado morto havia muito tempo e assim continuaria, disse a mim mesma numa tentativa de me convencer de que teria de viver com aquela história sem final. Imaginei-me velhinha, contando aos meus netos uma história inventada sobre o fantasma de um caso não resolvido, fingindo não notar que a minha idade de ter filhos já estava quase expirando.

A realidade provavelmente não seria nada espetacular, mas sim mais um esqueleto para centenas de desaparecidos, como sugerira a policial. No entanto, a ideia de nunca saber a história por trás daquele morto ficou tamborilando nas minhas têmporas como uma pequena dor de cabeça chata.

Chegamos em casa cinco horas depois. O calor insuportável de Porto Alegre nos recepcionou com um apetite cruel.


CAPÍTULO 02

SÃO JOSÉ DOS AUSENTES, 20 DE ABRIL DE 2012

MARINA

E CÁ ESTOU EU, novamente frustrada, furiosa e arrasada. Quando você me convidou para vir nesta viagem, mais uma tentativa de aproximação como tantas outras, foi sem convicção. Saímos de São Paulo para ficar numa cabana sem conforto e fazer o que faríamos em casa.

Não sei bem por que ainda não desistimos. As crianças, talvez.

Cada vez mais, minha frustração se mistura com ódio; frustração por esta vida estúpida com um marido que me ignora, ódio de mim mesma por permitir que isso continue acontecendo. Sou um objeto, um acessório necessário, e estou mais uma vez sozinha. Sempre sozinha.

Novamente fui abandonada, trocada por uma consultoria. Você não perde sequer uma oportunidade de mostrar seu conhecimento em terras raras. Sempre as terras raras. Gostaria que fossem tão raras que nem existissem!

Meus filhos quase não conhecem o pai. E pior do que isso é saber que, se eu reclamar, você vai dizer que trabalha para nós, para pagar nossas contas. Não! Mas não mesmo! Somos uma obrigação. Uma ideia absurda que alguém plantou em sua cabeça de que todos devemos ter uma família. Para que uma família se você não desfruta dela? É como comprar um par de óculos escuros e deixá-los na gaveta para um dia de sol e nunca usar.

Meu Deus! A que ponto cheguei, me comparando com um par de óculos… Fico com mais raiva ao sentir o salgado das lágrimas se misturar com o amargo da vida; lágrimas de frustração, de desalento.

Olho para o nosso filho, magro e aborrecido, jogando no iPad. Ele está tão absorto que nem nota meu olhar. Será que ele seguirá o seu exemplo quando tiver uma família? Crescerá achando que dentro de casa só deve ficar a mãe…

Decido o que fazer e calço o sapato de trilha comprado dias antes; não ficará sem uso.

— Vamos até os cânions. Papai não volta tão cedo.

Minha filha solta um suspiro, e eu praticamente posso ouvir sua voz dizendo "Como sempre", embora tenha preferido manter a ideia em pensamento. Já não têm expectativa, e nem eu. Você *é* ausente, não *está* ausente.

Na verdade, você nunca esteve na nossa vida. Não que seja desses pais que trabalham muito e, quando têm um pouco de tempo, se dedicam de forma que vale até mais do que uma presença constante. Não. Às vezes você entra em casa sem sequer notar que nossa filha está na sala, como se ela fosse o sofá.

Saímos da cabana e vamos andando até o início do cânion. As crianças têm medo das vacas, que eu acredito não representarem nenhum risco apesar de nos olharem com grande animosidade e até soltarem alguns mugidos ameaçadores. Elas com medo de nós, os paulistanos de apartamento, e nós com medo delas.

Estou com tanta raiva que nada me amedronta. A cólera nos dá coragem para fazermos coisas das quais não sabíamos que seriámos capazes.

Quando voltamos, você está lá, lendo um jornal. Trocamos poucas palavras, não quero brigar. Odeio brigar na frente das crianças, e a cabana é pequena demais para achar um lugar reservado. A verdade é que, com o tempo, perdi a energia para brigar. Entendi que você não se esforçaria para manter a família.

De repente, me lembro do e-mail que recebi de Matthew. Oh, querido Matthew!

Sinto um enfraquecimento rápido da raiva por conta da doçura da lembrança dos seis meses maravilhosos que passamos em Londres. Terminamos porque o Brasil era algo distante demais para ele, ou pelo menos foi o que imaginei, mas não conversamos sobre isso. Simplesmente voltei.

Agora estamos nos comunicando. Saber que ele se arrependeu de não ter avaliado vir passar um tempo comigo no Brasil faz eu me sentir ainda mais idiota. Matthew ainda está sozinho, e todos os dias imagino como teria sido se eu tivesse esperado um pouco por ele, lutado por nós.

Lembro de vó Mirinha enchendo minha cabeça, dizendo que isso nunca aconteceria. Você, bonito e cheiroso, me falando de casamento. Nunca imaginei que por trás do seu sorriso bonito havia um homem frio como um peixe desentranhado no congelador esperando o dia da ceia.

Pensar no que eu podia ter vivido, se não fosse por você, faz o ódio voltar com tudo, acumulado e borbulhante. Peço às crianças que aproveitem o trampolim que há dentro do prédio principal da pousada e as acompanho até lá.

Chego à cabana cheia de energia para um embate. Entre trocas de frases, a tensão vai ficando maior. O padrão é sempre o mesmo, apesar de as brigas terem

ficado raras nos últimos anos. A frustração estampa meu rosto, minha voz irritada causa outra resposta irritada, e assim por diante numa espiral sem volta. Um jogo rápido de tênis. Cada bola vem com mais força, tentando deixar o adversário sem chance.

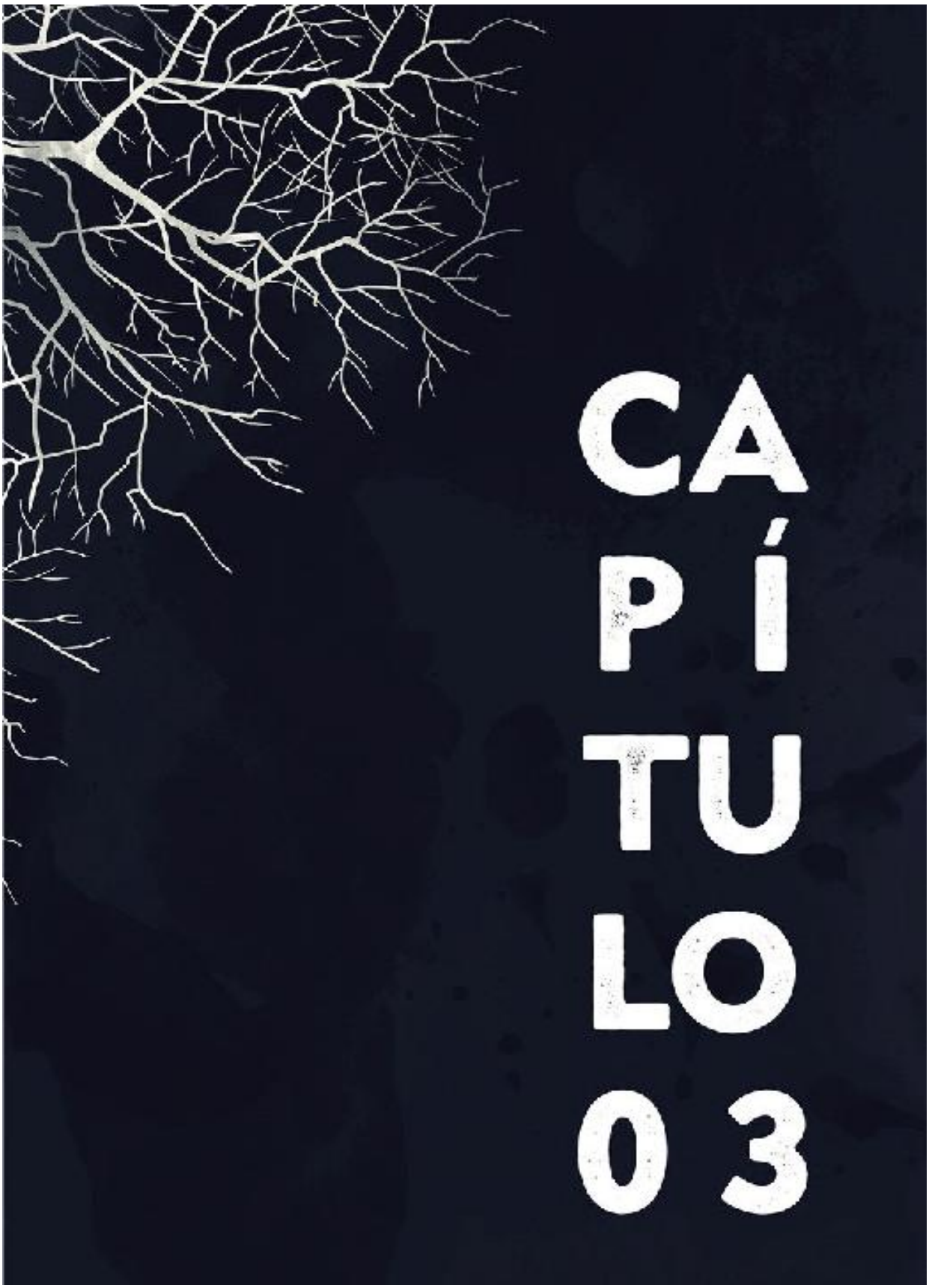
Nem me preocupo com as crianças, sei que não vão aparecer tão cedo. Já são experientes, reconhecem o momento já programado, preferem nos deixar sozinhos na intimidade da raiva, nos dar espaço para mais um enfrentamento sem fim nem começo.

As palavras rolam sem raciocínio e sem motivo; ao mesmo tempo, com todos os motivos do mundo, com todas as frustrações de anos de um casamento agourado: um marido alheio e uma esposa infeliz, levando uma vida sozinha e triste, sem ter sequer expectativa, e agora fortalecida por uma conversa com o ex.

Depois da briga, sempre a mesma rotina. Choro escondido, em geral no banheiro, cara vermelha e nenhum comentário com as crianças, que ainda não voltaram do trampolim. Sinto vergonha ao me questionar se elas entendem o motivo da minha tristeza. Vergonha por ter dado a elas uma família pela metade. Um pai ausente, cenas de um drama monótono e previsível.

Vejo o carro sair, desaparecer no meio dos pinheiros desalinhados. Você sempre vai. Ausentar-se ainda mais, como se fosse possível, é uma estratégia covarde. Quase não sinto o vazio; eu vivo no vazio.

Nós nos tornamos estranhos. O sentimento por você é tão distante que nem me lembro de tê-lo amado. Lembro de ter amado Matthew. O arrepio e um calor estranho sempre acompanham a lembrança do meu amor de intercâmbio. Forte e pegajoso. Londres. Juventude. Tão diferente da vida de adulto com criança doente, roupa suja e marido inexistente.


CAPÍTULO 03

BOM JESUS, 19 DE ABRIL DE 2012

JÉSSICA

TUDO TEM ESTADO DO AVESSO desde que meu sogro começou a ter dificuldades com a empresa; Álvaro não aprendeu a ter pouco dinheiro. É perverso dizer que foi sorte meu pai ter falecido no final do ano passado. Tivemos uma boa desculpa para nos desfazermos da casa alugada e virmos para nossa nova casa velha em Bom Jesus.

Eu sinceramente não me importo em não ter tanto dinheiro. Sempre fomos ricos de fachada. Meu pai gostava mais de álcool do que da sua reputação de médico da cidade, e não ficava só nisso. Tinha suas aventuras, que você não deveria conhecer, mas sei que conhecia. Vocês tinham um pacto selado pelo instinto, silencioso, como se falar fosse derrubar um castelo de cartas bambo que todos queriam de pé.

Vivemos da aparência que você sempre cultivou, fazendo de conta que ninguém sabia que por trás daquela fachada bem mantida estava uma família decadente que comia mal para pagar o meu balé, minhas aulas de piano e o carro novo de todos os anos. Diferente de Álvaro, que foi rico de verdade.

Um rapaz desconhecido entrou na nossa casa para discutir com Álvaro. Sinto uma mistura de medo e admiração. Acho que é a primeira vez que vejo alguém enfrentá-lo. Na minha poltrona na varanda, fico me perguntando quem é o cara. Um credor, talvez? Não é usual alguém tirar satisfações na casa dos outros. Por que Álvaro o recebeu? Eu não devia achar isso tão estranho, mas, quando nada de mais acontece em nossa vida, qualquer pequena fuga da rotina soa como algo grandioso, o evento do ano.

Enquanto Álvaro e o desconhecido estão no gabinete de portas fechadas, fico na varanda vendo Alvinho andando de bicicleta na calçada com a ajuda da empregada. Estamos fazendo um esforço enorme para mantê-la. Você vendeu uma parte do pouco que recebeu de herança em Porto

Alegre, estamos tentando manter o padrão. De novo é você, mamãe, que está mantendo as aparências.

Álvaro sempre diz que tem a solução, que logo estará tudo bem de novo. Será que acharam uma saída para a arrozeira?

Nossa vida mudou muito desde o pedido de recuperação judicial da empresa de arroz do meu sogro. Álvaro anda irritado, distante. Passa dias com o pai em Cachoeira. Antes disso, ele, que sempre foi muito ciumento, nem imaginaria me deixar sozinha. E eu, passiva, vejo tudo como uma espectadora, até porque entrei como coadjuvante neste filme dirigido por você.

Nunca fui apaixonada pelo meu marido, você sabe. Mas eu o respeito, valorizo o quanto sempre fez para cuidar bem de mim e do Alvinho. Por isso estranho o distanciamento. Talvez ele tenha descoberto a falta do meu sentimento, por isso está distante. Ou talvez seja mesmo só o problema financeiro.

O dia em que me apaixonei por um menino de Bom Jesus, você descobriu e decidiu achar um marido para mim. O que escolhi não era bom. Tinha de ser rico. Minha escolha não serviria, e, antes que eu a revelasse, o que nunca fiz, fui apresentada a alguém, ao doutor Álvaro. Recebi um pedido de casamento, o qual eu nunca ousaria recusar.

Você, minha dona, infeliz com um marido que a traía e cheia de outros segredos, odiava a sua vida e decidiu que precisava de outra chance para viver. Mas o tempo não volta, então a saída foi utilizar a vida de outra, a minha, que você entende como sua.

Muito maquiavélica você, mamãe. Julgou que meu pai, um estudante de Medicina, seria o marido ideal para ajudá-la a realizar seu plano de vida: morar no interior em uma enorme casa com duas empregadas, uma filha que tocasse piano e dançasse balé, ter dinheiro para viajar e o principal: tudo isso despertando muita, mas muita inveja no resto da cidade. Eu, que tenho outra personalidade, não consigo entender bem, mas faço parte do roteiro.

Sei que você achou que “esposa do médico da cidade” seria perfeito. Você seria conhecida em qualquer estabelecimento em que entrasse. Daria festas invejáveis. Poderia ser até a esposa do prefeito — quantos médicos já se candidataram na nossa região? Mas você superestimou sua capacidade de julgar a personalidade do meu pai. Inteligente, embora fraco, ele sucumbiu a

desejos devassos e boêmios. Apesar da medicina ter garantido um sustento justo e a casa confortável, papai se empolgava na bebida com os amigos, tinha mulheres de mais. E o pior: isso o fazia gastar de mais.

Você, a esposa chique trazida de Porto Alegre na época da faculdade, veio para a cidade para passar vergonha. Todo mundo sabia que seu marido mulherengo costumava fechar a porta do consultório à chave para algumas pacientes mais regulares e que mantinha algumas garrafas de champanhe e uísque para tais ocasiões. Mas você decidiu vestir uma carapaça de elegância e se fazer de superior em vez de admitir e voltar para sua terra como desquitada, expressão que você costuma usar. Suas palavras, mamãe.

Não foi o que você imaginou. Foi um erro de cálculo. E o divórcio não era opção. A opção era não se envolver muito com as pessoas, levantar a cabeça, viver a vida como se fosse o que você queria e iniciar os planos para uma outra vida que ainda estava por ser definida. E, assim, você começou a fantasiar planos para mim. Tudo foi pensado, desde as aulas de piano e balé até o dia de meu casamento com Álvaro, o doutor Álvaro.

De novo, você cometeu um erro de cálculo. Casou-me com o filho de um rico arrozeiro de Cachoeira do Sul; agora um nobre, porém pobre. E cá estou eu, sentada na sua casa em Bom Jesus, morando de novo com você e sem saber como será o futuro. Sabendo que não será, como você esperou, casada com o dono de uma arrozeira que nos dá muito lucro. Tudo em vão. Tudo errado.

E eu assisti, só assisti, sempre assisti. Nasci passiva ou você me fez passiva? Eu não sei. Ambos, provavelmente. Se tomei consciência disso, não posso mudar? Não! Não suporto seu olhar de reprovação, mamãe. Nunca te diria não, e você sabe disso melhor que ninguém. Puxei a personalidade fraca do meu pai. Tenho medo de você. Tenho medo de decepcioná-la. Não quero decepcioná-la. Sinto embrulho no estômago quando penso na ideia de enfrentar você, mamãe. Nunca o fiz, nem quando criança. Sempre tentei agradar a todos a qualquer preço, fazer pouco barulho, aparecer o menos possível, deixar a ribalta para você. Será que isso sempre acontece com mulheres que nascem de mães fortes e dominadoras como você? Ou tenho a personalidade de que você precisava para isso dar certo?

Eu sempre imagino que, se eu reclamar ou me rebelar, você nunca mais vai olhar para mim e vou ficar sem família, sem nada. Álvaro não é minha

família; basta ele resolver ter outra esposa e serei a ex. E quem controla o relacionamento de qualquer forma é você. Se eu enfrentá-la, você pode terminar o meu relacionamento com Álvaro. Sim, você tem esse poder. E o que eu faria sozinha com o meu menininho de oito anos? Não sei me sustentar. Não tenho ideia de como a vida funciona. Nunca tive sequer uma conta no banco.

Você tem estado radiante desde que me casei com Álvaro, dona da sua casa e da minha, pelo menos enquanto tínhamos uma. Toma decisões em dois lares, quase que com dois maridos: um morto e um emprestado, com a diferença de que Álvaro dorme comigo, e você dorme com outro. Com outros.

Sim, mamãe, eu sei. Acho que você não sabe que eu sei, mas eu sei.

Você tem coragem; a coragem que eu não tenho. Não tenho coragem de trair você nem Álvaro. Só sei trair a mim mesma, boicotar a mim mesma. Ficar aqui olhando tudo, passiva. Só não sou passiva como mãe. Meu filho é tudo, nele você não chega. Ele é minha missão.

Fique com o Álvaro, com minha vida de dona de casa, com minha vida de esposa. Mas não dou a você minha vida de mãe. Alvinho me preenche. Meu menino, meu doce, meu tudo.

A porta do gabinete de Álvaro se abre, e o estranho sai. Seu semblante está visivelmente irritado. Uma leve apreensão me preenche, mas, ao olhar para Álvaro, não vejo nenhum sinal de alerta; ele parece tranquilo. Então me tranquilizo também.

Até que tenho a impressão de que você e Álvaro trocam um olhar. Algo dentro de mim é acionado, e, assim que o estranho sai pela porta, ouso perguntar:

— Quem é?

— Negócios — reponde Álvaro em tom amigável, mas com a firmeza necessária para me fazer entender que ele não tem interesse em me explicar do que se trata.

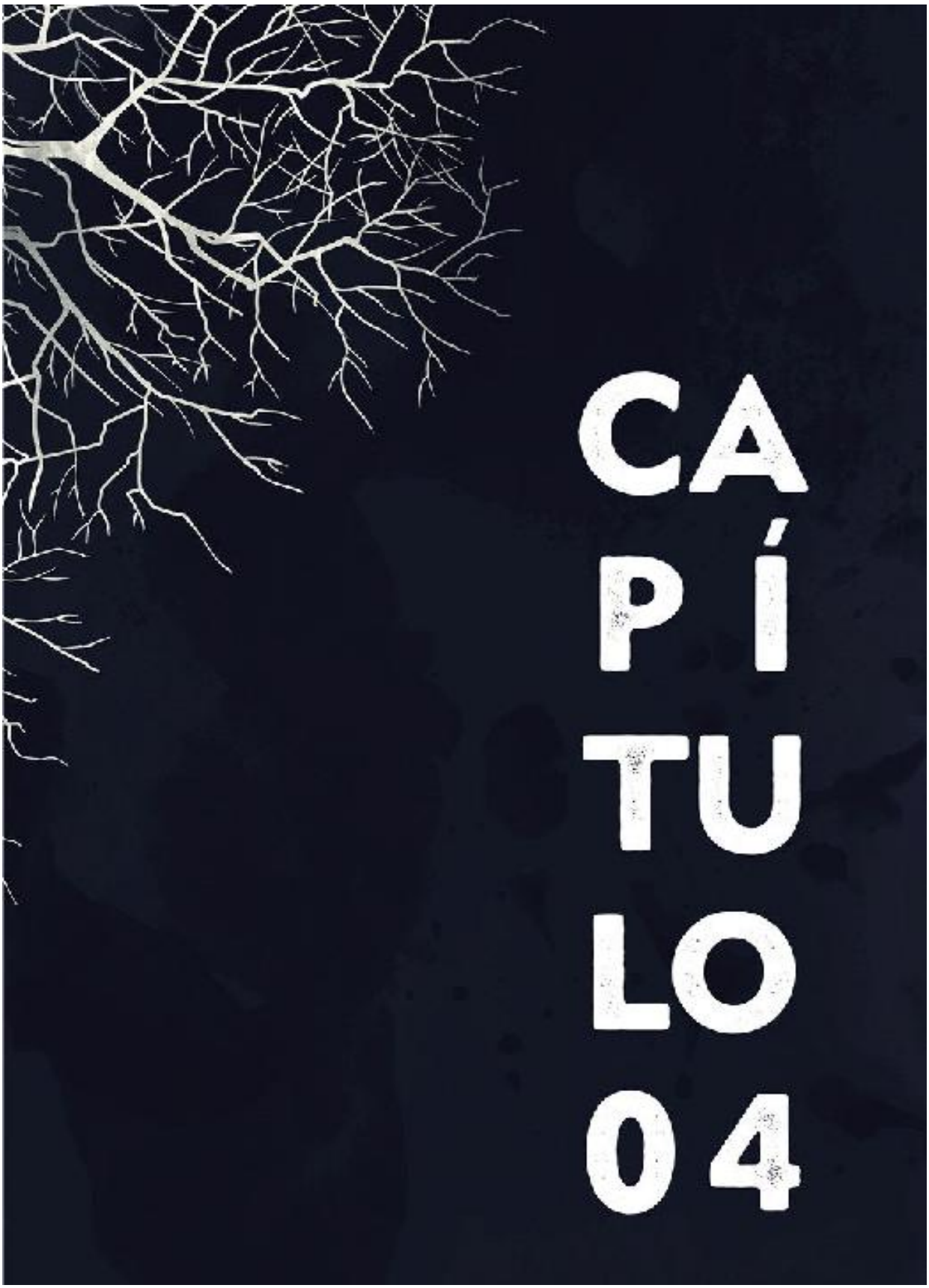
Álvaro deve estar resolvendo problemas financeiros. Ele sempre fala que não devo me preocupar porque ele tem a saída. Diferente do meu pai, que com a casa, o consultório e suas pacientes prediletas se encontrava feliz,

Álvaro quer ter muito dinheiro. Comprar o mundo para mim, ele diz. Ele nem sabe que eu não quero o mundo. E nunca me perguntou.

Você e ele, mãe, são dois iguais, sabem o que eu quero. Vocês sabem, e eu não. Eu sou um avatar de vocês dois, vivendo uma vida de marionete na qual a casca é minha e o roteiro é de vocês. Eu sou atriz de uma peça que não escrevi.

E como se não bastasse viver com dois loucos ambiciosos, estamos à beira da falência. É quase irônico.

Você vai diretamente até Álvaro e pergunta algo em voz baixa. A mim meu marido não quis dar explicação, mas a você ele dará, pois agora estão trancados no escritório. Eu continuo aqui, vendo meu menininho andar de bicicleta, orgulhosa. A verdadeira mãe no único papel no qual não sou um avatar.


CAPÍTULO 04

ANA

NO DIA SEGUINTE à nossa volta de São José dos Ausentes, cheguei cedo ao café, tendo tido o cuidado de ligar para a minha sócia e sugerir que ela ficasse em casa, afinal ela estivera sozinha nos últimos dias. Ela me tranquilizou e me lembrou da sua licença maternidade, período no qual eu trabalhara sozinha por meses.

Quando coloquei a chave na fechadura e abri a porta, o cheiro de pó de café, que amo desde criança, invadiu meus pulmões, fazendo eu me sentir feliz. Eu adorava meu café, minha vida e Frank.

Eu conhecera Frank em uma mesa desse meu café em 2011. Ele estava lendo um livro, sem se interessar por nenhuma pessoa presente no local. Eu o escolhera. Casáramos um ano depois. Eu havia tentado aprender alemão por causa dele, mas não tivera a tenacidade necessária. Meu inglês era bom, e em todas as viagens que fizéramos para visitar a família dele ou viajar pela Europa conseguira me comunicar sem dificuldades. Até na padaria em Frankfurt eu me sentira compreendida, e assim o alemão virara um dicionário embaixo do balcão do café, que sempre me lembrava da disciplina que eu não tivera.

Frank falava bem o português, e assim tudo estava resolvido. Além disso, tenho de ser honesta: nunca me pareceu muito útil falar alemão.

Depois de acender as luzes, me sentei ao caixa para preparar o novo dia de trabalho. Olhei com desdém para o velho e empoeirado dicionário de alemão. Ele continuava lá, como uma peça na sala de uma avó que, pela sua imutabilidade, mantém as coisas onde sempre estiveram.

Comecei a planejar a semana, as compras, e não pensei mais no fim do mundo até ver a *Zero Hora* sobre o balcão, perto da hora do almoço. Nossa funcionária sempre comprava os jornais quando voltava do centro da cidade, pois alguns clientes gostavam de lê-los enquanto tomavam café.

Folheei, distraída, e vi a manchete da coluna policial: “Encontrado o corpo do geólogo desaparecido há quatro anos no Rio Grande do Sul”.

Fiquei lá, com o jornal na mão, lendo e relendo a manchete como se quisesse me assegurar de que minha história não ficaria sem um rosto. O rosto estava lá. O dono do crânio, estampando o jornal com uma foto que parecia ter sido tirada de um documento, relembrando as antigas fotos três por quatro que até hoje alguns burocratas pedem.

A matéria falava de um geólogo com doutorado e especialista em terras raras que havia sumido de uma pousada da região, próximo de onde a ossada fora encontrada. Ele tinha sido dado por desaparecido, agora era um caso encerrado. Como ele havia morado no exterior antes, muitos acreditavam que saíra do país depois de uma briga com a esposa, como sugeria a matéria.

Os primeiros comentários online começavam a aparecer. Um leitor especulava que a esposa já devia ter conseguido se colocar como viúva e transferir para si os bens. Outro sugeria que ela estava até casada de novo com um inglês que viera morar no Brasil.

Apesar de ser hora do almoço, não consegui sentir fome. Eu sabia que ser consumida pelo assunto era um sintoma da minha doença. Então fiz algo ao qual eu, em geral, não me permito: fui até a cozinha, peguei um pedaço de quiche do nosso café e um *cappuccino*, me sentei ao computador nos fundos da loja e acessei a internet. "Rodrigo Silveira Porto", digitei freneticamente no Google e iniciei uma busca. O caso fora bem documentado à época: ele desaparecera em 2012 durante uma viagem a uma pousada no Rio Grande do Sul. Havia saído da pousada depois de uma discussão com a esposa, segundo os funcionários do local, e não voltara. O carro usado por ele não fora encontrado. A esposa havia voltado para São Paulo e nunca mais o vira.

Meu fascínio pela história era real, afinal era o meu crânio, ou seja, o crânio que eu achara. Agora, sim, ela se parecia com as que eu lia nos romances policiais. Senti-me tão impulsionada a pesquisar que não consegui parar a busca nem sob o olhar reprovador da funcionária, que gerenciava com dificuldade cinco mesas ocupadas, situação comum na hora do almoço.

Normalmente, trabalhava no meu café mais do que qualquer um, mas, naquele dia, eu não me importei com a funcionária, sequer pensei nela. Busquei incansavelmente por informações sobre o tal Rodrigo e sua mulher, Marina. Eles ficaram na mesma pousada que nós, mas quatro anos antes. Teriam ficado na mesma cabana?

A ideia daquele rosto pertencer àquele crânio absorveu toda a minha atenção. Senti-me dentro de um dos meus livros de mistério prediletos, e o casal, Marina e Rodrigo, começaram a se materializar, deixando de ser somente rostos para mim. Eles ficaram na mesma pousada, caminharam nos mesmos campos, almoçaram nas mesmas mesas que nós; algo como uma ligação fantástica.

Entrei em um estado de hipomania sem sequer notar. A atendente não teria mais nenhuma chance de contar com minha ajuda. Assumi que, depois de anos conosco, ela conseguia reconhecer esses meus momentos, apesar de nunca termos falado sobre o assunto.

Os clientes do cafezinho pós-almoço foram embora, e as senhoras e casais jovens do café da tarde começaram a chegar. Na minha cabeça, perguntas dançavam como em uma aula de zumba. Teria sido o geólogo assassinado na mata? Ou morrido num acidente? Mas o corpo fora encontrado no riacho, que era uma área plana; não fazia sentido. Era impossível ele ter se acidentado e ido parar lá sem que o carro fosse encontrado. E onde estaria o carro? Nos cânions? A região era grande o suficiente para engolir um carro sem dificuldades, mas não onde eu achara a ossada.

Muito estranho, tudo bem estranho e, ao mesmo tempo, altamente fascinante. Não consegui mais pensar em nada a não ser nas diferentes hipóteses para a solução desse caso.

Liguei para Frank para contar o que havia encontrado no jornal. Não costumava ligar para a universidade a fim de não o atrapalhar, mas nesse dia minha ansiedade em dividir o que havia descoberto com alguém era tanta que não me contive. Frank se divertiu demais com a história, e provavelmente identificou que eu estava caminhando para um processo de hipomania leve. Apesar de saber que isso me consumiria por alguns dias, não tentou diminuir minha motivação.

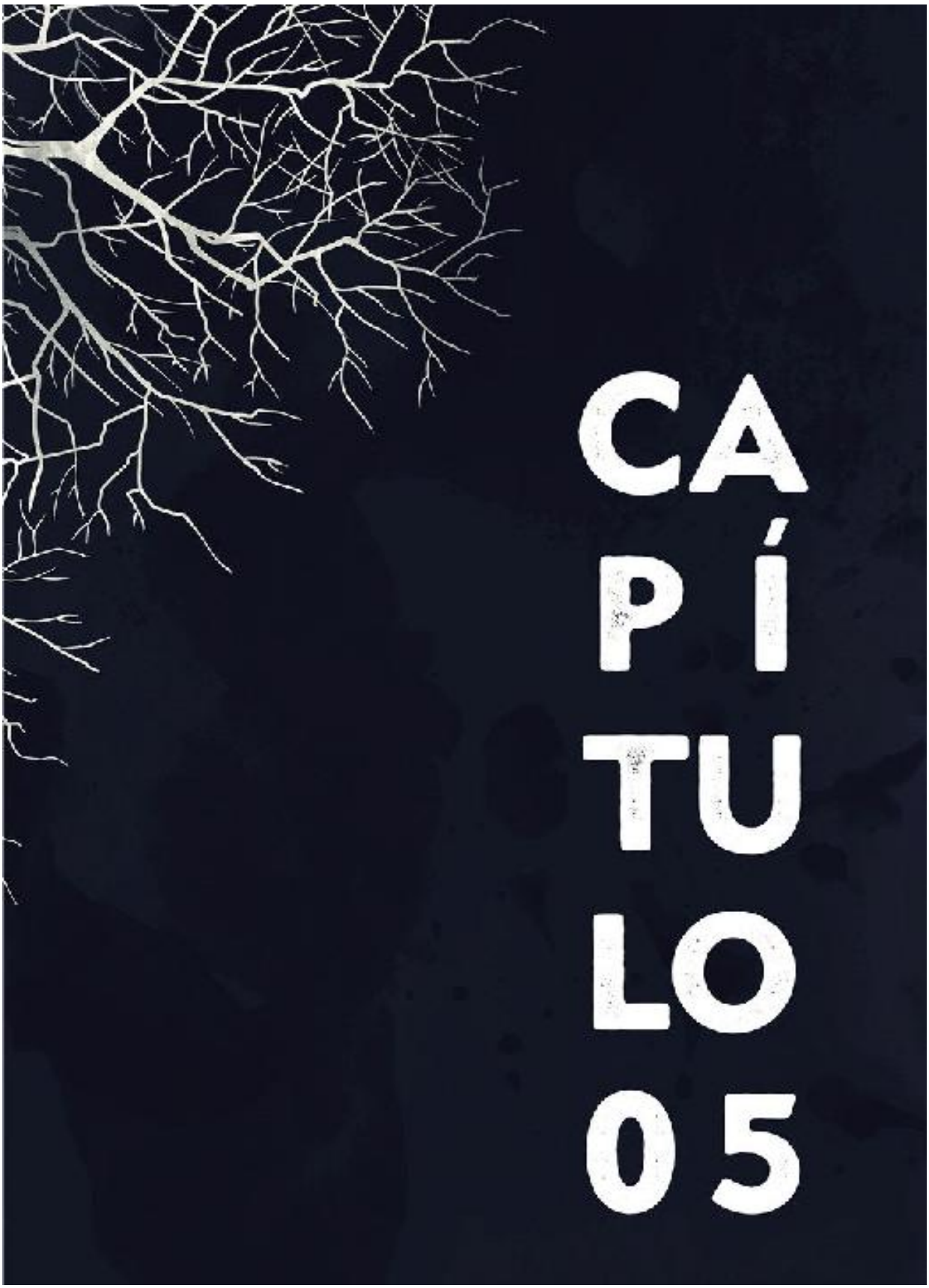
— A tal Marina enganou todo mundo! Assassinou o geólogo. — Frank ria ao telefone, algo muito incomum. — E jogou o carro no cânion — continuou, e pude notar o barulho das teclas do computador. Provavelmente escrevia um e-mail ao mesmo tempo. — Noticia típica de jornal barato sensacionalista. Não falei que era a esposa?

Após discutirmos teorias absurdas ao telefone por mais quinze minutos, o que deve ter sido o telefonema mais longo que Frank já vivenciou desde que nos conhecemos, desliguei. Depois de errar dois *cappuccinos*, fiz algo incomum: deixei a funcionária sozinha e fui para a academia. Foi a primeira vez que fiz isso em sete anos, mas não fui sem sentir certa culpa. Eu já tinha aprendido que meus períodos de hipomania têm de ser exauridos na esteira.

Correndo a sete quilômetros por hora, comecei a elaborar mais teorias além das que já havia discutido com Frank no telefone. A cada passo, mais perguntas pipocavam em meu cérebro de espectadora de *Criminal Minds*. Como teriam identificado tão rapidamente que era o geólogo? Como Marina reagira? Iriam interrogá-la? E mais uma centena de perguntas até que terminei o exercício.

Nunca meu tempo de esteira passara tão rápido. As olhadas furtivas para o relógio para ver se o tempo havia terminado foram substituídas por uma caminhada mais longa que a usual sem que eu sequer notasse.

Quando Frank chegou em casa à noite, o assunto se estendeu com uma taça de Pinot Grigio, e assim foi no outro dia e no outro. Fui absorvida por meu período hipomânico ao me colocar dentro de um romance policial da vida real.


CAPÍTULO 05

MARINA

LEVOU TEMPO para que a grama crescesse no local dos combates. Levou tempo para que a vida voltasse ao normal. E eis que você reaparece. Pelo menos agora sei que não fugiu para algum lugar no exterior. Nunca me pareceu plausível.

Lembro de toda a confusão que eu vivenciei na volta a São Paulo sem você. O desespero da sua família, a pressão em cima de mim, as especulações sobre o que teria acontecido, a polícia, a locadora do carro, os problemas jurídicos por ausência sem morte comprovada e a sucessão provisória para que eu pudesse administrar os bens. Junto a isso, a dificuldade que enfrentei para poder me casar com Matthew, uma vez que só conseguimos a dissolução do meu casamento com você por meio de um processo judicial. Se já não bastasse, sua família cortou relações comigo de forma abrupta ao descobrir que eu estava em outro relacionamento. Compreensível, mas chato, pois são os avós dos meus filhos.

Foi principalmente depois do meu casamento com Matthew que todo o passado ficou tão distante quanto a ideia de uma vida de sofrimento. Matthew é meu sol. Amo a vida de casada com ele, meu companheiro, meu amor. Tive que atravessar o Atlântico para conhecê-lo, e isso foi antes de eu conhecer você. Mais de dez mil quilômetros e muitas coisas contra, incluindo você, não nos separaram. E dizem que os ingleses são frios. Frio era você.

Já tinha até me esquecido. Até hoje, quando o telefone tocou e finalmente me informaram do achado em São José dos Ausentes. Não sei descrever o que senti, pois é tão indescritível quanto único; jamais vai acontecer de novo. Jamais um policial me ligará outra vez enquanto eu viver para me informar que meu ex-marido desaparecido foi encontrado. Quer dizer, a sua ossada. E sabe por quê? Porque jamais terei outro ex-marido. Matthew é meu marido para sempre.

Minhas mãos começaram a tremer, assim como todo o meu corpo. Não de tristeza pela sua morte, pois nosso casamento já estava tão desgastado,

tudo tão corroído que não seria possível. Mas de medo de que a notícia fosse sobre você estar vivo.

Eu me sentei no sofá da sala conforme ele me explicava que eram restos mortais. Fiquei em silêncio, e ele respeitou. Deve ter achado que eu estava sofrendo, mas na verdade eu estava prostrada. A sensação foi de ser engolida pelo sofá de veludo que você havia escolhido, comprado. Decidi, naquele momento, que compraria outro.

Desliguei o telefone em uma letargia morna. Olhos fixos no nada, e sem poder tirá-los do ponto fixo na parede branca, coisa que me acontecia muito quando criança, mas que eu já havia até esquecido. Só os pensamentos crepitando, cozinhando, fervilhando, sem capacidade de processamento para gerenciar os olhos, que ficaram em segundo plano, inertes.

Especuláramos durante muito tempo o que teria acontecido. Não havia registro de sua saída do país em nenhuma polícia federal, e a possibilidade de ter saído de outra forma que não fosse de avião nos parecia absurda. Nem o carro fora encontrado. A polícia tinha conjecturado que você poderia ter saído para algum país vizinho da América do Sul, como Paraguai ou Argentina. Eu sabia que era uma asneira. Eu tinha certeza de que você jamais faria isso. Mesmo que não fosse muito ligado emocionalmente a nós como família, você fazia questão de manter a casa e os filhos. Fazia questão de escolher a educação que receberiam. Não teria simplesmente ido embora.

Agora sei que você está morto. Que estava morto desde aquela época. Acharam seus ossos perto da pousada. Ainda me parece a coisa mais absurda deste mundo. Não que seu desaparecimento não tenha sido uma oportunidade para mim… Talvez eu não tivesse tido coragem de me separar. Talvez eu não estivesse com Matthew. Só a ideia me horroriza, uma vez que sou a mulher mais feliz do mundo com um homem que admiro e respeito e com quem compartilho tudo, meu melhor amigo.

E, agora que eu sei, me parece absurdo pela improbabilidade do que aconteceu. Como assim morto? Naquele lugar no meio do nada? Não conhecíamos ninguém. Ficamos lá poucos dias. Não pode ter sido assalto. Um maluco? A única coisa que me parece fazer sentido é alguém com problemas mentais. Mas onde você encontrou essa pessoa? Não! Tem que ter sido um acidente. Não há outra opção. Mas como? Na estrada? Nos pinheirais? Você parou o carro? Nada faz sentido.

Na verdade, você inteiro nunca fez sentido. Nunca entendi por que quis se casar comigo. Mas já cansei de repetir isso. E as amantes mais velhas? Por que todas mais velhas, mas uma esposa mais nova? Se gostava de mulheres mais velhas, por que se casou comigo? E por que estou me perguntando isso de novo? Mais uma vez em um milhão e meio de outras vezes. Não me interessa mais. Na verdade, nunca me interessou. Meus filhos interessam, e Matthew, agora padrasto, adorado por mim e pelas crianças.

Nenhum de nós sentiu sua falta. No seu lugar veio algo bem melhor para todos. Alguém presente, alguém justo, alguém fiel. Saber de seus casos exóticos só facilitou minhas decisões e o processo de cicatrização. O suporte do Matthew me fez forte para resolver tudo.

Tiro um copo de vinho branco do armário e preencho com o Savignon Blanc que estava na geladeira. Evito o sofá e me sento na poltrona que eu escolhi, mas que você comprou. Decido que é hora de tirar do apartamento tudo que é velho. Tudo que foi seu. Já comecei vida nova, mas agora é mais nova ainda. Sem passado, sem marcas. Agora sou oficialmente viúva. Posso fazer de conta que estou com Matthew desde o intercâmbio. Pensar que os meninos são dele. Tomo um gole do vinho, um amargo e gelado gostoso.

Coloquei os bens que você tinha adquirido no nome das crianças. Eu e Matthew vivemos bem, sou herdeira da vó Mirinha. Quando fomos para São José dos Ausentes, ela tinha falecido havia pouco tempo. Sou filha e neta única. Sofri muito mais com a partida dela do que com a sua. Comentário óbvio.

Quando meus pais faleceram, eu tinha sete anos. Lembro pouco disso. Nossos filhos lembram de você, mas, por mais triste que seja, não acho que sintam sua falta como eu sinto dos meus pais. Eles simplesmente sabem que é convenção lamentar a perda de um pai.

E tem tudo o que achei no seu escritório, no computador. Enquanto fomos casados, eu não tocava nas suas coisas. A prova de que você sabia disso é a forma aberta com que guardava as informações. Achei a senha num bloco de notas dentro do cofre; o resto estava direto no desktop ou nos e-mails, sem senha. E pensar que eu nunca tinha imaginado…

O frio, gelado doutor Rodrigo aproveitava suas viagens a trabalho para sair com senhoras. Se alguém tivesse me contado, eu teria gargalhado com a certeza de que era uma mentira esdrúxula. Achei até o site que você utilizava

para conhecê-las. Estava lá, brilhando na lista de favoritos. Todas casadas. Todas, sem exceção, pelo menos dez anos mais velhas que você. Fizeram fotos, *selfies*. Pelas datas, você tinha alguns relacionamentos desde a época do mestrado. Desde o nascimento do nosso primeiro filho.

Não sinto a dor da mulher traída; o contexto é irreal diante da minha vida atual.

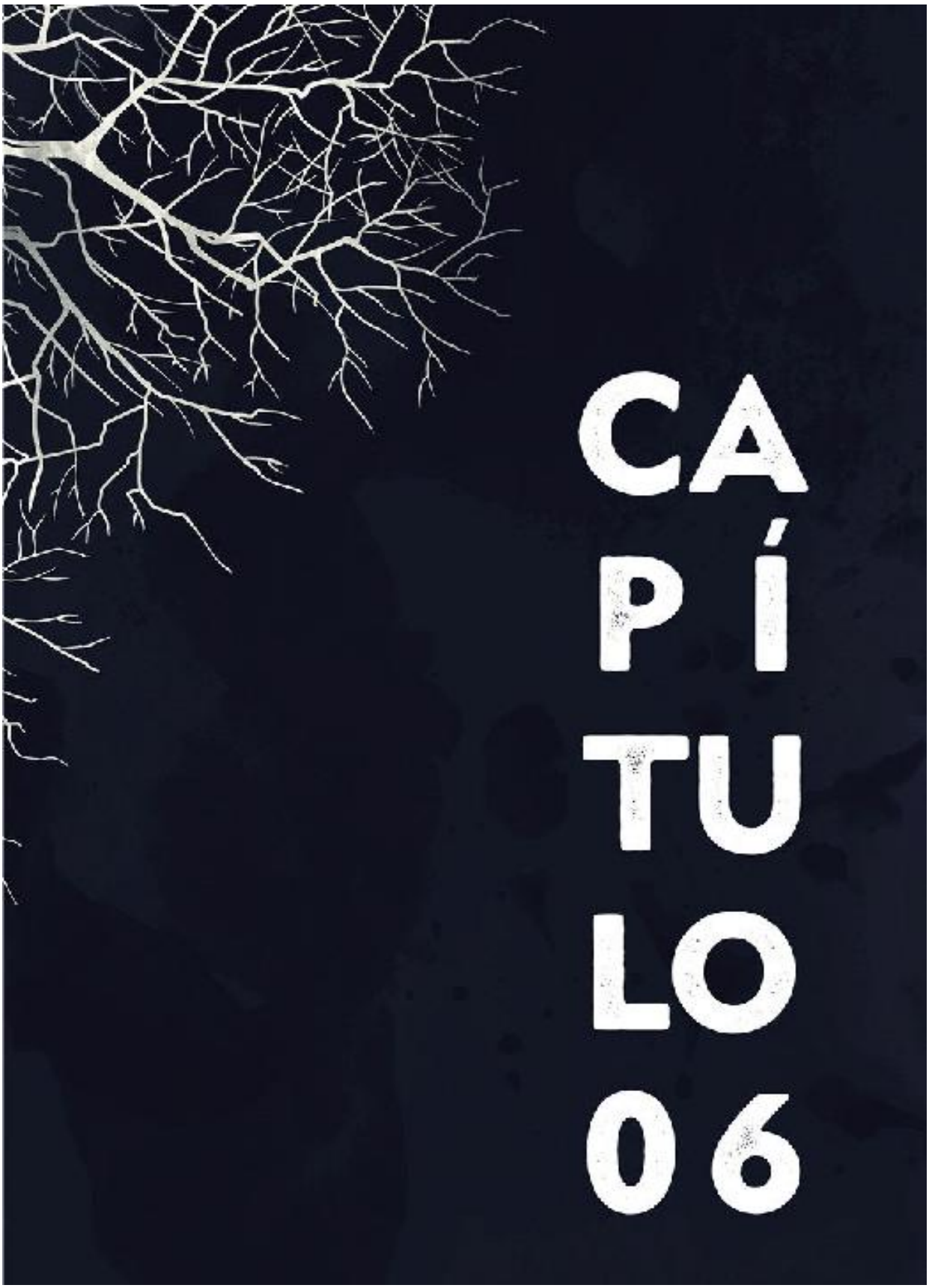
Logo após a notícia da sua ossada, fui até o banheiro e vomitei. Fiquei na dúvida se teve a ver com a notícia em si. Talvez tenha sido por ter tido contato com tudo isso de novo. A notícia da morte veio para reviver um drama distante, drama de um marido sem tempo para a família. Eu cuidando do menino doente, sozinha. Você sem interesse em sair conosco e sempre trabalhando em algum outro lugar, trabalhando de dia e se divertindo com suas madames à noite. Jogando na minha cara de maneira perversa o sacrifício que fazia.

Nojo. Foi isso que senti, daí o vômito. Reação natural.

E as notícias não acabam por aí. Segundo o telefonema que acabei de receber, terei que ir para o Rio Grande do Sul fazer o reconhecimento e prestar depoimento. Vou sozinha. Matthew deve ficar aqui com as crianças, que nesse meio-tempo se tornaram adolescentes.

Quero ir para saber o que houve. A viagem já tem data. Desta vez vou a outro lugar, uma cidadezinha chamada Bom Jesus. Entendi que fica bem perto, a delegacia da região fica lá. Espero que tenha hotel, pois, no Google Maps, me pareceu uma cidadezinha de duas ruas.

Amanhã vejo com calma como proceder. Hoje não farei mais nada a não ser me dar o luxo de terminar esta taça de vinho e comer uma barra de chocolate 80% cacau que vou buscar daqui a pouco. Uma compensação pelo estresse da notícia. Para armazenar energias. Para tirar a grama e descobrir o buraco que está embaixo. Abrir velhos ferimentos para depois deixá-los cicatrizar para sempre.


CAPÍTULO 06

ANA

EU ESTAVA SERVINDO um *cappuccino* a uma senhora simpática que elogiava a nossa torta de café quando o telefone tocou. Atendi enquanto me desculpava, sorrindo para a cliente. Uma voz límpida com um sotaque claro do interior gaúcho se apresentou como agente policial da cidade de Bom Jesus. Não reconheci a voz e assumi que não era a mesma que falara comigo na pousada. Como não lembrava o nome delas, eu as identificava como a policial de óculos e a de cachos.

Perguntou se eu poderia me apresentar em Bom Jesus para dar mais esclarecimentos acerca do dia em que achara a ossada, ou melhor, o crânio, no distrito de Silveira. A notificação havia sido enviada. Perguntei se poderia ser no sábado, uma vez que queria que Frank fosse comigo, e a policial falou que não haveria problema. Assim combinamos. Nem cheguei a comentar com ela que Bom Jesus era a minha cidade natal, ela já havia desligado.

A cliente simpática esperava o troco e pareceu não notar meu descompasso. Novamente, não consegui mais trabalhar. Um misto de sentimentos em relação à ida a Bom Jesus me incomodava. Sempre tive uma relação de amor e ódio com o interior. Quando penso na casa da minha mãe, sinto conforto com a lembrança do interior da casa, que, por mais modesta que seja, me transmite a segurança da família, o carinho dos meus pais. Entretanto, quando penso no lado de fora, vejo pessoas fofocando e posso ouvir a maldade de quem não sai dali e julga quem saiu por bem ou por mal. É um preconceito meu, admito. Com certeza tem muita gente boa em Bom Jesus, e não me importo com as opiniões dos outros. Mas tivera algumas experiências ruins, e essa distância saudável garante que eu não precise gastar energia criando um escudo social o tempo todo.

Sei que isso tem a ver com minha personalidade ciclotímica, com minhas terapias e com a condição social na qual crescera. Existem pessoas maldosas em todos os lugares, mas na esparsa cidade grande a distância e o anonimato tornam isso mais discreto. No interior, pela aglutinação de

pessoas que se conhecem, isso fica exposto, escancarado. Sem contar o Facebook, o qual raramente uso.

Diante disso, a ideia de ir até lá, em geral, não me agradava. Sendo assim, era mais comum minha mãe ir a Porto Alegre, e não o contrário. Mas, dessa vez, não havia alternativa. Falar sobre a história de Rodrigo me motivava de alguma forma; a curiosidade em entender o que acontecera com ele, em entrar nessa história criminal com toda a alma que não tenho — sou cética. Ou melhor, não sei bem se sou. Frank é agnóstico, ou mesmo ateu, e eu fico oscilando entre o fervor religioso aprendido com minha mãe e a lógica de Frank como físico e cientista.

Olhei para o casal à minha frente no caixa com olhos distantes e cobrei o valor errado na maquininha do cartão. O homem me olhou desconfiado; comentei que foi um erro e pedi desculpas. Nunca arriscaria a minha reputação de empresária para colocar dois reais e alguns centavos a mais em uma conta, mas ele não pareceu se convencer com a minha explicação curta e meu ar sem graça. Foram embora sem dar tchau.

Fiquei lá, passando cartões de crédito e débito, fechando contas usando o mínimo possível da minha mente, cuja função absoluta era gerar hipóteses e mais hipóteses sobre aquele rosto, aquele crânio chamado Rodrigo Silveira Porto.

Abri de novo uma foto que achara em um jornal online e olhei para ele. Sorriso brilhante, boca e olhos sorriam em um conjunto bem agradável. Creio que muitas mulheres o achariam atraente com suas sobrancelhas espessas e masculinas, o cabelo cortado rente, formando um leve *V* sobre a testa de pele morena, olhos castanhos. A foto não mostrava o corpo inteiro, mas ficava claro que ele não era gordo. Que idade teria? Mais de trinta, com certeza. E era PhD em terras raras.

Abri a Wikipedia e digitei “terras raras”. Já havia ouvido falar, mas dizer que eu sabia do que se tratava era exagero.

“As terras raras, ou metais de terras raras, são, de acordo com a classificação da IUPAC, um grupo relativamente abundante de dezessete elementos químicos, dos quais quinze pertencem, na tabela periódica, ao grupo dos lantanídeos.”

Ok!, pensei, ignorando a tal de IUPAC, que, na minha opinião, devia ser alguma organização, e continuei a ler mais um blá-blá-blá que não

acrescentou quase nada relacionado ao que o geólogo fazia.

Como administradora de empresas, sempre quero saber exatamente para que a coisa serve e se tem valor. Frank, como intelectual, já costuma tratar as coisas de um modo diferente. Entre cumprimentar um cliente e outro, digitei "terra-rara valor" no Google e achei a seguinte frase, que me auxiliou a entender um pouco, afinal: "Chamados por alguns de 'o ouro do século XXI' por sua raridade e valor econômico, as terras raras são metais que servem de matéria-prima essencial para itens de alta tecnologia".

Hum…, pensei entre o calcular de mais uma conta e a digitação do valor na maquininha, virando-a com um gesto mecânico para o cliente de forma que ele pudesse digitar a senha. Dessa vez não errei, mas estava tão absorta que sequer observei se se tratava de um homem ou de uma mulher.

Passei o dia esperando a hora de ir para casa. A foto do homem sorridente, moreno e de cabelos muito curtos era para mim o estereótipo do que eu esperaria de um paulistano, e ela não saía da minha cabeça. Ele na pousada, desaparecendo para aparecer sobre meus pés em forma de crânio, e sem aqueles olhos sorridentes. No lugar deles, dois orifícios. Estremeci.

Onde estaria o resto do corpo? Teriam achado? Essas perguntas martelando me impulsionavam a pegar o carro e ir naquele instante a Bom Jesus falar com a polícia. E eu sequer sabia se eles teriam alguma resposta ou se imaginavam que eu as tinha.

Quando estacionei o carro na vaga da garagem, vi o carro de Frank entrando também. No elevador, comentei sobre o telefonema e combinamos que ele iria comigo, ainda que meio hesitante.

— Algo errado? — perguntei, meio sem entender

— Estou impressionado como essa história entrou na nossa vida e faz seus olhos brilharem — respondeu Frank com a chave de casa na mão, mas me olhando bem dentro dos olhos como se quisesse ver o impacto disso no meu psicológico. — Na verdade, para mim é mais um problema que temos para resolver, e você sabe que estou com viagem marcada.

Foi a primeira vez que ele comentou alguma coisa ao me ver em um período de mania ciclotímica, do qual eu estava bem consciente. Até aquele momento, sempre fizera de conta que não notava até passar. As perguntas e as respostas dele nem sempre me agradavam, mas me agradava o fato de ele

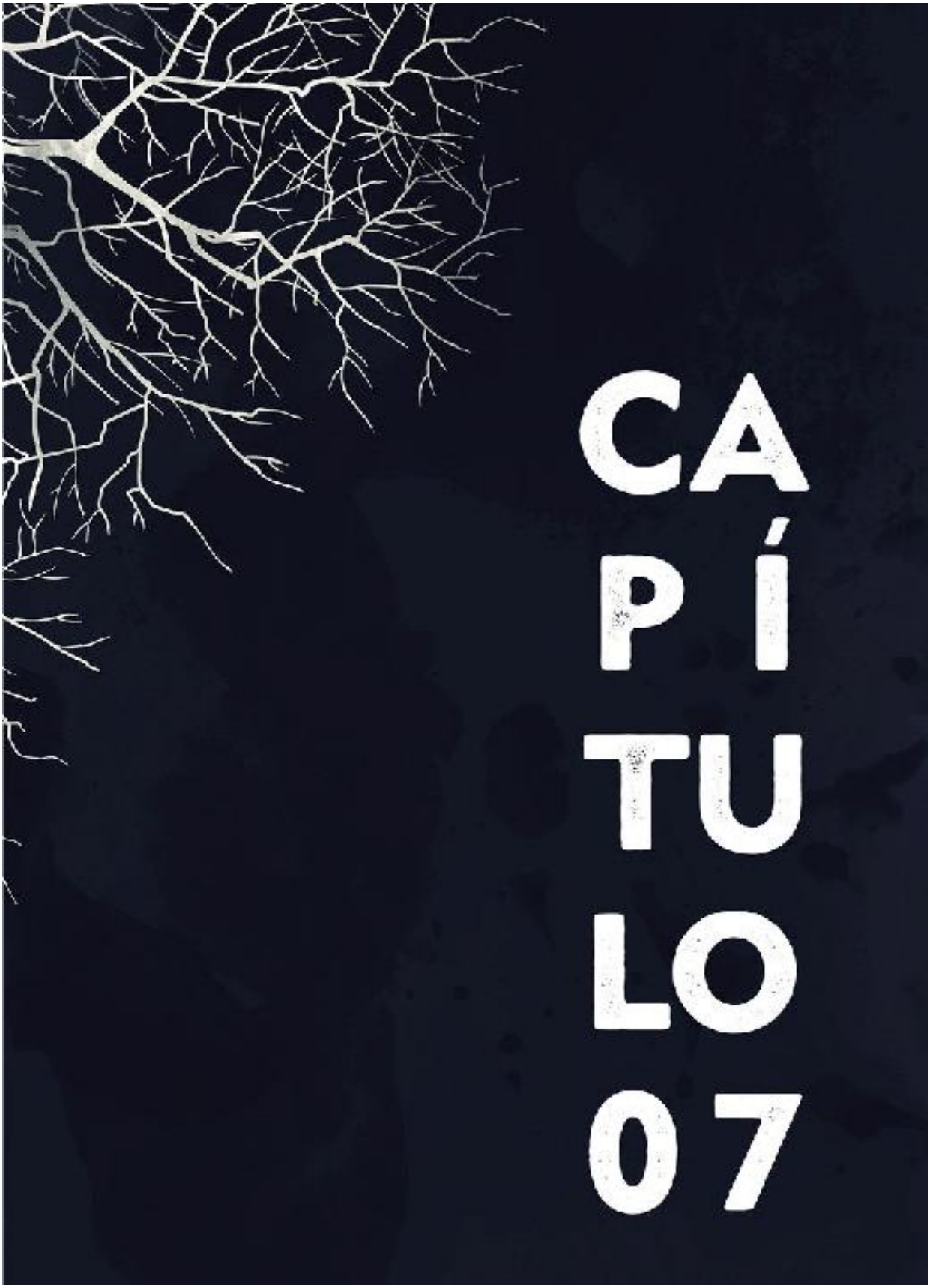
ser sempre direto. Assim, sempre sei o que esperar de Frank. Nada de joguinhos, nada de surpresas, nada de expectativas veladas.

— Não se preocupe. É em Bom Jesus, e ficarei na minha mãe se tiver de ir para lá de novo — respondi, tentando trazer um tom de normalidade à nossa chegada em casa.

— Ok, mas vou com você no sábado. Só não garanto que haverá uma segunda vez.

— Sem estresse — respondi, então no chão com nosso buldogue saltitante, que parecia ganhar na loteria a cada noite quando chegávamos em casa.

Frank se juntou a nós em nosso idílico momento família-cão.


CAPÍTULO 07

ANA

DESSA VEZ, resolvemos fazer o caminho que sempre fizemos para chegar a Bom Jesus. No ano-novo, havíamos tomado uma rota diferente, e fizemos um trecho muito bonito por uma estrada de terra. Deixamos o cão em casa, o que facilitou as coisas. Diferente das nossas viagens de carro, durante as quais vou ouvindo rádio, observando a estrada e aproveitando o dia, essa viagem foi cheia de ansiedade por seu caráter insólito. Falei mais que o normal, e Frank, consequentemente, teve mais paciência que o usual.

O assunto dominante foi, sem dúvida, o caso do geólogo e as tais terras raras. Frank sabia muito sobre o tópico, como sempre, o que não estranhei, pois ele sempre sabe muito sobre tudo. Aprendi que algumas terras-raras só existem no Brasil, e outras só na China. E mais um montão de detalhes; alguns úteis, outros não.

A delegacia de Bom Jesus era uma velha conhecida minha, uma vez que a casa da minha família ficava relativamente perto. Apesar de ter visto o prédio várias vezes antes, nunca havia estado em seu interior.

Senti uma excitação mesclada com memórias de infância e misturada com o horror de ter de ir até a casa dos meus pais e repetir mais uma vez todos os acontecimentos. Era normal repassar tudo ao vivo, como um animal ruminante faz com a comida antes de degluti-la para sempre.

Depois de uma recepção de abraços, o que sempre incomodava Frank, fomos conduzidos por uma mãe borbulhante de felicidade até a cozinha da casa. Enquanto eu recebia nas mãos um chimarrão quente e amargo, ela me explicou que o delegado era filho de um primo meu que se mudara para Lagoa Vermelha. Eu lembrava bem do primo, apesar de nossa família ser enorme, e recordava vagamente de ter visto o menino uma vez em um Natal no qual juntamos quase toda a família. Menino à época, pois naquele momento obviamente se tratava do delegado da cidade.

Depois de receber todos os detalhes possíveis sobre meu primo, seu filho, a mãe e o desaparecimento do geólogo, tudo pela ótica da minha mãe, é claro, notei que Frank ficara transtornado com a grande quantidade de

informação confusa que recebíamos. Assim, sugeri que fôssemos até a delegacia.

A sala de entrada era ampla e limpa. As paredes eram brancas, recém-pintadas, e as lajotas no piso também branco davam um ar asséptico de laboratório.

Fomos levados em seguida à sala do delegado, no caso meu primo em segundo grau. O rapaz estava sentado atrás da escrivaninha; eu o considerei bonito. Devia ter uns trinta e poucos anos, óculos de grau modernos e bem apresentado em seu paletó azul e gravata cinza. Chamou minha atenção o cabelo estilo sertanejo universitário, que não imaginei ser comum na região.

Junto com ele, trabalhavam três policiais mulheres; duas delas eu havia conhecido na pousada, e uma assistente. Meu primo distante se chamava Guilherme e o sotaque dele era levemente diferente do sotaque de Bom Jesus. O diploma na parede revelava que ele fizera a graduação em Passo Fundo. Ele nos recebeu com simpatia e beijos, fiquei com o cheiro do perfume dele o dia inteiro, o que não foi um problema, pois era um perfume bem agradável.

Investimos uns quinze minutos falando sobre o pai e a mãe dele, os quais eu não via havia uns sete anos. Eu já estava impaciente quando entramos no caso do geólogo. Guilherme contou que o homem havia sumido antes de ele assumir o posto, e que o caso tivera repercussão nacional, o que eu já percebera depois da extensa pesquisa na internet. Por ter sido algo inédito para a pequena cidade de São José dos Ausentes e para a delegacia de Bom Jesus, o caso logo voltara à tona com o aparecimento do crânio. Assim, a primeira tentativa óbvia fora verificar o registro da arcada dentária, levando o crânio até a casa do dentista local. Este confirmara a suspeita. As informações da arcada haviam sido requeridas por um dentista de Minas Gerais em 2012 para o caso de encontrarem o geólogo sem vida e precisarem identificá-lo.

A RBS, principal mídia local, já havia ligado marcando entrevista com meu primo, e nos pareceu que ele estava extremamente empolgado com a ideia de ver um caso com essa repercussão acontecendo na sua delegacia de cidade pequena, cujos crimes mais comuns envolviam drogas, lesões durante conflitos familiares e furtos de pequenos montantes. Às vezes um jogo ilegal, ou um turista perdido nos cânions.

Contei de novo a história do cão, do riacho, da minha infelicidade ao me enterrar até o joelho no barro e outros detalhes menores.

Enquanto limpava os óculos com uma toalhinha de microfibra verde, Guilherme nos pediu que o acompanhássemos até o local novamente, o que me pareceu desnecessário. Tive a impressão de que ele queria praticar a história para contar ao jornalista na semana seguinte, mas me recriminei pelo pensamento maldoso. Influência do lugar? Foi certo preconceito de minha parte. Odeio ficar julgando o que eu não conheço. O risco de cometer uma injustiça ou formar uma opinião sem fundamento é enorme.

Entramos na viatura, um veículo novo. Notando minha surpresa, ele comentou que Bom Jesus havia recebido novas viaturas de grande porte especiais para a região em julho daquele ano, quando receberam um pacote de modernização da Secretaria de Segurança Pública de Porto Alegre. A viatura era uma camioneta Ford Ranger com o logo da Polícia Militar, a parte detrás estava preparada como cela para transporte de detentos. Quase perguntei a ele se já havia sido utilizada, mas me contive; não quis parecer uma velha tia fofoqueira.

Depois de trinta minutos na estrada, nos quais o delegado ultrapassou o limite de velocidade mais vezes do que se manteve nele, chegamos ao local. O dia estava nublado e me lembrou muito do dia em que eu fora até lá com o cão. Descemos da viatura e recontei a história, mostrando de forma teatral a minha infelicidade, o que fez Frank se afastar e aproveitar a chance de dar uma caminhada em vez de ouvir mais uma vez um relato tão gasto quanto um chinelo Havaianas abandonado no meio da rua — ele adorava comentar ao ver chinelos abandonados no meio da rua, coisa que jamais aconteceria na Alemanha, até porque lá não tem Havaianas. Era a nossa metáfora particular para algo desgastado.

O local estava todo revirado e escavado, pois a equipe de perícia havia procurado pelo resto da ossada, que, excluindo os ossos de uma mão, estava completa, informou Guilherme.

— Encontramos parte da ossada mais acima — disse ele. — Parece que o córrego trouxe o crânio até aqui. O caso aconteceu há quatro anos, a natureza move as coisas.

A policial que estava conosco nos explicou que, no passado, o córrego havia sido um pequeno rio, que fora desaparecendo com os resíduos da mata

de Pinus e a vegetação em constante crescimento. Ela era da região, mas não podia precisar como era quatro anos antes.

— A área verde é muito ampla, e não se presta atenção nos detalhes dessa forma — explicou enquanto caminhávamos pelo local.

— O maior mistério é o carro do sujeito — disse Guilherme, pensativo.

Frank, que havia acabado de voltar da caminhada, mas parecia bem descansado, imediatamente comentou que não seria difícil se desfazer de um carro perto dos cânions.

— Basta deixá-lo sem freio na beira dos cânions e deixar a gravidade trabalhar — disse com um ar de físico entediado e seu forte sotaque alemão.

Guilherme, que havia demonstrado pouco interesse nele desde que nos encontráramos, talvez em virtude da nossa ligação familiar, pareceu tomar consciência da presença de Frank de outra forma. Olhou para ele como que intrigado pela maneira simples e direta com que Frank tratava o assunto.

— Não é tão simples assim — falou em tom firme e com autoridade —, uma vez que mesmo um corpo caído no cânion abre uma clareira visível e, à época, houve buscas ao geólogo, de acordo com a colega. — Fazendo um gesto em direção à policial que havia nos acompanhado em outra viatura, ele continuou: — Nisso temos experiência.

O jovem delegado abriu um sorriso malicioso, talvez pensando nos vários turistas que haviam tentado a façanha e nos resgates que realizavam com mais frequência do que ele gostaria.

Eu olhei para Frank, pensando que era a primeira vez que eu o via fazer uma sugestão que não fosse possível. Como físico, ele sempre sabia dessas coisas, e me perguntei se estaria testando meu primo, o que era bem possível.

— Algumas pessoas tinham a teoria de que ele, dominado pela raiva após discutir com a esposa, teria saído da estrada e caído em algum ponto do cânion — adicionou a colega, que estava na delegacia à época. — Por causa disso, houve buscas de helicóptero, que terminaram sem sucesso.

— Um carro caído no cânion teria que ser visível, mesmo que caísse dentro da mata — repetiu o delegado, querendo acabar de vez com o assunto de sumiço no cânion.

Frank franziu a testa e não desistiu:

— Se eu fosse o assassino, teria escondido o carro na mata e só teria me livrado dele no cânion meses depois. — Os policiais olharam para ele, perplexos. Talvez esse fosse um comentário que um brasileiro não faria naquela situação, mas não tenho certeza. — Esta região tem uns cinquenta quilômetros quadrados e dezenas de pequenos bosques onde se pode esconder um carro.

Tive de esconder um sorriso ao ver o olhar curioso com que todos olhavam para Frank. Ainda bem que ele não era um suspeito.

— E centenas de turistas, moradores e trabalhadores andando por toda a parte — retrucou o delegado, já meio sem paciência. — Seria um movimento bem arriscado para uma paulistana que nunca tinha estado aqui.

— Então você também acredita que foi a esposa? — perguntei, sem deixar de notar a menção a "uma paulistana".

— É a única suspeita, na verdade. Ela é a única que se beneficiou de alguma forma — respondeu Guilherme, parecendo não notar o "também" da minha frase.

Eu estava me referindo a Frank, que desde o início suspeitara de Marina, mas não dei maiores explicações.

Como era sábado, eu e Frank resolvemos ir até a pousada, uma vez que estávamos quase ao lado, e permanecer por ali caso eles tivessem cabanas livres. Fiz isso por Frank, pois ele só suportava a vida de uma família brasileira em doses homeopáticas. Podia imaginar o teatro psicológico imenso que minha mãe faria para que nós ficássemos com ela em Bom Jesus, mas já sabia ser firme.

Porto Alegre estava um inferno, e ali, a uns mil metros de altitude, o clima parecia bem mais convidativo. Na pousada, eu tinha mais chance de convencer Frank a ficar.

Voltamos levemente arfantes quinze minutos depois. Havia lugar na pousada e iríamos voltar, informamos a Guilherme, que também voltava para a viatura no mesmo momento. O grupo de policiais havia caminhado córrego acima para ver se identificavam onde o suposto crime poderia ter ocorrido, mas concluíram que era muito difícil precisar. Sabiam onde a perícia havia achado os primeiros ossos, mas isso não provava nada. O corpo poderia ter

sido transportado até ali, como fora exaustivamente discutido. A estrada tinha pouco movimento, o que devia ter facilitado a execução do crime.

A polícia já havia feito buscas pelo veículo em uma área de pelo menos três quilômetros de diâmetro ao redor do ponto onde o crânio fora encontrado, mas não obtivera nenhum sucesso. A explicação mais convincente era de que o suposto assassino tivesse levado o carro para um lugar mais longe.

Voltamos à cidade e, com nosso carro, fizemos rapidamente os trinta minutos de estrada de terra batida até a pousada depois de um debate acalorado com uma mãe desolada, como previsto. Um animal atravessou a estrada. Foi tão rápido que Frank sequer conseguiu apertar o freio do carro, mas as trajetórias randomicamente se desencontraram sem ação de nenhum agente, simplesmente seguindo a lei das probabilidades. O animal saiu ileso e nós também.

Chegamos à pousada e descarregamos a pequena mala que havíamos trazido com as roupas de ambos. Não estávamos aparelhados com as roupas de passeio como da última vez, visto que nosso objetivo era outro, e fomos alojados em uma cabana diferente.

O jantar foi servido às oito horas. A mesma mesa retangular e longa de madeira coberta por uma toalha de plástico barata, provavelmente comprada por metro em uma loja de armarinho, estava arrumada como um bufê. As mesmas seis mesas com duas a três cadeiras de estampas desemparelhadas estavam colocadas próximas para os hóspedes. A mesma sala continuava cheia de objetos gauchescos, desde vasos de samambaias feitos do nó de pinho a boleadeiras feitas dos roletes pendurados nas paredes, sem dispensar o tapete de couro bovino que nunca falta em ambientes regionalistas gaúchos.

Os pratos e travessas eram os mesmos Duralex cor âmbar, o que deve ser a louça mais comum nas casas de classe média brasileira desde quando minha mãe era criança. A comida estava servida como da última vez, em assadeiras de alumínio, com exceção das tigelas de arroz e feijão, que seguiam o padrão dos pratos. A comida campeira no estilo do Rio Grande do Sul não era algo que comíamos normalmente. Havia ainda linguiça e polenta frita acompanhadas de algumas verduras que eles chamavam de

salada, mas que, no meu conceito, por não estarem temperadas, eu chamaria apenas de verduras cruas. Nesse caso, cenoura e beterraba ralada.

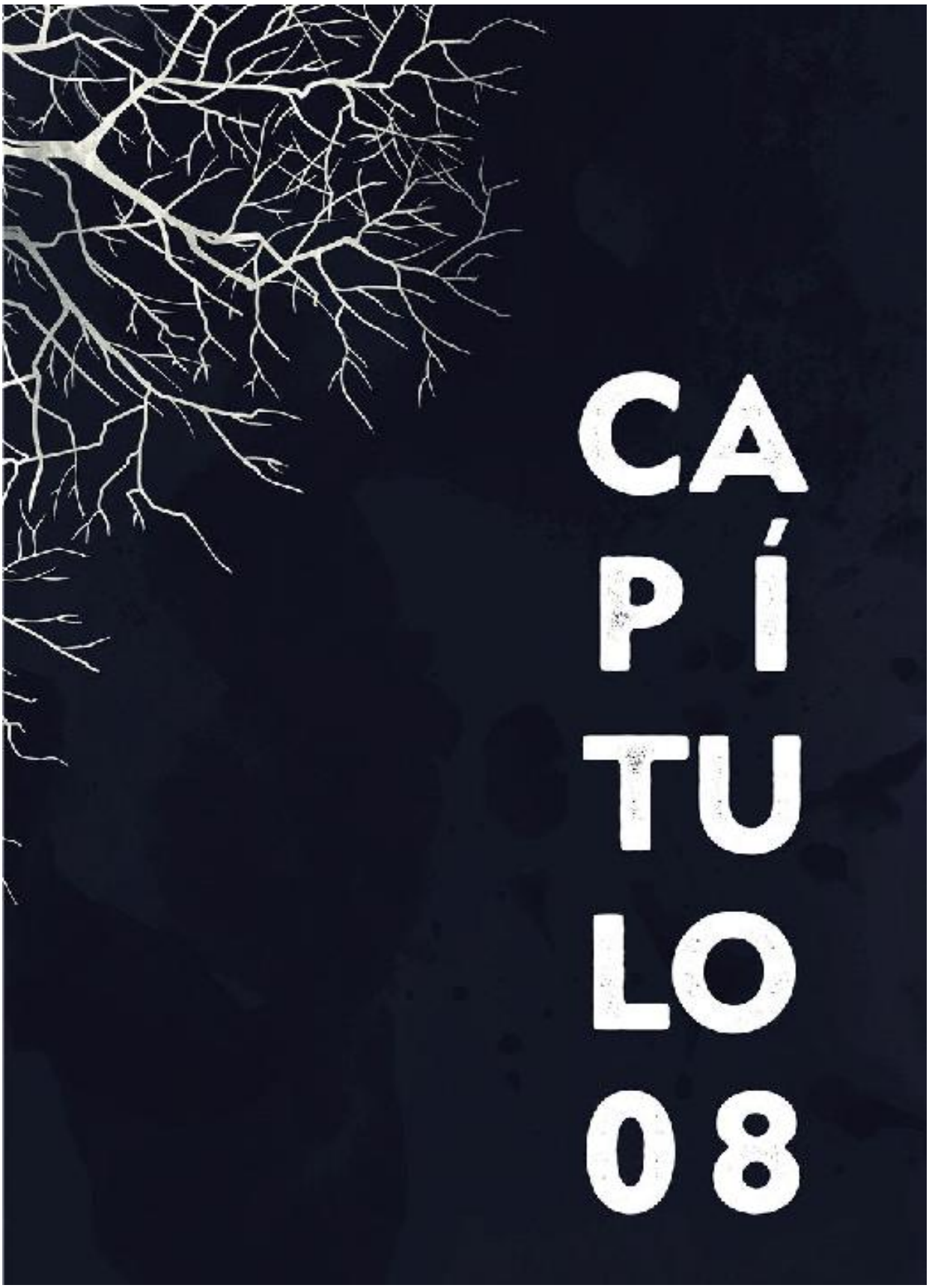
Depois, nos alojamos e ficarmos alguns minutos absorvendo o silêncio repousante sentados em frente à cabana, observando dezenas de vaga-lumes saltitantes, que nos fascinavam com seus rastros de luz. Havíamos feito o mesmo na noite de ano-novo. Sempre gostamos de repetir o que nos agrada.

Para nossa surpresa, demos conta de que éramos os únicos hóspedes da pousada. O caseiro veio se sentar conosco enquanto bebíamos cerveja, e, como programado, conversamos sobre o desaparecimento do geólogo. O caseiro era o mesmo da época, e ele havia levado Marina, a esposa de Rodrigo, de volta a São José dos Ausentes para pegar o voo para São Paulo. Perguntei se ele achava que ela era a assassina. Ele negou com a cabeça.

— Ela estava aqui com os filhos e não vimos ela sair da pousada. Além disso, ela estava a pé — explicou enquanto servia a cerveja no copo sob o ar reprovador de Frank; ele nunca gostou de ser servido, principalmente se tratando de cerveja.

O caseiro considerava quase impossível imaginar que ela tivesse saído a pé, sem os filhos, cometido o assassinato, sumido com o carro e voltado sem que ninguém notasse. Pareceu-me bem convincente, mas fiquei me perguntando se ele se lembrava desse dia nesse nível de detalhe. E ponderei que talvez sim, pois era um incidente bem específico.

Ao voltarmos à cabana, notei que Frank estava muito empolgado com a história. Teria eu encontrado um companheiro para a minha aventura como detetive?


CAPÍTULO 08

JÉSSICA

E NÃO SE FALA EM OUTRA COISA. A cidade pequena ferve com especulações sobre o geólogo morto. Eu me lembro bem de quando ele sumiu; o burburinho da cidade não foi menor, mas menos escandaloso. Agora se sabe que está morto.

Estou em casa, nossa maravilhosa e cinematográfica casa de fazenda. Nossa vida tem sido muito diferente desde que descobrimos as terras raras. No início, eu me senti um pouco mal, porque a jazida foi encontrada nas terras que meu avô dera ao seu Bucher. Meu avô teve muitas terras e muitos filhos. Em vida, deu um pedaço ao caseiro, que cuidava de tudo com tanta tenacidade. Lembro-me dele trabalhando, incansável. O resto foi dividido entre os filhos, que venderam, consumiram, dilapidaram.

Álvaro comprou quase tudo de volta, inclusive a parte do seu Bucher. Eu fui contra, afinal era só o que eles tinham e, no início, não queriam vender. Você foi lá, mamãe, já que eles trabalharam tantos anos para meu avô e você os conhecia bem, e voltou com uma história de que seria bom para eles.

Daniela Bucher foi minha colega de escola, e para estudar ela teve que ficar em Bom Jesus; assim, você me disse que era hora de reunir a família. Estaríamos fazendo um bem, um favor, segundo suas palavras. Desconfiei, você nunca faz o bem para ninguém que não você mesma. Você é egoísta; não ficou casada com meu pai por altruísmo, mas para não ter que admitir um erro. E sei que sempre deu um jeito de resolver sua questão amorosa longe de Bom Jesus.

Descobri a primeira vez em 2003, quando eu estava grávida do Alvinho. Foi por acaso. Nunca te falei, nunca falei a ninguém. Vi você falando ao telefone. Parece que foi em uma viagem a Morro de São Paulo. Você sempre fez viagens sozinhas. Excursões com mulheres da sua idade, velhas amigas de Porto Alegre. Não me achei nem em situação para contestar. Papai infiel, com suas pacientes-amigas e seu alcoolismo. Como

julgar? E teve outros. Também sei. E provavelmente vários dos quais nem vou tomar conhecimento.

Papai morreu de infarto em 2011. Um médico de cinquenta e oito anos. Não era gordo, mas a bebida e o estresse com certeza não contribuíram para uma vida longa. Não vivia da maneira saudável que se imagina para um médico. Às vezes, eu achava que ele vira tanta gente doente e morrendo que se frustrou e acreditou que doença e morte eram comuns, inclusive as dele. O coração mandou mensagens que ele fez questão de ignorar. Enfim… Escolhas.

Nós já havíamos nos mudado para a nossa casa da fazenda, que é bem maior do que o necessário, mas o Álvaro adora um luxo. A família dele teve dinheiro, e ele jamais conseguiria viver sem muitas das coisas às quais estava acostumado. Assim como ele quase não sobrevivera à ruina da família em Cachoeira do Sul, reviveu de forma reluzente quando se confirmaram as jazidas nas terras compradas do seu Bucher. Nenhuma outra terra que adquirimos contava com algo especial, somente aquele pedaço que parecia infértil.

Eu não consegui sentir a mesma felicidade vendo o desolamento deles quando ficaram sabendo. Dizem que o seu Bucher morreu de tristeza. Sei que se eu falasse isso você desdenharia. Você acha que todo mundo deve ser forte como você, mas eu não concordo.

Muitas pessoas na cidade dizem que meu marido deveria ter dado algo ao seu Bucher. Até eu acho, temos tanto agora… Mas tanto Álvaro quanto você teriam rido de mim por dias se eu tivesse sugerido isso. Fiquei calada como sempre. Você minimizou, dizendo que os Bucher nunca tiveram dinheiro, de modo que nunca sentiriam a falta do que nem conhecem. E eu ouvindo e olhando, como sempre. A observadora, o fantoche.

Álvaro, por sua vez, jamais teria feito algo para ajudá-los, nem por mim. Alegaria que seria como tirar do Alvinho. Alegaria qualquer coisa que fosse um pouco plausível. Sabe bem fazer isso, igual a você, mamãe. Como eu digo, vocês foram feitos um para o outro.

Eu me lembro de vocês sentados na sala da minha casa de infância em Bom Jesus, onde moramos juntos na época ruim. Álvaro argumentava que tinha muitas pessoas próximas para ajudar. O pai dele, por exemplo, que realmente ajudou a pagar as dívidas que sobraram da arrozeira.

Servi a vocês um espumante que o Álvaro colocara na geladeira depois de receber o laudo final da comprovação do valor das terras e assinado o contrato com o investidor que custeara a extração.

A casa foi feita por uma arquiteta de Porto Alegre, sua amiga. Você e Álvaro discutiram sobre o estilo. Você queria algo moderno, Álvaro queria uma casa colonial. A arquiteta fez um colonial moderno com grandes janelas até o chão e muita madeira, como se costuma usar na região.

Eu não quis nada. Nem fui questionada. Sentei-me no sofá com o Alvinho e ficamos jogando Banco Imobiliário enquanto vocês discutiam com a arquiteta, que também me ignorou.

No final, Álvaro me buscou para que eu visse a "minha" casa. Uma torrente de palavras para explicar que tudo o que fazia era por mim, para mim, a esposa mais linda e dedicada, blá-blá-blá. Pediu para eu tocar piano para a arquiteta, minha mãe elogiou minhas habilidades. Chopin encheu a sala com uma tristeza absurda. Toquei o estudo Opus 10 número 3, que se chama *Tristesse*. Ninguém notou a mensagem. Creio que a arquiteta foi embora sem ouvir a minha voz.

Mudamos em 2015. A festa de inauguração foi soberba, com um grupo de violinistas de Porto Alegre, no qual tocava o filho de uma amiga da minha sogra de Cachoeira do Sul. Veio muita gente, conduzimos nossos visitantes às pousadas locais.

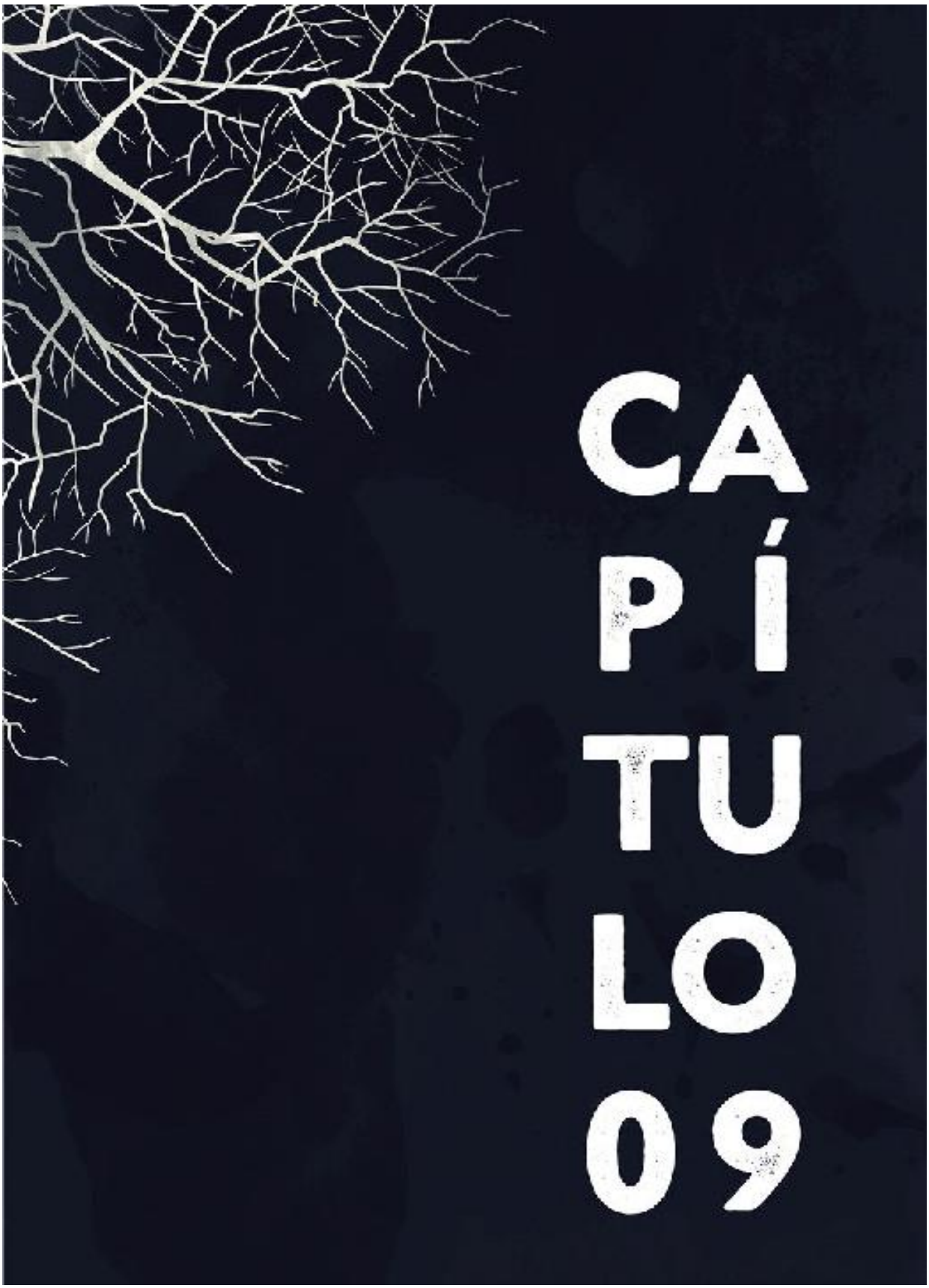
Vivemos aqui desde então.

Álvaro comprou um piano de cauda para mim. Eu gosto de tocar. Às vezes, fico horas decorando novas partituras, assistindo a vídeos no Youtube e tentando reproduzir. Antigamente, eu pensava em fazer um curso de Música em Passo Fundo, na universidade. Mas Álvaro é muito ciumento, e eu não deixaria Alvinho sozinho nem por um dia, muito menos com você. Primeiro porque você vive na rua ou viajando com as amigas, e segundo porque no meu papel de mãe você não atua. Para meu alento, descobri a internet e passei a achar nela tudo que eu preciso para a minha música.

Assim que a empresa passou a operar extraindo terras-raras com lucro, eu e Álvaro viajamos. Fomos a Orlando com Alvinho; Álvaro planejava a viagem desde que o garoto nasceu, mas aí veio a crise da arrozeira e o plano ficou parado. Depois, fomos à Europa junto com você, um velho desejo seu.

Pego um maço de algodão e o embebo no removedor de esmalte. Ao começar a passar o algodão nas unhas, estranho o fato de ele continuar branco até me dar conta de que o esmalte que está nas minhas unhas também é branco. Não é que o algodão não esteja sujo. É a sujeira que é invisível a meus olhos, me ocorre.

Você entra na sala com sua pseudoelegância usual, comentando o burburinho em torno da morte do geólogo. Muita sujeira branca nesse algodão, penso.


CAPÍTULO 09

ANA

O DIA SEGUINTE se mostrou promissor para nossa carreira de detetives amadores. Fomos para a casa principal da pousada, Frank com seu caderno de notas e uma xícara de café, e eu cheia de curiosidade.

O caseiro havia saído para resolver alguns problemas e estávamos sozinhos com a esposa dele e o filho de três anos, que brincava no pátio da casa acompanhado por uma menina bem maior.

Frank começou a interrogar a esposa do caseiro, Rosa, mas ela não pareceu se incomodar. Era uma moça jovem, nascida na região, gostava de observar e comentar sobre a vida das pessoas. Ela nos contou que nascera ali perto e que tinha ido pouco à escola. Trabalhara um tempo na propriedade pobre do pai, mas preferira ir para São José dos Ausentes aprender a fazer unhas. Seguira na carreira de manicure até se casar com Rogério, o caseiro, e se mudar com ele para a pousada.

A propriedade dos pais dela ficava bem próxima, uns vinte quilômetros dali. Toda a família dela morava pelas redondezas e todos se conheciam ou eram parentes de alguma forma, coisa comum em cidades pequenas. Ela costumava pegar um cavalo e ir visitá-los durante a semana, quando o movimento da pousada dava uma trégua.

Perto do meio-dia, chegaram mais dois casais para ocupar algumas das cabanas vazias.

Depois do almoço, fui até a cozinha para tentar extrair um pouco mais de informações e demonstrei genuíno interesse em cozinhas de fazenda. Como era da área da gastronomia, expliquei que tinha um café e estava em busca de ideias regionais, o que não era mentira.

O fogão era a lenha, no estilo gaúcho. Comentei que só faltavam os pinhões em cima da chapa, e ela me lembrou que pinhões só estão disponíveis no inverno. Ela tinha razão. Nesse momento, vi como meu conhecimento estava se distanciando daquela região e das coisas da terra.

Contei a ela que morava em Porto Alegre, que sou de Bom Jesus, e logo estávamos contando coisas de nossas vidas. Ela estava casada com Rogério desde 2014, dois anos depois de o geólogo sumir. Na época, ela estava com outro rapaz da região, o Jeferson. A polícia havia o interrogado também. Ele recebera uma grande quantia no mesmo ano, e aquilo chamava a atenção por ali.

— Nossa! Que coincidência você conhecer alguém que foi interrogado pelo crime — respondi para motivar a conversa, mas na prática não se tratava de nenhuma coincidência em uma região com poucos moradores, onde todos se conhecem e estão interligados de alguma maneira. — E você acha que havia algum motivo para desconfiarem dele?

— Não sei — respondeu ela com uma honestidade tocante. — Ele sumiu por um tempo. Fiquei na casa da mãe dele e não tivemos mais notícias. Voltou com a grana nos dizendo que fez um trabalho grande de carpintaria em um hotel em Porto Alegre. Achamos estranho, mas pode ter sido. Foi meio estranho.

— Quanto tempo você morou com ele? — perguntei enquanto ela jogava fora restos dos pratos de outros hóspedes.

— Pouco mais de três anos — comentou conforme preparava alguns legumes que imaginei serem para o jantar. — Mas aí ele começou a ficar muito ciumento. Acho que era porque ele estava me traindo. Homem quando trai se dá conta de que podemos fazer o mesmo. Conheci ele por meio de uma colega no salão de beleza da Marlene, em Bom Jesus. Conhece? — Eu conhecia. Era bem próximo à casa da minha mãe, mas eu não quis tirar o foco da conversa, então não comentei. — No início, ele era um querido, mas depois começou a me ameaçar. Falava que ia me envenenar com uma planta esquisita, não lembro mais o nome. Então voltei para a casa da minha mãe.

— De quanto dinheiro estamos falando? — questionei.

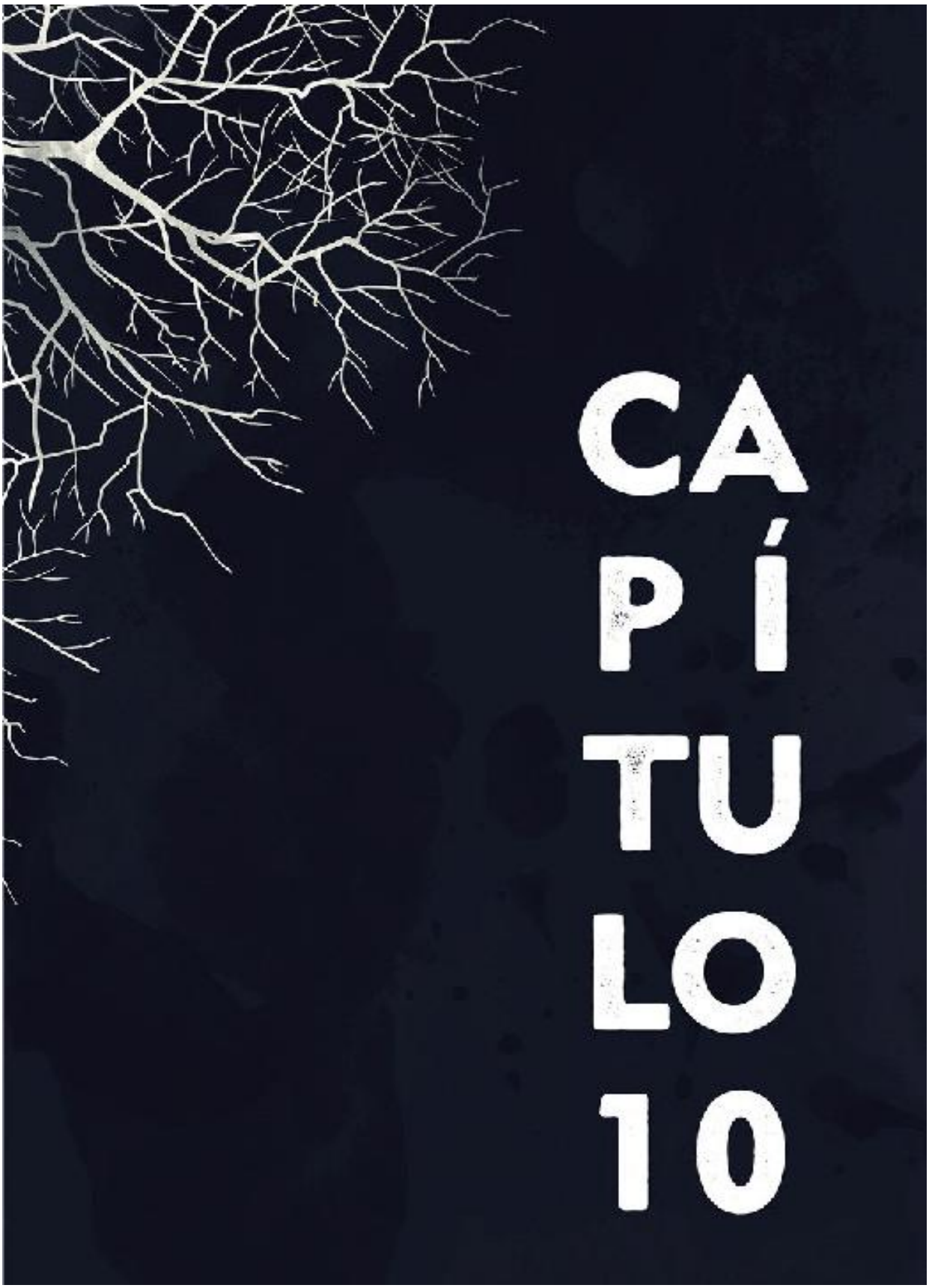
Ela começou a lavar os pratos depois de colocar luvas. Dava para ver que cuidava das unhas.

— Que ele trouxe de Porto Alegre? — Riu. — Imagina se ele ia me contar e correr o risco de eu pedir uma bolsa *Luis Viton* — pronunciou o nome de forma estranha, junto com uma gargalhada. — A polícia falou em dez mil reais, mas não creio que o Jeferson tenha visto tanto dinheiro assim na vida. Ele comprou uma moto na época, mas disse que a entrada tinha sido

paga pela madrinha. Ele tem uma madrinha rica em Bom Jesus. A mãe dele foi faxineira na casa dela. Ó se eu vou acreditar que madrinha de pobre dá presente desse preço… E dizem que o marido dela, médico, morreu na miséria. Dizem que gastou com outra mulher. E eu conheço a tal madrinha. Um nojo! Ela ia lá no salão. Eles falam dela como uma pessoa querida, mas não consigo imaginar. É bicho ruim, isso, sim. O Jeferson falava nela como se estivesse falando de Deus. Quase doente.

Imaginei que o "eles" no relato de Rosa se referia ao tal Jeferson e a família dele, mas não estava totalmente claro. Fiquei pensando em como era cruel essa vida de cidade pequena. As verdades e as mentiras tinham um caráter único, para não dizer outra coisa. Dependia do olhar e dos valores de cada um.

Havia alguns médicos em Bom Jesus, e me perguntei qual deles seria, mas não questionei.


CAPÍTULO 10

ANA

GUILHERME ME LIGOU no começo de fevereiro para dizer que Marina, a esposa do geólogo, iria a Bom Jesus para receber os restos mortais dele. Perguntou se eu não gostaria de estar lá para conversar com ela. Ele não poderia me deixar participar do interrogatório, algo confidencial, mas eu poderia falar com ela logo depois, caso ela concordasse.

Cheguei a me sentir um tanto indiscreta, a ponto de Guilherme notar meu genuíno interesse na história toda, me convidando a participar do que fosse possível. Também cogitei a possibilidade de, na verdade, ele estar pensando na própria carreira, de modo que me vira como uma possível ajuda na resolução do mistério. Não que eu tenha contribuído para muita coisa…

Na hora, fiquei em dúvida, mas a curiosidade foi maior. Além disso, por ser em Bom Jesus, eu ficaria na casa dos meus pais. O calor de Porto Alegre deu a última palavra, e decidi ir.

Combinei com a minha sócia que eu ficaria alguns dias fora para resolver questões particulares, e um dia antes do depoimento de Marina eu estava na cidade.

Cheguei sozinha na quarta-feira, perto da hora do almoço. Apesar de ser fevereiro e Frank não ter de dar aulas, ele estava envolvido na preparação de um artigo. Eu ainda insistira, dizendo que poderia escrever o artigo em Bom Jesus, mas ele argumentara com a falta de internet na casa dos meus pais, o que era um fato. Frank ficar em casa também resolvia o problema do cão.

A casa dos meus pais era simples, de alvenaria branca com grades pintadas de cinza-escuro nas duas janelas da fachada. A porta ficava do lado direito da casa, em um recuo que formava uma área pequena, de forma que a visita não ficava na chuva até abrirem a porta. À esquerda, havia uma garagem que fora construída bem depois da casa, o que ficava óbvio pelo fato de não estar integrada à arquitetura da construção, se é que se pode chamar de arquitetura a forma de se construir casas nas cidades do interior

do Rio Grande do Sul — arquitetura regional? Na frente, um jardim pequeno com um gramado e algumas roseiras, das quais minha mãe cuidava com uma reverência exagerada. O pátio era fechado por um muro também branco que meu pai se orgulhava de pintar a cada seis meses numa luta incansável contra o bolor úmido da região.

Minha mãe abriu a porta com o chimarrão na mão e, depois de me dar um abraço, me alojou no quarto que ela ainda considerava meu, apesar de eu não morar lá havia quase vinte anos. A primeira coisa que me contou foi que Marina ficaria hospedada no hotel Recanto das Orquídeas, o maior da região. Nem perguntei como ela tinha conhecimento disso, pois sabia que ela e a dona do hotel se conheciam há décadas, assim como todos na cidade.

Perguntei à minha mãe o que se lembrava da época do desaparecimento de Rodrigo. Ela lembrava de pouca coisa. O sumiço do carro alugado, a forasteira paulistana que voltara para São José dos Ausentes com os dois filhos, mas sem marido, e sumira da cidade sem que seus habitantes se preocupassem com o que aconteceria depois.

— Nunca mais se soube deles — concluiu.

São Paulo parecia para minha mãe o fim do universo, algo distante e etéreo.

Havia coisas suficientes para se fofocar à época. Disso eu tinha certeza. Minha mãe não era uma das faladeiras, como se costuma etiquetar as mulheres da cidade que adoram comentar os acontecidos e os não acontecidos também. O que não sabem, especulam ou inventam. E aí sabem. A minha mãe estava rodeada de faladeiras e, consequentemente, era impossível ficar completamente imune.

Depois do período eufórico em que pensei sobre o crime — ou seria um simples acidente? —, acabei entrando num estado de leve depressão no qual fiquei sem energia e sem interesse, e a ideia de que Frank fosse encontrar outra pessoa, meu cão fosse perecer de alguma doença estúpida ou o café fosse perder sua clientela começou a me atormentar, fazendo meu sono sumir.

Eu já sabia como relaxar nesses momentos. Correr ou andar ajudava muito, então coloquei roupas de esporte logo cedo e aproveitei para dar uma caminhada pela cidade, de forma a manter minha rotina. O depoimento de

Marina aconteceria às nove da manhã, *vai que acabo a encontrando pela cidade*, pensei.

O batalhão da polícia, onde se localizava a delegacia, ficava a poucos metros da minha casa, na rua Primeiro de Maio, uma das principais de Bom Jesus. Assim, saí da casa dos meus pais, que também ficava na rua Primeiro de Maio, às oito e meia da manhã, depois de recusar um monte de coisas com farinha branca e fritura e de aceitar duas cuias de chimarrão. O líquido amargo me fez bem, ativou alguns sensores diferentes. Eu tomava pouco chimarrão em Porto Alegre. *Deveria tomar mais*, pensei enquanto terminava de amarrar o tênis.

Desci a rua Primeiro de Maio e fui caminhar na avenida Manoel Silveira de Azevedo, uma avenida larga com duas pistas separadas por um canteiro com árvores plantadas a cada dois metros. Planejei o tempo de forma que eu estivesse de volta próximo às nove para ver a chegada de Marina na delegacia.

Segui a rua, que tinha pouco movimento apesar de ser a rua mais importante da cidade, caminhando tranquilamente e lembrando de cada casa e sua história. Onde morara, ou havia morado, a mãe de uma colega da escola. Onde vivia uma tia distante. Onde morava, ou havia morado, o eletricista da cidade, e assim por diante.

Consegui voltar perto das nove horas e vi um táxi deixando a delegacia. Pelo jeito, Marina havia chegado um pouco mais cedo para não perder a hora. Passei em frente à delegacia, mas não consegui ver nada de especial. Assim, voltei para a casa dos meus pais e tentei controlar a ansiedade sorvendo um mate com os olhos no Whatsapp.

Perto das onze da manhã, Guilherme me enviou uma mensagem dizendo que Marina concordara em falar comigo no hotel logo após o meio-dia.

Almocei alguma coisa, pois minha mãe estava desesperada por eu não ter tomado café da manhã, um hábito que eu perdera assim que conseguira sair da casa dela. Nunca tive apetite durante o período matutino.

Cheguei ao hotel Recanto da Orquídeas pouco depois do meio-dia a pé, depois de uma caminhada de dez minutos. O hotel sempre me pareceu muito grande para o tamanho da cidade. O prédio era imponente, construído com tijolos à vista e telhas de argila. A construção tinha dois andares, e a fachada, considerando o número de sacadas, aparentava ter seis quartos. Isso

assumindo que cada quarto tinha uma só sacada. Do lado esquerdo da fachada, havia uma espécie de torre sem sacadas, que poderia corresponder a dois quartos maiores ou ao da dona do hotel. Eu nunca havia pensado nisso, se eles moravam no hotel ou em algum outro lugar, mas não me lembrei de nenhuma casa que eu identificasse como sendo a "casa da dona Laura, dona do hotel". Era provável que ela morasse mesmo ali.

As sacadas, principalmente as do andar de baixo, eram tão expostas que pensei no quanto o interior era seguro. Imaginei essa mesma construção em Porto Alegre; jamais faria sentido.

A dona do hotel me recebeu com a afabilidade de sempre, e tive de investir mais de dez minutos a atualizando sobre minha vida e nossos problemas semelhantes como donas de locais frequentados por clientes, fornecedores de alguns itens comuns e por aí vai. É claro que não poderíamos deixar de falar sobre o geólogo, e ela estava superexaltada com a ideia de ter a esposa do morto, e possível assassina, hospedada ali. Comentei que o caseiro da pousada havia dito que não haveria tempo hábil para ela ter feito aquilo, o que a amiga da minha mãe descartou com desdenho.

— Quem quer dá um jeito. Ou ele achou que a moça ia passar na recepção do hotel para avisar que estava saindo para dar uma assassinadinha no marido e já voltava? — Riu alto e continuou enquanto terminava um chimarrão, o usual ronco demonstrando que a água havia acabado: — Além disso, a pousada é feita de cabanas. Qualquer um pode sair de uma cabana sem ser notado. Basta deixar o local pela estrada dos fundos.

Limpou a bomba com a mão e serviu o novo chimarrão, que soltava uma fumacinha teimosa.

— Nesse ponto você tem razão — ponderei mais para mim mesma, aceitando a cuia.

Resolvi não aprofundar o assunto; meu foco era Marina, que deixaria o hotel no dia seguinte para voltar a São Paulo.

Depois de finalizar a conversa com a dona no escritório do hotel, voltei à ampla recepção. No meio do salão rústico com lajotas cinza-escuro imitando pedra, havia dois sofás de três lugares que pareciam carregar a história de todos os hóspedes que passaram por ali. As duas cadeiras de apoio, possivelmente compradas em algum antiquário ou de alguma senhora

falecida na cidade, não combinavam com o sofá nem com a mesa de centro. Embaixo do conjunto ficava um tapete persa esmaecido que estivera na moda talvez quando eu era criança. Marina estava sentada lá, ou pelo menos a moça que acreditei ser Marina, pois o hotel parecia quase vazio.

Ela era uma moça de uns trinta e poucos anos de pele morena, pensei numa mistura de índia e europeia que havia dado muito certo. Era bonita. A boca fazia um pequeno vinco para baixo quando sorria, os olhos eram pequenos e amendoados e os cabelos pretos, lisos e pesados. Recebeu-me com simpatia.

— Muito prazer — disse ao dar apenas um beijo em minha bochecha, como é costume em São Paulo. — Meu nome é Marina, como você deve saber. O delegado Guilherme me disse que você queria falar comigo porque foi você que achou a ossada do meu ex-esposo, correto?

E se sentou no sofá, me parecendo à vontade. O vestido floral lhe caía bem.

— Correto — respondi, embaraçada por não saber o que ela poderia achar da intromissão. — Não quero parecer intrometida — continuei, me sentando em uma das poltronas —, mas achei que você poderia querer me perguntar alguma coisa. Enfim…

— Quero, sim. Na verdade, estou tentando entender o que aconteceu — respondeu ela, e imediatamente começou a me contar toda a sua vida.

Segundo ela, Rodrigo a havia pedido em casamento logo depois de receber uma proposta de emprego numa mineradora de grande renome em Minas Gerais. Casaram-se na Catedral de Santo Antônio, em Osasco, em uma cerimônia íntima. Ela havia perdido os pais bem jovem e acabara de voltar de um intercâmbio em Londres, pago pela avó que a criara.

Cinco dias depois, se despediram das suas famílias e o conteúdo de dois apartamentos simples de estudante foram fusionados em um apartamento de uma jovem família no interior de Minas Gerais, em uma pequena e bucólica cidade onde o maior empregador era a empresa na qual Rodrigo iniciara sua carreira. Logo viera o primeiro filho.

Rodrigo se empenhava na empresa e Marina focava na vida pacata da cidade com amigas cujos maridos também trabalhavam na mesma empresa. O filho tinha alguns problemas de saúde, que consumiam suas energias; iam

três vezes por semana ao fisioterapeuta. Assim, Rodrigo passava muito tempo envolvido com o trabalho, que ele adorava. Senti uma pontada de decepção na voz dela quando me contou esses detalhes. Uma frustração cicatrizada, como quando falamos de um professor ou chefe com o qual não nos demos bem em algum passado remoto.

Dois anos depois, ela engravidara da filha. Rodrigo já era gerente de área e estava fazendo mestrado com um professor na Universidade Federal de Minas Gerais baseado num projeto de pesquisa que desenvolvia com a empresa, que minerava terras-raras.

O tema terras-raras o fascinara desde o primeiro momento, segundo ela. Depois do mestrado viera o doutorado, durante o qual eles até passaram um ano na Holanda.

Ela odiara o ano fora do Brasil. As crianças não se acostumaram ao clima, especialmente o menino, devido à saúde frágil. Fora um ano bem complicado, pois a ausência do marido, que no Brasil ela compensava com a alegria das crianças e a presença das amigas, era quase intolerável.

Quando voltaram, ele ficara somente mais um ano na empresa. Muitas mudanças haviam acontecido na sua ausência, e ele não se sentia mais parte daquilo. Além disso, os conhecimentos adquiridos na identificação de terras raras não pareciam muito alinhados com a vaga que ele passara a ocupar.

Rodrigo resolvera que voltariam a São Paulo e que ele abriria uma empresa de consultoria especializada na avaliação de propriedades na busca por jazidas de terras-raras. Voltar para perto da avó e das amigas de Osasco e da faculdade fora um alento para Marina. Senti seus olhos amenizarem, principalmente quando ela falou da avó que a criara.

— Você não imagina como fiquei indignada quando, depois de conseguir uns dias para mim na vida atribulada dele, descobri que aqui tinha vários fazendeiros procurando esse tipo de consultoria — comentou ela com um ar irritado.

Em seguida, creio que lembrou que ele estava morto e sentiu um misto de arrependimento. Não só pelo sentimento, mas provavelmente por tê-lo verbalizado; um crime provavelmente ocorrera, do qual ela era suspeita. Falar mal do falecido era, sem dúvida, contraproducente.

— Claro que estou falando de indignação de esposa, nada sério — acrescentou com um sorriso bem genuíno e um ar de criança marota, do tipo que é pega roubando bolachas da avó. Imaginei-a pequena, em São Paulo, fazendo exatamente isso. — O dono da pousada o levou para conhecer um ricaço, queria uma avaliação. E deste surgiu mais outro, e assim passei o tempo todo sozinha com as crianças. Como de costume.

Ela pediu um suco de laranja à funcionária do hotel, e aproveitei para tomar a palavra:

— Desculpa reparar nisso, mas vi em vários lugares o comentário de que ele saiu da pousada porque vocês brigaram — acrescentei, cuidadosa, já sabendo que eu beirava a intromissão.

— Sim. Fiquei bem incomodada e discutimos. Rodrigo odiava discussões. Para ele, o ideal era eu em casa, envolvida com as crianças e sem reclamar. Mas ele não era o estilo marido mandão, apenas o marido que gosta de ter muito tempo para ele mesmo e suas terras raras. Se tive alguma rival, foi essa. — Riu, mas percebi que a piada tinha um gosto amargo. — Além disso, minha avó havia acabado de falecer. Meus pais morreram quando eu era criança, e fui criada por ela. E eu estava enrolada no inventário. Tudo contribuiu para o estresse.

A dona do hotel veio trazendo um chimarrão, que aceitei com a mesma veemência com que Marina o rejeitou, justificando a recusa com o talvez providencial suco de laranja. A velha amiga de minha mãe ficou por ali esperando a cuia, e não pude evitar concluir que aquela foi uma forma de ela ouvir parte da conversa.

— Fiquei anos imaginando onde ele estava. Sou sincera quando digo que descartei morte, porque me pareceu e ainda parece tão fora da realidade… Por outro lado, onde ele estaria? Ele não era de brincar com as crianças ou dedicar tempo a elas, mas nunca deixou que nos faltasse nada. Não ia sumir assim e nos abandonar. Não combinava.

Os olhos de Marina se encheram de lágrimas, e senti a voz dela ficar meio falha. Coloquei a cuia na mesa de centro, me levantei, me sentei ao lado dela no sofá e a abracei. Deixei que soluçasse forte até parar, o que demorou algumas longas dezenas de segundos.

— Obrigada — falou com o rímel borrado.

Tirou um lencinho da pequena bolsa que levava consigo e limpou cuidadosamente o rosto. Eu me levantei e fui até a cozinha do hotel, de onde trouxe água e um copinho de licor. Ela aceitou ambos.

Sentei-me de novo em frente a ela, cruzei as pernas e esperei ela tomar o licor doce. Licor é melhor que água com açúcar, um copinho é suficiente para relaxar; eu já havia recorrido ao licor em momentos em que não estava bem. Isso antes de conhecer Frank, com certeza. Pensei, com um sorriso, que Frank era minha dose de licor eterna, e senti uma segurança gostosa.

Marina continuou:

— Mesmo sabendo que ele não sumiria sem se preocupar com as crianças, eu preferi acreditar que ele ficou de saco cheio e foi embora. Ele sempre falava de um professor no exterior com quem queria fazer o tal de *postdoc*. E eu cansei de falar que se ele quisesse ir, iria sozinho. No primeiro ano, eu fantasiei muito que ele me ligava se desculpando, dizendo que nos mandou uma passagem para irmos nos juntar a ele. Mas nunca aconteceu.

Ela não me pareceu muito convincente, não sei bem por quê. Eu já estava me sentindo próxima a ela, cresceu entre nós duas uma empatia agradável. Não me pareceu convincente, mas ao mesmo tempo não me passava nenhum sentimento negativo. Pelo contrário.

Mudei de assunto:

— Quando você volta a São Paulo?

— Vou ficar aqui a semana toda — respondeu. — Tenho que liberar os restos mortais, cuidar do transporte a São Paulo e um monte de outras burocracias, de acordo com o que me disseram na delegacia hoje de manhã. Rodrigo não tem mais os pais, só um irmão que mora no Canadá e não pôde vir às pressas — complementou.

— Eu também ficarei — comentei, já me levantando para voltar para casa. — Minha família é daqui. Eu moro em Porto Alegre, mas vou ficar na casa dos meus pais resolvendo alguns assuntos pessoais nesta semana. Como a cidade é bem pequena, é provável que nos vejamos de novo. Me ofereço para te dar todo o suporte que precisar, um ombro amigo, ou até se se sentir bem para ir tomar um chimarrão conosco.

Ela sorriu.

— De chimarrão eu não gosto. Desculpe. — Sorriu, meio embaraçada. — Até tentei quando estávamos na pousada, mas achei muito ruim.

Ela contorceu o rosto em uma careta, como quem coloca um remédio amargo na boca.

— Talvez chimarrão não seja mesmo algo para quem não está acostumado desde pequeno. Meu marido é alemão e faz a mesma cara — comentei, rindo, e me senti aliviada por termos trocado de assunto.

O peso do manto fúnebre que acompanhava a morte do marido não estava mais ali na sala conosco. Ficou claro para mim que havia passado bastante tempo e que o assunto, ao mesmo tempo em que a emocionava, já estava distante. Lembrei-me ainda que ela se casara com outro nesse meio-tempo.

Despedi-me, deixando o número do meu celular.

Passei no escritório da amiga da minha mãe, que havia se afastado de novo para não parecer enxerida, e senti o sarcasmo quando ela comentou que aquela moça doce jamais teria assassinado o marido. Voltei rapidamente pelo mesmo caminho a tempo de encontrar a minha mãe no salão de beleza, como havíamos combinado.

O salão de beleza ficava em uma casa na mesma rua onde minha mãe morava, a cerca de uns duzentos metros. Era uma casa de madeira, como a maior parte das casas de Bom Jesus. A casa um dia havia sido branca, mas adquirira um tom acinzentado no qual a tinta descascada matizava com a cor da madeira envelhecida. A parte de cima fora pintada de rosa-antigo, bem como as aberturas e a grade de ferro, que, copiando o estilo barroco europeu do final do século XVIII, fechava o jardim e não combinava em absoluto com a arquitetura da casa.

O salão ficava na sala da casa, estava lá desde que eu era criança. Havia duas poltronas de couro surrado no estilo anos 1970, nas quais duas clientes estavam sentadas, sendo uma delas a minha mãe, e em frente a elas, em dois bancos baixinhos, duas manicures em uma posição que me pareceu condenável em termos de ergonomia.

A dona do salão me conhecia desde pequena e foi me receber com um chimarrão que não aceitei. Segundo a minha mãe, virei a porto-alegrense chata que tem nojo de tudo; realmente não tomo chimarrão com pessoas que

não conheço bem. Apesar de conhecer a dona do salão, sabia que aquela cuia tinha sido bolinada o dia todo por muitas pessoas desconhecidas.

— Obrigada, acabei de tomar com a dona Laura do hotel — falei, o que não era mentira.

Ela passou a cuia para a minha mãe, que me olhava com um sorriso de quem sabia da minha mentirinha, pegou a vassoura e começou a varrer os restos de cabelo do chão. Continuou falando comigo:

— Tua mãe estava me contando outro dia que você achou um esqueleto. Que coisa horrorosa! Eu teria desmaiado e nunca mais ia dormir sem sonhar que ele me perseguia. Credo! — Fez o sinal da cruz em frente ao rosto apavorado. — Morro de medo de espíritos. Já vi alguns. Tinha uma menininha que me aparecia quase todos os dias logo que eu casei. Eu acordava de noite e ela estava lá, no canto do quarto, iluminada por uma luz que nem santa. Às vezes abria os braços na minha direção. Coitado do meu marido, acordando com meus gritos. Quando ele acendia a luz, ela tinha desaparecido.

Ela parou de trabalhar para ver o efeito que sua história produzira. As outras mulheres a olharam com um ar de terror, uma delas se benzeu.

— Cruzes, Marlene! — falou minha mãe. — É verdade isso?

— Claro! Mas agora faz anos que não vejo. O espírito deve ter achado a sua paz. Dizem que é gente que não está enterrada. Esse geólogo, coitado, devia estar aparecendo para alguém também. Me disseram que a esposa está aqui para buscar o corpo e vai levar para enterrar. Até que enfim, pobre vivente…

E se benzeu de novo, os olhos cheios de condolência.

Eu, que não acredito em fantasmas, não estranhei a história, pois havia ouvido mil histórias semelhantes de comadres da cidade. Parecia que em Bom Jesus quase todo mundo já tinha visto algum fantasma. *Menos eu*, pensei, divertida. Essa era talvez a prova de que, de alguma forma, eu não pertencia àquele lugar.

— Eu estava com a esposa dele agora — comentei.

— Coitada! — continuou Marlene enquanto arrumava uma unha que sofrera danos durante alguma escova feita naquele dia. — Além de ter perdido o marido, ainda tem gente pensando que ela é a assassina. Mas a

Rosa, que era manicure aqui e agora casou com o Rogério, o que trabalha na pousada lá onde o geólogo estava, me disse que o Rogério jura que era impossível ela ter sumido com o marido, pois estava a pé.

— A Ana também tava na pousada com o marido quando achou o crânio — lembrou a minha mãe.

— Sim. Dizem que é bem bonito lá. Eu nunca fui — comentou a dona do salão. — Só fui até Silveira pro casamento de um primo do Josué.

Sorri como se estivesse entendendo tudo, o que não era verdade, já que eu não tinha a menor ideia de quem era o tal Josué, mas minha mãe parecia estar acompanhando a conversa. Ela podia estar fazendo de conta, assim como eu, mas ninguém perceberia.

— Na época a polícia pensou que aquele teu primo que morava lá perto, o tal Jeferson, tinha matado o geólogo. Não foi, Anabel? — perguntou, se dirigindo à moça que fazia o pé da outra cliente.

Anabel deu uma olhada para ela, mas não respondeu. Logo baixou a cabeça e continuou passando um esmalte *nude* nas unhas do pé da cliente.

— E por que ele teria feito isso? — perguntei, interessada.

— O povo aí fala que ele recebe dinheiro pra matar as pessoas — completou Marlene, que acompanhava a conversa enquanto lixava as unhas.

— Ele é marceneiro — resmungou Anabel, sem levantar a cabeça. — Não é, dona Bia? — perguntou à cliente cujas unhas do pé ela pintava.

A mulher com ar arrogante não respondeu e em seguida se levantou, colocou o chinelo com separadores entre os dedos, pagou e saiu.

Olhamo-nos, mas ninguém falou nada. Nem Anabel, que ficou sem resposta para sua pergunta.

— E se deu muito bem, porque tem uma moto desde aquele ano, concorda? — comentou Marlene de forma cáustica. — Eu não gosto da cara dele.

— O povo morre de inveja dele só porque ele conseguiu comprar coisas com seu trabalho — contestou Anabel conforme jogava fora a água usada para fazer os pés da cliente.

— O povo aqui estranha quando alguém consegue comprar coisas que os outros não têm — continuou Marlene, se desculpando levemente. — E foi

bem na época do sumiço do geólogo. Assim, não é de se estranhar que a polícia tenha investigado.

Anabel levantou a cabeça, ainda ofendida.

— Coitado do Jeferson. Muita inveja. A madrinha dele até pagou a entrada — disse enquanto voltava com a bacia vazia. — É bom ter madrinha rica. O Jeferson adora tanto ela que a Rosa morria de ciúmes.

Marlene continuou em tom alto, de forma que a moça a ouvisse do banheiro onde lavava os apetrechos para usar com a próxima cliente:

— Mas tu concorda, Anabel, que é estranho alguém que não tinha nada de repente aparecer com dinheiro pra comprar moto?

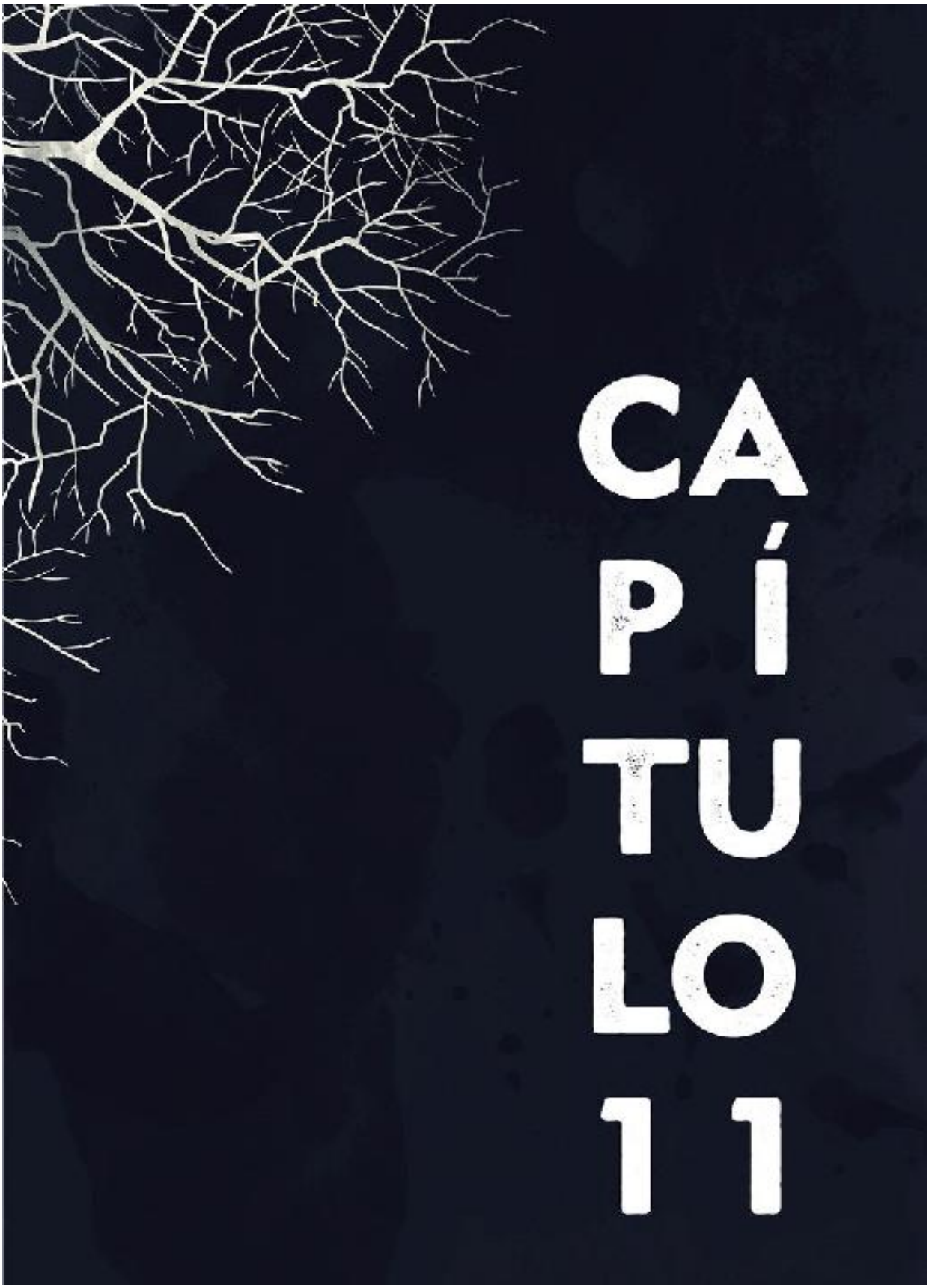
Anabel voltou com a cara fechada. Colocou a bacia no chão, no mesmo lugar onde estivera antes, e enrolou o cabelo em um coque, o qual prendeu com uma piranha. Retrucou:

— Ele fez um trabalho grande em Gramado. Ele nos disse. Um hotel inteiro de madeira.

Marlene lhe lançou um olhar incrédulo, depois olhou para mim, tentando ver se eu exibia o mesmo ceticismo, mas encontrou olhos sem expressão, o que a desencorajou a continuar a conversa.

Eu já estava cansada de vê-las discutir sem nenhum resultado. Cada uma entrou na discussão como saiu: acreditando no que queria.

Resolvi conversar com Guilherme no dia seguinte sobre esse tal Jeferson. A namorada dele na pousada havia me dito que o hotel era em Porto Alegre, mas isso não necessariamente significava alguma coisa, pois histórias passadas de boca em boca vão mudando. É normal.


CAPÍTULO 11

MARINA

ESTIVE NA DELEGACIA, experiência horrível. Eu me sinto totalmente estranha por estar aqui, neste lugar onde nunca mais imaginei estar. Apesar de eles terem sido simpáticos e polidos, imagino que sou suspeita; as perguntas deixaram isso bem claro. Quase me arrependo de ter recusado que o Matt viesse comigo. Consigo ver a força daqueles olhos azuis por trás das lentes dos óculos sem armação mesmo sem ele aqui. É o que me faz sentir confiança e me sentir protegida nesta terra. Tão diferente de você…

Aqui, me lembro de você. E isso não é bom.

Tive que prestar muita atenção em tudo que falei para não deixar transparecer minha decepção com você. É absurdo, mas sou suspeita. Não nos dávamos bem, brigamos bem no dia do seu desaparecimento e, para completar, me casei com outro logo depois. O pessoal da pousada sabe que eu não saí, que fiquei ali, sem carro, quando você foi embora. Além disso, fiquei com as crianças. Tenho o famoso álibi, mas algo me diz que não será o suficiente; muitos filhos diriam simplesmente o que a mãe pediu.

Sinto a pressão psicológica da situação. Adoraria ter a vó Mirinha para ligar e desabafar sobre isso tudo. É tão estranho quando você cresce e fica sem nenhuma família… Não tenho irmãos, não tenho pais nem avó. Mas tenho o Matthew. Ele é minha família, meu mundo, meu pilar na Terra. E tudo o que eu queria era estar ao seu lado. Não é justo que mesmo depois de morto você continue me afastado dele…

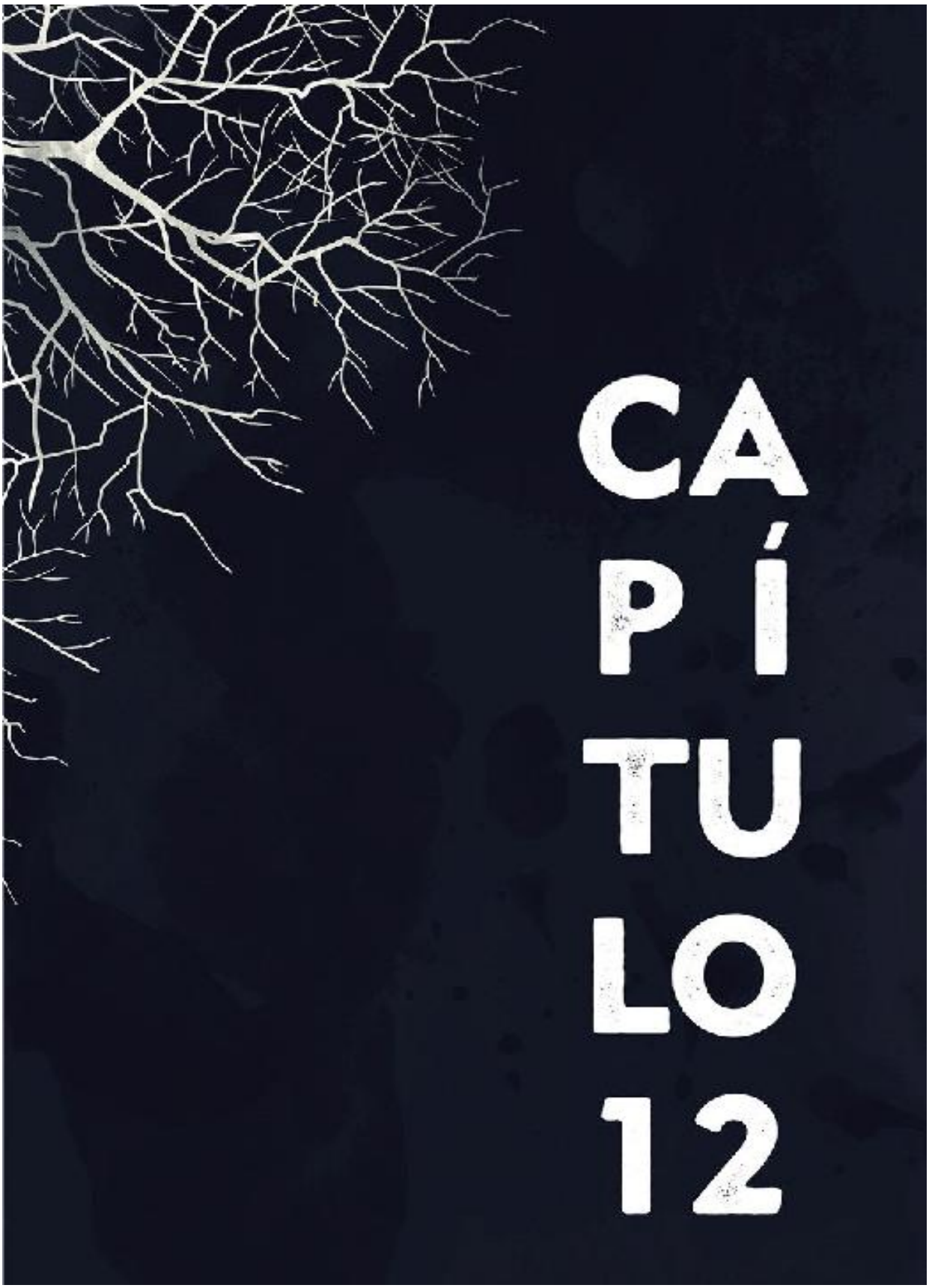
Hoje a moça veio aqui, a que achou seu crânio. Bem simpática. Contei minha vida a ela, é uma forma de fazer a informação se espalhar pela pequena cidade. Sei como o pessoal conversa em lugares como este, no Rio Grande do Sul não deve ser diferente de São Paulo. Interior é interior. Eu me lembro bem de quando eu ia para Cabreúva com minha prima. Não há segredo nesses lugares.

Nem sei por que me importo. Creio que seja porque quero que as pessoas saibam que sou uma pessoa comum. O que não serve para nada, só

para o meu alívio pessoal. No final da semana vou embora e realmente nunca mais voltarei a este lugar. Disso tenho certeza!

É engraçado contar a minha vida de uma forma rápida. É frustrante: nada muito espetacular. Viajei, morei fora, mas sempre na sua sombra. Nem faculdade eu fiz. Culpa minha. Ou não. A vó Mirinha sempre me educou para crescer e ter um marido que cuidasse de mim. Na visão dela, era uma segurança ter quem pagasse nossas contas, sempre me disse que eu iria herdar a fazenda e ficar muito bem. Mal sabia ela que você era um narcisista que aproveitava suas viagens de trabalho para encontrar umas senhoras. Cuidar de mim… Ela teria ficado horrorizada.

A propósito, eu não comentei esse detalhe com a polícia. Faz de conta que não sei. Apesar de eu ter um álibi, não preciso ficar dizendo para todo mundo que eu tinha vários motivos para querer me livrar de você. O que nem é verdade; se toda mulher traída quisesse o marido morto, nossa população ficaria bem feminina.


CAPÍTULO 12

ANA

O DIA ACORDOU NUBLADO, mas quente, em Bom Jesus. Nuvens carregadas tornavam o lugar ainda mais cinzento do que normalmente. O silêncio da cidade me passava um sentimento misto: positivo, de saudade da meninez, e negativo, com a sensação de cidade fantasma.

Meu humor havia melhorado, talvez efeito da proximidade da casa da minha infância; de outra forma, estaria desejando ardentemente o barulho familiar do meu café. Tem gente que usa o barulho de fundo de um café lotado para melhorar o foco, há até alguns aplicativos que oferecem o som. Eu entendo.

Levantei-me, fiz um rabo de cavalo, coloquei uma calça *jogging*, meus tênis de corrida e uma camiseta justa e caminhei até a delegacia. Ao entrar no prédio, notei que as duas policiais estavam sozinhas.

Sentei-me com as meninas e recebi um chimarrão recém-feito da mão de uma delas. O nome dela era Fernanda, e era a policial que Guilherme falara que estava na delegacia desde a época do desaparecimento de Rodrigo.

— Você estava aqui em 2012, quando o geólogo sumiu? — perguntei, fazendo um ar desinteressado.

Ela anuiu. Os óculos de grau indicavam alta miopia. Ela parecia bem jovem, jovem demais para trabalhar em uma delegacia.

— Eu tinha acabado de passar no concurso e foi muito noticiado. Veio gente da RBS. Parece que o cara era bem conhecido — respondeu, recebendo da minha mão a cuia já vazia.

— É. Li no jornal que ele era consultor de terras raras e parece ter trabalhado em algumas grandes empresas. Parece que o cara era o bambambã nessa área. — Depois de uma pausa, continuei: — Ouvi falar que o tal doutor Álvaro, que tem a fazenda vizinha ao dono da pousada, ficou milionário com isso, correto?

— Sim — assentiu Fernanda. — E não só ele. Você sabe que ele nem era dono da terra desde sempre, né? O dono das terras era o pai de uma colega minha do colégio. O pai dela vendeu as terras por quase nada para o doutor Álvaro. Quando ele descobriu a existência das jazidas, já era tarde. O pobre coitado morreu de desgosto no ano passado. E ele tinha recebido essas terras do pai do doutor Schoerr, sogro do doutor Álvaro.

— Nossa! — exclamei. — Que azar! Ele nunca pensou em mandar avaliar?

— Bom, antes de 2012, da vinda do tal geólogo, ninguém sabia dessas tais terras raras. Até hoje a maioria não entende do que se trata. Só sabem que vale muito. Sei que ele avaliou também as terras onde fica a pousada, mas não achou nada.

— Quando o doutor Álvaro comprou as terras do pai da sua colega? — perguntei, interessada.

— Acho que foi logo em seguida, ainda em 2012 ou talvez 2013. Não lembro exatamente.

— Significa que o tal geólogo veio antes de ele vender? Será que ele não pensou em pedir uma avaliação das suas terras também? — comentei enquanto brincava com duas algemas que eu achara em cima da mesa.

— Não, com certeza não! Ele era um senhor bem simples. Não sei nem se sabia o que são terras raras, mesmo depois da visita do geólogo. Não sei nem se sabia o que é um geólogo. Além de humilde, o pai da minha colega era um homem pacato, nunca foi homem de negócios. Ficava feliz com as vaquinhas, galinhas e outro bichos da sua fazenda. E era uma terrinha ruim, perto da montanha. — Lembrei-me da pequena chácara de uma amiga, mas devia haver várias na região com características semelhantes. — Fui muito para lá quando criança com a minha colega. A casa era simples, mas a mãe dela cozinhava muito bem. Eu sempre engordava alguns quilos nos meus finais de semana com eles. Ela fazia tudo em casa, com um carinho enorme. Coitada! Hoje ela mora aqui em Bom Jesus numa casinha, e o doutor Álvaro é milionário — comentou a policial com tristeza.

Nesse momento, Guilherme entrou na delegacia.

— Eu estava no hotel. Me chamaram. A dona do hotel acha que alguém tentou envenenar a Marina.

— Senhor! — exclamei. — Como assim?

Alguns segundos depois, estávamos ao redor dele fazendo perguntas ao mesmo tempo.

— Marina encontrou um copo com um suco estranho no seu quarto e achou que era alguma cortesia da dona Laura, mas a dona Laura falou que não foi ninguém do hotel — disse Guilherme rapidamente para ver se saciava a curiosidade geral. — Como a Marina está num quarto no térreo, o povo está alvoroçado dizendo que alguém entrou lá e colocou o copo.

— E foi isso mesmo? — perguntei, horrorizada.

— Não sei. Estou com o líquido aqui. Temos que mandar para análise. — Ele tirou um vidrinho do bolso e mostrou para nós. Eu fiquei estarrecida com a ideia. Veneno! Não podia ser, com certeza se tratava de um engano. Como se Guilherme lesse os meus pensamentos, completou: — Pode ser loucura do povo, que está atucanado com essa história de assassinato.

— Mas a Marina está bem? — perguntou a colega de Fernanda, uma policial jovem de cabelos cacheados e mechas douradas.

Eu me lembrava de ela ter se apresentado como Mônica quando estávamos na pousada. Ela parecia bem introvertida, o que eu não sabia se era uma boa característica para uma policial civil.

— Ela não bebeu — confirmou Guilherme, guardando o frasco em uma caixinha plástica que imaginei ser refrigerada, mas não tive certeza. — Ela é medrosa e resolveu perguntar, achou esquisito um copo de suco de laranja no criado-mudo sem que ela tivesse pedido. E aí ninguém sabia de onde veio. Bem estranho!

— É mesmo… — concordei.

Ele saiu e voltou com uma caixa de isopor, que entregou à policial de cabelo cacheado. Ela mantinha o ar sério conforme ouvia a conversa.

— Pega isso e envia para o laboratório para ver se tem mesmo alguém querendo apagar a nossa paulistana, ou se o pessoal do hotel está fazendo tempestade em copo d’água. Vai que quem fez o tal suco se esqueceu…

Despedi-me para deixá-los trabalhar; estava indo muito à delegacia. Atravessei a rua e caminhei rapidamente para a casa da minha família com as bochechas vermelhas de ansiedade. Minha mãe notou na hora.

— E essa cara de que morreu o papa?! — exclamou, fazendo o sinal da cruz.

— O Gui acha que podem ter tentado envenenar a Marina — falei, e logo me contive, imaginando se não seria uma informação privilegiada, algo que ninguém de fora da investigação podia saber. Pedir para a minha mãe não comentar com ninguém era provavelmente inútil, mesmo assim falei: — Mãe, não sei se podia contar isso. Ouvi lá na delegacia.

Sentei-me à mesa da cozinha e logo me dei conta de ter cometido um grande erro, ou melhor, dois grandes erros, pois ela me interrompeu, rindo, e colocou um pedaço do bolo de milho na minha frente. Senti arrepios: de nojo pelas calorias e de vontade de comer. Teria de decidir depois qual sentimento prevaleceria, mas o desgaste de explicar para a minha mãe que eu ficaria em jejum mais uma manhã tornava mais vantajoso comer o bolo de uma vez.

— Essa é uma cidade pequena, e todo mundo vai saber logo de qualquer forma! — exclamou a minha mãe, observando se eu comia ou não o tal bolo.

No começo da tarde, não suportei a ideia de ficar por ali esperando notícias. “Veneno” parecia uma palavra mágica. O mistério me consumiu completamente, não pude evitar. Quando a ideia brotou em meus pensamentos, eu resisti o quanto foi possível, disse a mim mesma que o mais sábio a se fazer era esperar o resultado do teste que atestaria se tratar de veneno, ou não. Minutos depois, eu estava andando em direção ao hotel, sem ter muita certeza do que eu iria fazer. Talvez dar uma olhada nos arredores…

A história do envenenamento não saía da minha cabeça, e isso me pareceu um indício de que, sim, havia algo muito estranho nessa história. Pareceu-me, também, que se eu me dedicasse poderia descobrir o que tinha acontecido, quem colocara o suco no quarto de Marina; claro que nenhum funcionário se esqueceria de tê-lo preparado, como sugerira Guilherme. O fato do delegado da cidade acreditar em algo tão fantasioso só reforçava minha ideia: talvez a polícia de Bom Jesus não tivesse investigado direito.

Enquanto eu caminhava pela rua que dá acesso ao hotel, o qual ficava distante do centro da cidade, identifiquei, vindo em direção contrária, o carro da dona Laura. Apertei os olhos e tive certeza de ser ela ao volante e

Marina no passageiro. Estavam tão envolvidas conversando que nem me notaram, eu tinha certeza.

Ao alcançar o grande gramado que recepcionava os turistas interessados no hotel, um espaço verde tão grande quanto um campo de futebol, observei que não havia nenhum carro estacionado ou alguém à vista; somente um cão que cheirou os meus tênis de maneira bem incisiva, talvez identificando que meu buldogue costumava usá-los de travesseiro.

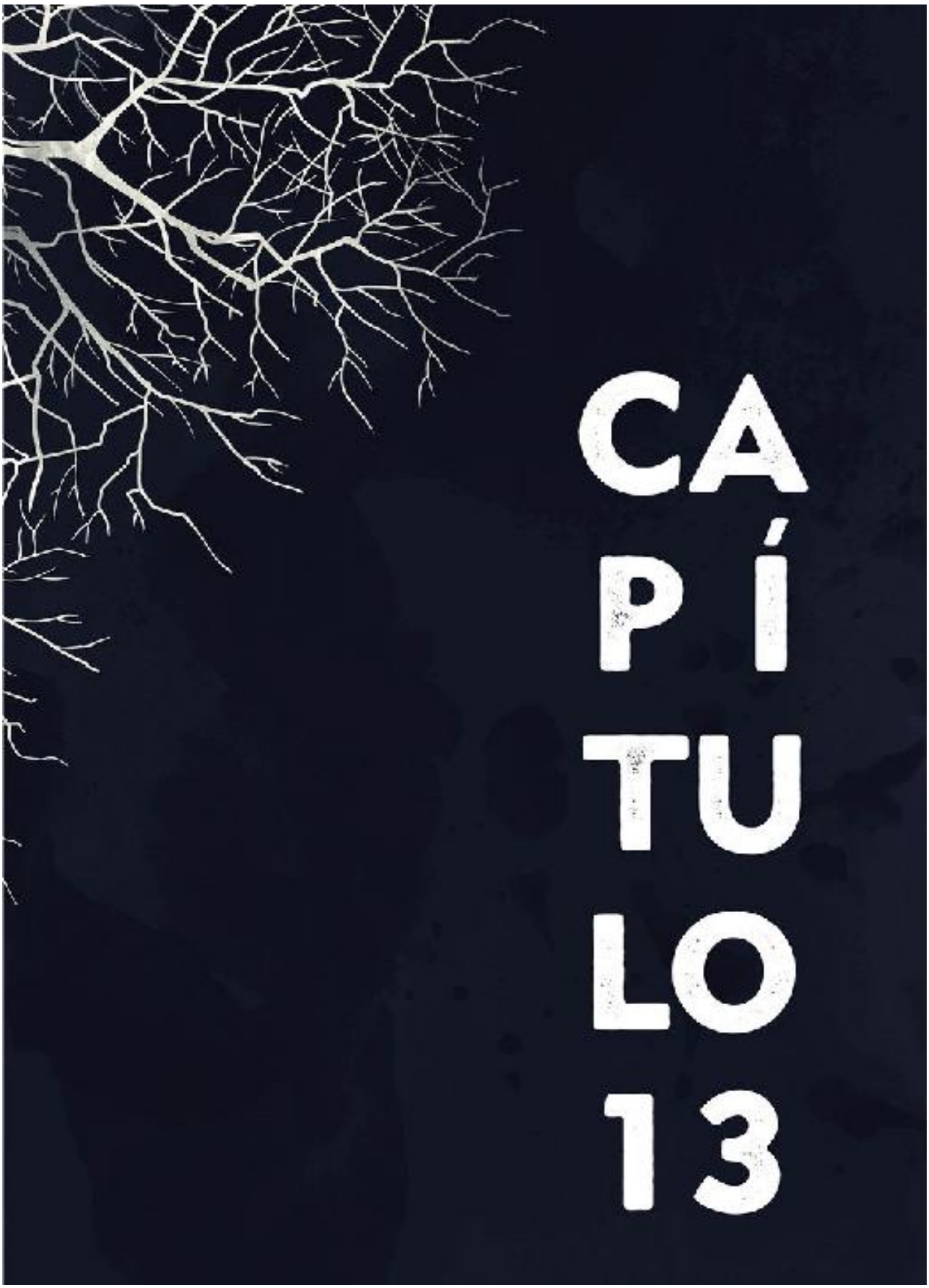
Eu ainda não tinha tomado minha decisão, mas reparei que todos os quartos térreos possuíam janela e varanda. Passei pelo gramado devagar, tentando encontrar uma maneira de identificar o quarto de Marina. Foi então que notei que minha atitude poderia soar bem estranha a quem aparecesse: rondar janelas em vez de entrar pela recepção não é algo comum de se fazer.

Rapidamente concluí: estava apenas averiguando o quão fácil seria para alguém entrar em um dos quartos sem passar pelo saguão de entrada, onde certamente seria notado.

Caminhei até uma janela, olhei ao redor. Ninguém. Senti a adrenalina se espalhar pelo meu corpo quando decidi tomar uma atitude ousada. Espiei pela janela, torcendo para não invadir a privacidade de algum hóspede desavisado. Apenas um quarto de hotel, cama branca e toalhas limpas.

As informações jorraram em meus pensamentos: a ida até o centro da cidade certamente tomaria algum tempo de Marina e dona Laura; o hotel só contava com um funcionário para fazer tudo naquele horário; eu não faria nada de errado, só queria testar se seria capaz de alcançar o quarto de Marina sem ser anunciada.

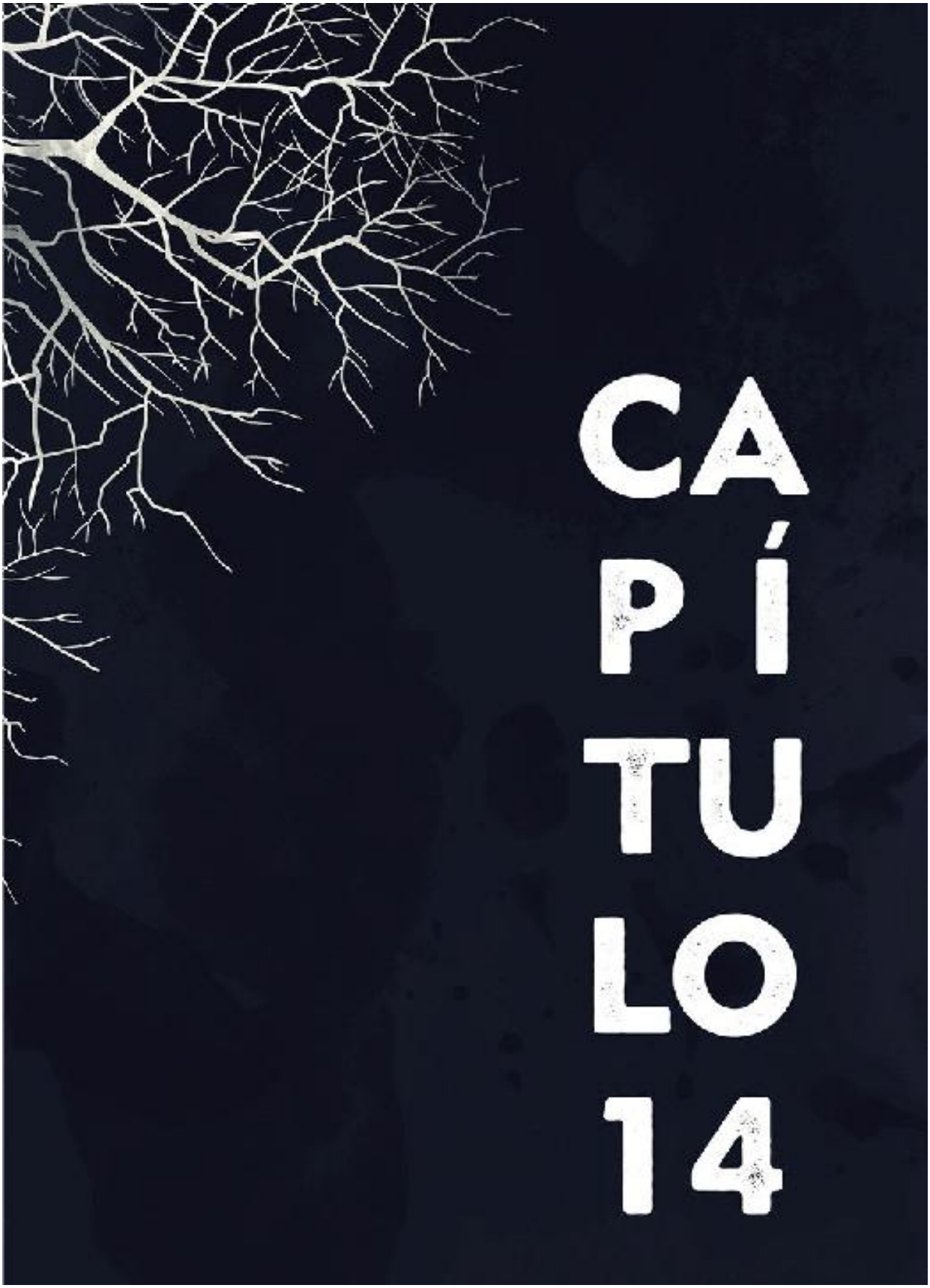
Segundos. Precisei de poucos e lentos segundos para decidir.


CAPÍTULO 13

MARINA

ESTA CIDADEZINHA , que em algum momento considerei pitoresca, agora parece uma camisa de força. Quero sair daqui, mas não deixam; e é tudo culpa sua. Os minutos se arrastam, e a vontade de estar com Matt aumenta cada vez mais. Quero minha vida de volta, deixar este lugar para sempre! Preciso que as pessoas entendam que eu não tenho nenhum envolvimento com sua morte.

Pelo menos dona Laura me trouxe para comprar algumas lembrancinhas para as crianças. Isso é bom, não aguentava mais aquele hotel. Pena que não encontrei nada de interessante. O melhor a fazer é me desculpar pelo passeio tão curto, dar uma desculpa e voltar para o hotel. Talvez uma ligação por Skype com Matt alivie um pouco a saudade.


CAPÍTULO 14

ANA

ANTES DE VERIFICAR se uma das janelas estava aberta, ensaiei a resposta plausível caso fosse pega. “Estou testando a segurança do local; a ideia é verificar qual a dificuldade de um estranho ao invadir um dos quartos do hotel para envenenar Marina.” De fato é plausível, e eu não estaria mentindo. O fato de esse ser o trabalho da polícia pode ser tratado como um detalhe; algo que escaparia a qualquer um diante de indignação pela tentativa de homicídio na *casa ao lado*.

Uma a uma, fui testando as janelas, concluindo que todas estavam trancadas. Se as janelas ficavam trancadas, por onde o intruso invadira o hotel? Teria Marina passado a se preocupar com sua segurança apenas após o ocorrido com o suco? Talvez.

Longe de estar satisfeita, tentei pensar como alguém que precisasse invadir o hotel. Sem sucesso com as janelas, o que eu tentaria? Foi então que uma antiga história invadiu meus pensamentos. Anos antes, um larápio ficara famoso por usa eficiência em surrupiar itens valiosos de turistas na praia. Quando fora preso e questionado, ele revelara sua estratégia: simplesmente agia com naturalidade, não demonstrava estar preocupado em ser pego; não olhava para os lados para checar se estava sendo observado, não titubeava por um segundo sequer. Aos olhos das pessoas ao redor, parecia ser o dono das coisas que furtava.

Assumo a mesma tática e tranquilamente entro no hotel, sem anunciar minha presença. Acertei, o saguão estava completamente vazio. Logo escutei uma música gauchesca vindo dos fundos do prédio, provavelmente uma rádio local. Em silêncio, esperei pelo tempo necessário para ir até um dos quartos e voltar; nada aconteceu. Confiante, testei outra possibilidade: caminhei pelo saguão de maneira ruidosa, arrastando os sapatos, batendo os pés vez ou outra. Confirmei que o som do rádio impedia que a funcionário, nos fundos do hotel, percebesse que havia alguém por perto.

Concluí que qualquer um poderia invadir o quarto de Marina sem dificuldades. Foi impossível não comparar o interior com a cidade grande;

nenhum dono de hotel de Porto Alegre deixaria seu estabelecimento abandonado dessa maneira. E não só devido à preocupação com a segurança, mas também para assegurar um bom atendimento aos clientes.

Ao me virar para ir embora, meus olhos esbarraram no armário da recepção; a porta de vidro me permitiu visualizar as chaves expostas em ordem numérica. Apenas um dos números não estava com sua respectiva chave. Ao que tudo indicava, apenas Marina estava hospedada ali, e eu já sabia o número do seu quarto.

Fiquei inquieta quando, mais uma vez, a ideia grudou na minha mente. Sem que eu percebesse, já estava encontrando justificativas. “Vim ao hotel para ver como Marina estava. Enquanto aguardava, meu corpo resolveu eliminar todo o chimarrão consumido no dia, estou andando pelos corredores à procura do banheiro.” Seria um tiro no escuro com poucas chances; depois de sofrer uma tentativa de homicídio, Marina não sairia sem trancar a portar… Mas eu já estava lá, não custava tentar.

Minha entrada despercebida no hotel deve ter me deixado confiante, porque precisei de menos segundos, não tão lentos, para decidir tentar entrar no quarto de Marina. A cada passo, a coragem aumentava, embora eu dissesse para mim mesma que a porta certamente estaria trancada.

Com ar de quem não faz nada de errado, alcancei o quarto de número 4. Movi minha mão em direção à maçaneta, mas hesitei. Algo lá no fundo, uma vozinha baixa, dizia para eu não ir adiante. Pensei em dar meia-volta, mas a curiosidade me tomou. Eu só queria saber se a porta estava aberta ou não.

Fui em frente, e a porta se abriu. Meu coração disparou, e eu praticamente pude ver uma linha vermelha entre eu e o quarto de Maria, a linha que dividia o certo do errado. Entrar no hotel sem me anunciar, tudo bem. Invadir o quarto de um hóspede… isso, sim, seria muito errado.

Eu deveria me dar por satisfeita ao concluir que o hotel não contava com segurança alguma, possibilitando uma invasão simples. No entanto, aquela porta aberta mudou minha linha de raciocínio. Marina sabia que seu quarto fora invadido; mesmo que o suco não estivesse envenenado, alguém havia entrado em seu quarto sem autorização. Esquecer a porta aberta no mesmo dia? Autoconfiança demais.

Senti o suor da minha mão molhar o metal dourado da maçaneta. A boca ficou seca e a respiração, pesada. Adrenalina. Inconscientemente, eu já havia

tomado minha decisão. Não pensei muito a respeito, me deixei levar pelo instinto, pelo emocional.

Mudei a estratégia e olhei ao redor, me certificando de estar sozinha no corredor. Bastou um passo para que eu estivesse dentro do quarto de Marina. Furtivamente, fechei a porta devagar, cuidado para não fazer nenhum barulho.

Eu tremia um pouco ao olhar ao redor. Identifiquei o vestido floral que Marina usava no dia anterior cuidadosamente dobrado no espaldar de uma cadeira, como que esperando o próximo uso. Passei as mãos no rosto, tentando espantar a tensão. Se eu faria aquilo, que fosse de maneira racional, bem-feita; não havia espaço para decisões tomadas no calor do momento, influenciadas pelo nervosismo. Engoli em seco ao perceber que o suor e o tremor eram inevitáveis, uma reação natural do corpo de alguém que sabe que está infringindo a lei pela primeira vez.

Foquei nos elementos ao meu redor e encarei a mala de Marina, fechada em um banco ao lado da escrivaninha. Aproximei-me do material sintético pronta para levar aquilo adiante. Depois de invadir o quarto, revistar a mala não exigiria tanto de mim. Um aroma gostoso invadiu minhas narinas conforme eu observava as roupas de bom gosto impecavelmente organizadas.

Ocorreu-me que uma pessoa que tem tanto zelo para dobrar vestidos certamente perceberia qualquer coisinha fora do lugar. Com muito cuidado, olhei o que podia sem comprometer a organização; nada de suspeito ou interessante.

Prendi a respiração a fim de não emitir qualquer som. Prestei atenção e não ouvi nada, não havia ninguém por perto. O medo de ser pega abriu um pequeno espaço para a confiança, já que até ali tudo corria muito bem. Olhei ao redor e fui até o criado-mudo. Abri uma gaveta e revirei os olhos ao encontrar o *Novo Testamento*. Na outra, apenas um panfleto; nem me dei ao trabalho de olhar qual era o produto ou serviço oferecido. Ao abrir a terceira e última gaveta, cheguei a pensar que estava vazia, mas, prestes a fechá-la, vislumbrei o que parecia ser um pedaço de uma sacola plástica. Abaixei-me um pouco mais e levei minha mão até o fundo da gaveta. Peguei a sacola, mas, antes de conferir seu conteúdo, uma batida na porta fez com que eu parasse de respirar.

Meu coração passou a bater tão rápido que cheguei a sentir meu estômago embrulhar; concluí que poderia vomitar a qualquer momento. Soltei a sacola como se tivesse tocado em algo quente. Ao passo que meu emocional estava em frangalhos, meu lado racional começou a formar as desculpas; nada me pareceu bom o suficiente para me livrar do flagrante.

Petrificada, apertei meus olhos e esperei a porta se abrir. Silêncio.

A gente nunca sabe como reagiremos em uma situação de pânico, confesso que eu esperava uma reação mais rápida da minha parte. Foi só depois de quase um minuto que meu cérebro começou a funcionar direito, e eu me lembrei da janela. Cheguei a cogitar a hipótese de antes conferir o conteúdo da sacola, mas o medo falou mais alto.

Ao visualizar a funcionária do hotel varrendo as folhas secas do gramado, meu primeiro sentimento foi decepção; minha única rota de fuga estava obstruída. Mas não demorou para que eu perguntasse quem batia na porta, se apenas eu e ela estávamos lá. Escondendo-me atrás da cortina, corri os olhos e não encontrei nenhum carro estacionado, Marina e dona Laura não haviam voltado. Um arrepio percorreu toda a minha espinha assim que pensei que poderia ser o envenenador; morrer no lugar de outra pessoa não estava nos meus planos de curto prazo.

A segunda batida na porta me fez dar um pulo, meu coração batia tão rápido que eu temi que alguém lá de fora ouvisse o que parecia ser uma escola de samba em concentração. Meus olhos marejaram logo que dei o primeiro passo em direção à porta. Eu teria de atender; meu desespero me impediu de encontrar outra solução.

Só consegui alcançar a metade do quarto, meus pés simplesmente ignoravam meus comandos e se recusavam a ir até lá. Cobri a boca com a mão e me esforcei para escutar algo do lado de fora. Novamente, silêncio. Outro funcionário do hotel teria chegado para seu turno, iniciando com a arrumação do único quarto ocupado? Talvez tivesse concluído que a portava estava trancada e ido em busca da chave reserva.

Então meu instinto ciclotímico resolveu funcionar, gritando que todo o risco que eu corria não fazia o mínimo sentido sem nenhum resultado. Com passos rápidos, fui até o criado-mudo e abri a sacola. Dentro dela, um galho. Não identifiquei a planta, mas arranquei duas folhas e coloquei dentro da calça *jogging*. Devolvi o que sobrou das folhas ovais verde-escuras para o

saco plástico com o logo do Pão de Açúcar, joguei dentro da gaveta e a fechei.

Respirei fundo, reunindo o que havia de coragem em mim. Dei uma última olhada pela janela, confirmando que por ali ainda não poderia sair. Ignorei meus instintos, as vozes na minha cabeça, os tremores, tudo. Com um puxão, abri a porta pronta para encarar quem fosse: o envenenador, um novo hóspede, um funcionário do hotel, um policial voltando para revistar melhor o quarto. Eu esperava qualquer um, menos um cão.

Com um sorriso, pensei no quanto nosso psicológico é poderoso. Eu sabia que um cão era capaz de produzir leves batidas em uma porta, ao se coçar, por exemplo, já vira o meu buldogue fazer isso algumas vezes, mas certamente não era o mesmo som que alguém produziria. Mas para uma mente em pânico qualquer ruído vira passos no corredor, uma respiração ao pé da orelha… ou uma batida forte na porta. A sensação de alívio foi tão forte que não consigui evitar soltar a respiração pela boca em um sopro.

Contudo, o bem-estar durou pouco, pois antes de fechar a porta ouvi o som de um carro se aproximando. Enguli em seco, tentando me acalmar. Naquele momento, eu já devia ter acumulado alguma experiência, pois ainda consegui dar uma olhada no quarto antes de sair, verificando se não tinha deixado algo fora do lugar.

Caminhei a passos rápidos, o cão em meu encalço. Ainda tive alguns segundos de folga, sentada em um dos sofás da recepção, até que Marina e dona Laura entrassem. Senti uma gota cruel de suor escorrer da minha nuca até minha cintura, torcendo para que meu rosto não demonstrasse qualquer sinal de suspeita.

Esbocei minha melhor expressão de tranquilidade ao cumprimentá-las; nenhuma delas pareceu estranhar minha presença. Mesmo assim, repassei meus motivos para estar ali, mas dona Laura me poupou o esforço com naturalidade:

— Fomos comprar presentes para as crianças da Marina. Tirando cuias de chimarrão, não achamos nada típico da região que ela não possa encontrar em São Paulo. Acabamos por comprar alguns potes de mel — exclamou, retirando dois potes de mel de uma sacola plástica aos risos.

— Que bom! — disse a única coisa que me veio à cabeça, notando que, pelo menos, minha voz soara natural e segura.

— Também saímos para a Marina se acalmar. Posso contar pra ela? — diz dona Laura ao se virar para sua hóspede, que me pareceu um tanto distante.

— É que encontrei um suco estranho em meu quarto, aí comecei a imaginar coisas.

— Não! Não imaginou nada. Realmente não fomos nós que colocamos o suco lá. É um mistério que só a polícia poderá desvendar.

Nesse momento, a funcionária do hotel entrou segurando a vassoura. Notei quando ela pousou os olhos confusos em mim. Desviei o olhar rapidamente, focando em dona Laura, que discorria acerca das suas opiniões sobre o caso do suco. Sem demora, a funcionária se retirou, provavelmente pensando que não notara que uma terceira pessoa voltara do centro com sua chefe e Marina. Ou talvez tenha achado melhor não destacar que, mais uma vez, alguém entrara no hotel sem ser notado; seria estupidez apontar a própria falha, supondo que ela fosse a responsável pela recepção na ausência da proprietária.

Depois de mais algumas trocas de palavras, de forjar interesse pela suposta tentativa de envenenamento e de mentir acerca de uma receita que minha mãe pedira, me despedi. Ao alcançar o gramado do hotel, meu coração abandonou o samba de enredo e assumiu uma bossa nova confortável.

■

Tão logo me vi longe do perigo, já dentro da casa da minha mãe, comecei a refletir sobre as descobertas recentes. A mim, soava muito estranho Marina deixar a porta aberta depois de tudo, no entanto, uma vez que ela não estava no quarto e considerando que não encontrei nada de valor por lá, poderia ter concluído que não faria grande diferença trancar a porta ou não. Ela também parecia ser uma pessoa bem racional, pouco inclinada a teorias conspiratórias, tanto que dissera estar imaginando coisas ao cogitar que o suco encontrado estaria envenenado.

Não era preciso experiência em investigações forenses para, diante de um caso de envenenamento e ao encontrar folhas no local do crime, pensar em plantas que poderiam causar esse tipo de efeito. No entanto, nada era muito conclusivo. Por que o intruso largaria a prova do crime na gaveta do criado-mudo?

Minha vontade era solicitar que Guilherme checasse a planta que recolhera, mas como fazer isso sem contar a loucura que eu cometera? Ele ficaria furioso, provavelmente se esforçaria para me manter longe do caso.

O jeito era esperar o resultado do teste realizado no suco. Com essa informação, algumas lacunas seriam preenchidas. De repente, o teste não acusaria nenhuma substância suspeita, e o saco com a planta fora deixado por algum hóspede naquela gaveta havia anos; talvez alguém buscando emagrecer por meio de receitas milagrosas.

Em busca de esquecer um pouco o assunto, resolvi aproveitar a onda de valentia para conversar com minha mãe sobre um tema sensível. Eu queria fazer esta pergunta desde que chegara:

— Mãe, e o pai? E você?

Ela me olhou com um ar resignado enquanto enchia a térmica com a água fervente da chaleira.

— Você tá falando da moça de Silveira? — respondeu ela, direta.

— Mãe, se não quiser falar disso… — comentei, me desculpando.

— Não. Nem te preocupe. Você é minha filha. Pros outros eu não falo. Eles é que falam… — Ela sorriu amargo e me olhou nos olhos. Só vi resignação. — Acho que esfriou, mas não me iludo. Um dia ele arranja outra. Não foi a primeira nem vai ser a última. Sai por diversão com os amigos do caminhão, e todos são da farra. Teu pai é sério, com aquela cara amarrada, mas muita mulher quer dinheiro, sabe? Ele nem precisa se esforçar e sorrir. Elas é que vêm.

— Entendo…

Eu sabia como funcionava. Não era dinheiro direto, como seria com uma prostituta; mas as coisas que indiretamente eram pagas, como a conta do bar, a conta do mercado, coisas que faziam diferença quando o dinheiro era muito curto.

— Só não quero que arrume filho — completou, séria — pra dividir nossas coisas com você.

Ela falava da minha herança: a pequena casa de madeira e o caminhão. Senti-me tocada.

— Mãe, não preciso de nada — respondi quase me desculpando, pois eu mesma já tinha posses que valiam várias vezes as coisinhas deles.

— É pouco, mas é seu — respondeu ela, cheia de orgulho. — Você é filha dele comigo, sou a esposa. E basta. Pode arrumar mulher, mas filho não aceito, já disse pra ele.

Ao mesmo tempo em que me enchi de indignação imaginando a posição estranha em que a minha mãe se encontrava do ponto de vista de uma mulher independente de Porto Alegre, tive empatia pela visão de mundo dela, a mesma de uma geração inteira de mulheres que ficara na transição entre uma maior independência feminina e a total dependência. Também sentia empatia pela mulher de Silveira, que nunca conheci, mas que devia ver no meu pai uma fonte de subsistência. Eventualmente até um tipo de amor. Ou não. Quem saberia?

— Mãe, para que fique claro, não te julgo nem me meto. Você, que está dentro da situação, sabe o que é melhor. Só quero que saiba que se precisar de algo vou sempre estar aqui.

— Separar não vou — colocou ela com firmeza e determinação. — Se eu mandar ele pra fora de casa, ele vai morar com ela, vou ficar sozinha e pagando conta. Não ganho nada — concluiu, se levantando para lavar o prato do bolo.

— Como falei, posso te ajudar… — complementei, tentando dar uma opção.

— Aí não é ele que paga conta, é você. Dá na mesma. E vou ficar mulher separada e falada. Já, já ele fica velho e para com isso — continuou sem virar para mim, fazendo parecer que a louça da pia necessitava de concentração extra.

— Mãe, que besteira! Está cheio de mulher divorciada na cidade. Ninguém hoje em dia fala dessas coisas — tentei uma última vez, ciente de que não faria sentido para ela o que eu estava dizendo.

— Sim, pra moça nova, da sua idade, bonita e que casa de novo. Eu sou velha. Só não vou ser vó porque você não me dá neto.

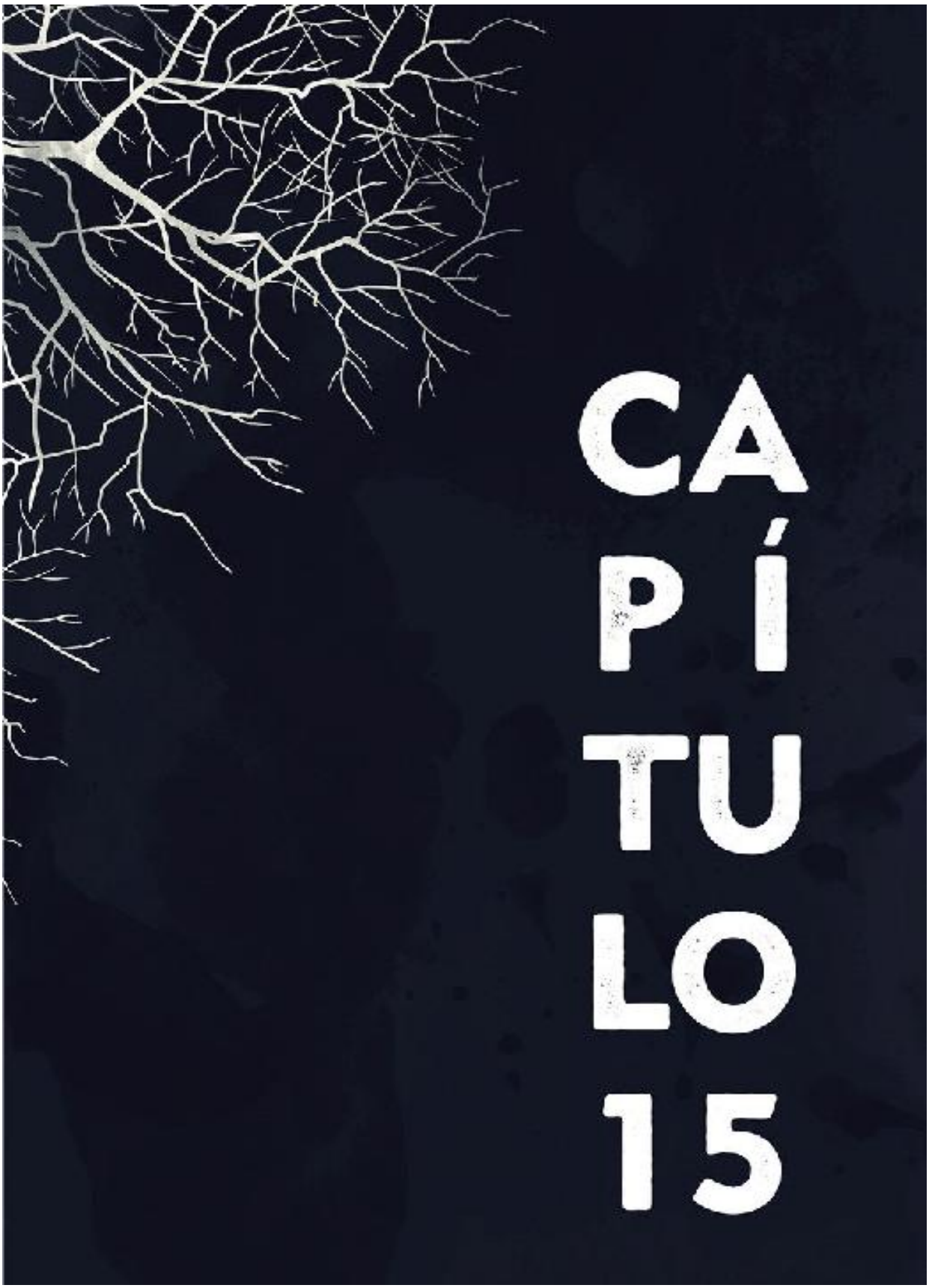
E então se virou para me olhar. Esse também era um tema sensível, mas a munição vinha em minha direção. Revirei os olhos.

— Não começa! Você sabe que odeio esse assunto.

— Bem feito para mim, que não consegui ter outro filho — falou em tom azedo. — Depois que perdi o bebê, depois de você, nunca mais engravidei.

Levantei-me para colocar mais água na chaleira e aproveitei para ir ao banheiro e me esquivar da conversa desconfortável.

Deitada na cama, observei as duas folhas que subtraíra do quarto de Marina e adormeci com elas na mão.


CAPÍTULO 15

ANA

ENQUANTO A ÁGUA ESCORRIA pela ponta do meu nariz, observei o chuveiro da casa da minha mãe. Desde que fora morar em Porto Alegre, em um apartamento com aquecedor a gás — o famoso Junker —, passei a odiar chuveiros elétricos. Pouca água e a lembrança dos vários choques que tomara na torneira do chuveiro quando era criança ativaram algum mecanismo de segurança, ou até sobrevivência, fazendo com que eu me acostumasse a tocar de leve na torneira antes de segurá-la, além de associá-la a algo letal.

Quando me mudara para um apartamento onde isso não era necessário, demorara algumas semanas até que eu aprendesse a confiar e ligar o chuveiro sem medo. Na casa da minha mãe, a sensação de insegurança voltava, e lá eu me via na minha infância, colocando os pés no tapete de borracha e dando toques leves com a ponta dos dedos na torneira, apesar de meu pai ter garantido que aterrara o chuveiro, o que não se fazia em tempos remotos, segundo ele.

Depois do banho, parei em frente ao espelho e me olhei. Sempre fui alta e magra, mas não sem algum sacrifício. Minha barriga batida me dava medo de pensar em filhos, principalmente quando me lembrava da barriga cheia de estrias da minha mãe. Na época eu tinha trinta e nove anos e achava que já podia considerar a ideia de ser mãe como algo encerrado. Houve um tempo em que eu considerava ter filhos, mas imaginar a ciclotimia sendo passada a outra pessoa me assustava. Eu sabia que meu pai tinha algo similar. Às vezes, ele ficava semanas sem falar com ninguém. Além disso, Frank nunca pensou seriamente em filhos. Concluí que quem decidiria por nós seria o tempo; só estava pensando nisso pela conversa que tivera no dia anterior com a minha mãe.

Coloquei uma bermuda de *lycra* preta e uma camiseta longa e espaçosa, quase como se quisesse esconder o corpo que acabara de me dar uma boa impressão na frente do espelho. Não parei para pensar no que me impulsionara a fazer isso, se foram as tais broas de polvilho que comera no

café da noite com a minha mãe ou algum sentimento de medo de andar mostrando meu corpo perfeito naquela cidade pequena, que, depois do assassinato, não me parecia mais tão inocente quanto me parecera a vida toda. Além disso, estava bem claro para mim que mostrar o corpo não parecia adequado para a maior parte das pessoas na cidade, especialmente para mulher séria e casada, minha categoria.

Minha mãe estava na cozinha e preparava outro bolo para a tarde. Senti um misto de apetite e desespero. Olhei para a silhueta sem forma dela; o vestido de tecido estampado feito na costureira local delineava uma barriga que jamais vira um abdominal. *Eu saí dessa barriga*, pensei. *Sou, em parte, culpada pelas curvas da minha mãe.*

Pensei em me aproximar e lhe fazer um afago por remorso, apesar de ser claro que ela teria perdido a forma de qualquer jeito, mesmo que não tivesse filhos, porque não era o tipo que faria musculação ou pilates. Era simples, nascera na área rural de Bom Jesus, fora para a escola a pé nas primeiras séries e a deixara logo para ajudar a mãe na roça. O pai, agricultor, passava o dia na pequena fazenda de subsistência e ia à cidade também a pé vender sua mercadoria. Quando casara, viera para Bom Jesus com meu pai, que, depois de ter vários trabalhos, se tornara motorista de caminhão de uma empresa de celulose da região — já era dono de um caminhão. Minha mãe limpara casas na região até meu nascimento, e após ficara cuidando da filha e da casa, às vezes fazendo tortas frias para aniversários locais de forma a poder comprar alguma coisinha especial ou fazer as unhas no salão vizinho.

Quando notou que eu estava na porta, ela se virou com um sorrisão que me fazia achá-la linda. Minha mãe sempre estava de bom humor, me fazendo ter certeza de que a ciclotimia e minha leve misantropia não vieram dela. Odiei meu pai por alguns segundos; pelo que fazia com ela e por ter me passado essas características genéticas desagradáveis. Aproximei-me e lhe dei um abraço, o que ela com certeza estranhou, mas pareceu ter gostado. Pensei divisar uma leve curiosidade em seu sorriso, mas não comentou meu carinho incomum.

— Tem certeza que vai ficar no final de semana? Já comentei que você tem que ir pra Porto Alegre, não deixa seu marido sozinho. Por que ele não vem? — perguntou com ar de leve repreensão.

Eu odiava esses comentários machistas, mas a entendia. Culpa do meu pai e do contexto que discutíramos no dia anterior. Ela via as coisas por outro ângulo.

— Mãe, já expliquei que o Frank viaja para o exterior esta semana — comentei, um tanto exasperada. — É cansativo para ele vir até aqui, dirigir quatro horas e um dia depois voar mais de dezesseis horas até a Suíça para a conferência.

— Então vai pra casa ficar com ele. Deixar marido sozinho no final de semana não dá certo. Olha que ele arruma outra! — respondeu, azeda.

Suspirei e senti vontade de dizer a ela que Frank não era como o meu pai, mas imediatamente me arrependi. Não tentei explicar que sabia que Frank estaria preparando a apresentação para a conferência, de modo que nem olharia para mim se eu voltasse a Porto Alegre. Sim, meu problema não era as mulheres, mas a universidade; minha grande rival, o que eu preferia mil vezes a uma rival humana. Eu e minha rival convivíamos como duas amigas e amantes do mesmo homem. Sorri.

— Mãe, confie em mim. Sei o que estou fazendo — repliquei, juntando toda a paciência e compreensão que havia em mim, pois sabia que ela jamais entenderia um homem que passa o final de semana em cima de livros, até porque provavelmente nunca vira um. E acrescentei em tom de provocação: — E você não acha que ele deveria se preocupar que eu estou aqui sozinha no final de semana também?

Ela parou o que estava fazendo e me olhou de cima a baixo.

— Pois é. Você é dessas moças chiques da cidade. Sempre teve bom gosto. Até namorou o filho do doutor Freitas. Ele tá no Estados Unidos, você sabia? Se tivesse casado com ele, você tava morando lá.

— Mãe, se eu quisesse estar nos Estados Unidos, eu estaria. Ele fez Administração de Empresas, como eu.

Vi que ela me olhou com um ar cético de quem acaba de ouvir a bobagem mais descabida do planeta. O pior é que nem deveria estar pensando que eu me acomodara como dona de um café, mas sim que, como mulher, nunca conseguiria chegar aos Estados Unidos, aonde, segundo ela, baseada numa novela que vira na TV, as pessoas morriam para conseguir chegar.

Tenho certeza de que ela não sabia onde os Estados Unidos ficam no mapa. Não valia a pena discutir, no entanto, apesar de ser uma luta inglória, senti necessidade de apontar um resultado:

— Adoro meu café, mãe. Estou feliz em Porto Alegre vendo gente bonita e culta que vai até lá todos os dias. Além disso, comprei meu apartamento com meu trabalho no café.

Ela parou de prestar atenção e voltou a focar no bolo. Alguns segundos depois, perguntou:

— Sabe algo do tal envenenamento da moça?

— Não. É verdade! Vou ligar para a Marina e ver como ela está — falei já indo até o quarto para pegar o celular.

O telefone tocou umas três vezes antes de ser atendido, e quase desliguei ao me perguntar se a estava acordando. A voz dela, entretanto, me indicou que estava acordada havia bastante tempo.

— Bom dia, Marina. Sou eu, Ana. Resolvi ligar por causa do que você me contou ontem sobre o tal suco misterioso. Você está bem?

— Tudo bem — falou ela, rindo. — O delegado Guilherme colocou uma policial para ficar aqui no hotel, para eu me sentir melhor. Só segunda-feira vamos saber o resultado da análise do tal suco. Além de estranho, me parece bem improvável que alguém tenha tentado me envenenar, concorda? Quem ganharia algo com isso aqui na cidade?

Ficou claro para mim que a janela de oportunidade para ter entrado no quarto de Marina havia se fechado. Agradeci por minha ousadia ter resolvido se manifestar no dia anterior.

Refleti sobre suas palavras. Guilherme me dissera que ela estava amedrontada no dia anterior, mas não pareceu. Algo que passara pela minha cabeça no dia anterior tentou se fixar em minha mente, mas algo em mim me obrigou a expulsar a possibilidade. Mesmo assim, tentei uma pista:

— Bom, o assassino teria interesse se achar que você sabe de alguma coisa — disse e fiquei atenta, buscando interpretar sua reação.

— Mas não faz sentido, já falei ao delegado tudo que eu sei. Aí seria me matar fora de hora!

Maria riu alto, divertida. Ela tinha razão.

— Mas será que essas pessoas entendem isso? Muita coisa não faz sentido… Sinceramente, deixei de esperar coisas lógicas por aqui. — Sorri. Eu sempre tinha essa discussão com Frank, que costumava esperar lógica onde não há. Marina ficou em silêncio, talvez refletindo sobre minhas últimas palavras. — O que você vai fazer hoje?

— Nada. Só falar com meus filhos e o Matt pelo Skype para ver se está tudo bem. Mas eles não aguentam mais de cinco minutos comigo e querem voltar logo para o *video game* ou para conversar em algum grupo da escola no WhatsApp. O que você está pensando?

— Quer ir até a pousada comigo? Pensei em ver como as coisas estão por lá. O senhor Felício, o dono, já voltou de viagem. Liguei para lá ontem. A não ser que te entristeça rever onde tudo aconteceu…

— Não — ela falou baixinho. — Não pense que sou insensível, mas o tempo passou. Refiz minha vida, e as coisas que me incomodavam foram exorcizadas. Podemos, sim. Um passeio vai me fazer bem. Podemos almoçar lá com eles.

— Ótimo, então eu passo aí.

■

Perto das dez da manhã, eu já estava no hotel. Descobri que a policial Fernanda iria conosco, o que me garantiu até certo alívio.

Pegamos a estrada para o fim do mundo, como eu chamava o lugar onde a pousada ficava, mesmo sabendo que, para alguns, Bom Jesus já poderia ser considerada o fim do mundo. Mas não para mim. Minha cidade, onde eu conhecia praticamente todo mundo. Tinha carinho por ela, mas me bastava degustá-la em doses homeopáticas. *O fim do mundo é relativo*, concluí, me achando esperta. Pensamento banal, teria classificado Frank.

Marina usava jeans rasgados, uma camiseta branca com listras amarelas e tênis brancos, o que me pareceu pouco adequado considerando a terra vermelha que rodeava a pousada e suas estradas poeirentas. Ela notou meu olhar e comentou:

— Não tenho tênis escuros. Vai ficar todo sujo, né? — Foi como se tivesse ouvido meus pensamentos.

Eu e Fernanda sorrimos e concordamos, olhando para nossos tênis escuros. Eu até estava arrependida por não ter trazido as botas que havia

comprado para as caminhadas no cânion, mas o calor de Porto Alegre jamais teria me deixado pensar em botas. Além disso, quase enrubesci quando me lembrei de ter visto aqueles tênis devidamente embalados em um saco para sapatos, dentro da mala dela.

A estrada estava seca, e um rastro de poeira amorfo ficava para trás enquanto nos deslocávamos em velocidade média, bem menos veloz do que Guilherme era capaz de ser com sua camionete da polícia.

Avistamos a pousada logo depois das onze horas, após pararmos por uns minutos no local onde eu havia encontrado os ossos. Quando chegamos, seu Felício veio nos receber bem faceiro, como se diz por ali.

— Por que você não me disse da outra vez que era filha do seu Luiz de Bom Jesus? — perguntou.

— Não pensei que o senhor o conhecesse — respondi, meio envergonhada.

— Claro! — falou ele. — Joguei muita bocha com ele em Silveira. Sua mãe é de lá, não?

— Sim.

Eu devia ter imaginado que eles se conheciam, quem não se conhece naquela região?

Seu Felício notou Marina e seu rosto mudou: de uma expressão de quem via a filha de um amigo para a de quem via uma hóspede. Rapidamente, fez uma reverência.

— Senhora Marina, bem-vinda! Me lembro bem da senhora da última vez.

— Sim — ela comentou de forma discreta. — O senhor me ajudou muito mandando o Rogério me levar de volta a São José dos Ausentes depois do desaparecimento do Rodrigo. Não sei o que teria feito, estava tão confusa…

Ela olhava para ele com gratidão genuína.

— Bem capaz! — tranquilizou com seu sotaque gaúcho carregado, os olhos sorridentes. — Não foi nada. Imagina se a gente ia deixar a senhora sem apoio num dia como aquele, e ainda com as crianças. História bem esquisita, e agora achar os ossos…

Marina baixou os olhos como que envergonhada por aquela situação e por saber que ela continuava como única suspeita, já que ninguém ali conhecia Rodrigo e, consequentemente, não havia nenhuma razão para pensar que alguém local o tivesse assassinado.

Nesse momento e baseada nos acontecimentos do dia anterior, me perguntei se eu estava sendo ingênua por não ter desconfiado de Marina desde o início.

— Agora que sabemos que ele morreu mesmo, fico pensando se algum bandido de Porto Alegre estava escondido aí pelas matas. Parece história de terror — comentou ele, quase como se quisesse dar a ela outro suspeito.

Marina pareceu notar, e senti um ar de agradecimento. Mesmo assim, a curiosidade foi mais forte:

— Por que bandido de Porto Alegre? — perguntou com interesse aparente.

— Aqui em São José dos Ausentes não temos dessas coisas de latrocínio, como eles chamam. Não é, Fernanda?

A policial o olhou de esguelha.

— Bom… até existe, mas é bem raro. O que tem é marido assassinando esposa, o tal feminicídio — disse Fernanda, que estava impassível atrás de nós, em seu posto de segurança de Marina. — O que a gente mais prende aqui é bandido de passagem. Mas aí não é por estas bandas, mas lá na BR, quando a polícia federal nos envia placas para monitorar, ou até em bares de Bom Jesus. Esta estrada aqui não leva a nenhum lugar a não ser às fazendas locais. Não é lugar de bandido perdido.

— Vamos entrar! — sugeri ao perceber que o assunto não estava agradando Marina.

Entramos, e Rogério estava se ocupando das mesas do almoço junto com a esposa, Rosa, que ainda me parecia deslocada naquele lugar. Especulei que ela se adequava muito mais ao salão da dona Marlene. Aquelas unhas longas e bem-feitas de manicure não combinavam com a lida da pousada e sua rusticidade. Poderia estar enganada, mas eu não achava que ela ficaria muito tempo naquele lugar.

— O almoço fica pronto em quinze minutos — comentou Rogério.

Rosa não levantou os olhos, só fez um cumprimento com a cabeça baixa, largou os pratos Duralex sobre o pano de mesa brega e desapareceu cozinha adentro.

Logo após o almoço, pelo qual seu Felício não nos deixou pagar, fui dar uma caminhada com Marina, sempre seguida por Fernanda. A policial tomava mais distância, como se fizesse de conta que estava olhando a paisagem ou plantas para nos deixar à vontade.

— Muita lembrança aqui. Ficamos nesta cabana — falou Marina, mostrando um dos bangalôs da pousada. Era do mesmo tipo de casinha na qual eu havia ficado com Frank e nosso monstrinho. Senti uma pontada de saudades do meu buldogue azedo. — Acho que as crianças gostaram, mas eu não estava de muito bom humor. Como já contei a você, o Rodrigo arrumou trabalho com esse seu Felício aí já na primeira conversa, e minhas tão sonhadas férias foram por água a baixo. Por isso não me sinto muito feliz com a presença dele. Não me traz boas lembranças.

— Quantos dias vocês ficaram? — perguntei.

— Chegamos em uma segunda-feira de abril de 2012, e no mesmo dia ele saiu para olhar essa fazenda à procura de suas adoradas terras raras. Ele sempre teve uma teoria de que havia terras raras no Rio Grande do Sul, mas não creio que tenha sido a ideia inicial, até porque fui eu que escolhi o lugar. Mas, quando o seu Felício começou a falar com ele sobre o assunto, me retirei, ouvir me dava nos nervos. Saí batendo a porta. Seu Felício notou, eu acho, mas não desistiu.

Pensei que as terras raras eram a rival dela assim como a minha era a universidade de Frank, com a diferença de que eu tinha um pacto com a minha e Marina parecia nunca ter aceitado a sua.

— Que pena…

— Já esqueci — comentou ela. — Não sei se eu falei, mas casei de novo. Quando eu era jovem, fiz um intercâmbio na Inglaterra e namorei um inglês por lá. Foi antes de eu conhecer o Rodrigo. Terminamos quando eu voltei. Quando viemos para cá, eu tinha acabado de voltar a ter contato com ele. Ele ainda estava solteiro. Acho que era por isso que eu estava com menos paciência ainda para a indiferença de Rodrigo.

— Ele sabia que você estava falando com o inglês? — perguntei, intrometida.

— Matthew, esse é o nome dele. Rodrigo viu alguns e-mails, mas não pareceu se importar. Talvez porque o cara estivesse do outro lado do Atlântico — sorriu de forma estranha —, ou talvez porque não fosse do tipo que tem ciúmes.

Ele podia ter tido ciúmes. E devia ter motivos, afinal o inglês viera para o Brasil e se casara com ela.

Marina continuou:

— O Matt sempre se interessou em vir para o Brasil, que era um lugar exótico na cabeça dele. — Lembrei do Frank comentar que tinha a mesma impressão, mas não externei. Queria deixá-la falar mais, e ela o fez: — Logo que eu voltei para o Brasil, ele não pôde vir porque era muito jovem e recém-saído da casa dos pais, mas em 2012, quando fiquei viúva, ou melhor, sem marido, ele já tinha trabalhado e juntado um dinheiro, era independente e, assim, veio me visitar em São Paulo em 2013… Bem, casamos em 2015. As crianças gostam muito dele.

— Meu marido também é estrangeiro. Alemão.

— Então todo mundo deve te perguntar, assim como fazem comigo, por que moramos no Brasil — ela me disse com um ar de cumplicidade, e caímos na gargalhada.

A policial nos olhou de longe com curiosidade.

— Vocês brigaram, e foi por causa disso que ele saiu furioso? — ousei perguntar, ansiosa por saber mais sobre o dia do crime.

— Sim e não. Rodrigo nunca teve paciência para discussões. Preferia sair e deixar eu me acalmar. Fez assim durante todo o casamento, como uma forma de me amolecer. Quando voltava, eu já estava tão ocupada com as crianças que a raiva havia passado. Ele sabia bem disso. Aconteceu tanto no dia do desaparecimento dele quanto no dia anterior. O fato é que, recebendo a atenção de Matt novamente, eu estava sem paciência para aguentar um marido que me ignorava; mesmo quando ele voltava de suas longas saídas depois de uma briga, eu ainda guardava rancor. Às vezes até por ter desabafado com Matt no meio-tempo. Meu Deus, como o Matt teve paciência! — Senti que a emoção dos dias de embate voltava, vívida.

Consegui imaginar o triângulo e o estresse. Frank não teria essa paciência. — Quando marquei a viagem, estava pronta para pedir a separação. Assim que ele sumiu com o seu Felício no primeiro dia para avaliar a fazenda, meus nervos estavam em frangalhos.

Claramente, pelo menos comigo, ela não se preocupava em parecer uma suspeita pelo crime; despejava motivações para querer Rodrigo fora de sua vida. Talvez não achasse que isso era motivo suficiente para um assassinato, e eu concordaria com ela, ou talvez não estivesse pensando nisso naquele momento, com as reservas todas baixas devido à nossa empatia mútua.

Naquele momento, me permiti pensar deliberadamente na possibilidade de Marina ter envenenado o próprio suco e largado a planta venenosa na gaveta do seu criado-mudo. Porém, eu sinceramente não podia imaginar Marina assassinando alguém, pelo motivo que fosse. O que não significava grande coisa, e eu sabia.

— Mas a avaliação da fazenda durou mais de um dia? — perguntei.

— Não, na verdade ele só foi coletar amostras. Ele não conseguia avaliar imediatamente. Precisava fazer a avaliação no laboratório, mas ele sabia que havia terras raras na região, pois já tinha avaliado amostras daqui. No dia seguinte da nossa chegada, o seu Felício o levou para encontrar outras pessoas. Eu estava com tanta raiva que nem perguntei aonde foi. Falar sobre isso era a última coisa que me interessava.

— Nossa! Que ruim… — concordei, a incentivando a contar mais.

— Pois é! — continuou em resposta enquanto caminhávamos por entre um grupo de vacas; algumas mugiam, indignadas com a intromissão. — E assim foram todos os dias. Sei que ele teve um pequeno estresse com um senhor daqui que queria que Rodrigo avaliasse uma região; por algum motivo isso o deixou nervoso. Ele tentou me contar a história, mas retruquei, gélida, que queria que ele enfiasse as tais terras raras e seus fazendeiros naquele lugar. — A lembrança ativou um sorriso maldoso que ela nem tentou esconder. — Não sou de falar palavrões, mas nesse dia eu estava no meu limite.

— Quando foi isso? — perguntei.

— Um dia antes de ele desaparecer. Na quinta.

— Ele sumiu na sexta, então?

— Sim. Na quinta, ele saiu com o carro depois que tivemos uma discussão. Quando tentou me contar de suas peripécias pela região, eu reagi de forma negativa e discutimos. Ele também estava nervoso por ter discutido com o tal fazendeiro… Ficou umas duas horas por aí e voltou à noite para a hora do jantar como se nada tivesse acontecido. Tínhamos um voo domingo cedo e íamos dormir em Porto Alegre. O plano era viajar logo após o almoço, no sábado.

Afastamo-nos das vacas depois de uma ter se aproximado com ar de poucos amigos. Marina estava tão cheia de emoções negativas ao contar das brigas que afastou o animal apenas com um olhar.

— Mas aí brigamos de novo na sexta. Eu falei a ele que estava conversando com Matthew e que ele era atencioso e se interessava pela minha vida; não era como ele, que me deixava sozinha. Rapidamente a coisa ficou feia. As crianças saíram da cabana e foram pular no trampolim da pousada enquanto eu tentava magoá-lo com ofensas. Fomos almoçar, e ele não nos acompanhou. Pegou o carro e saiu como tinha feito no dia anterior. Eu não poderia esperar outra atitude…

Ela baixou os olhos depois da última frase, e eu tive a impressão de ver uma esguelha de tristeza ou decepção.

Havíamos dado a volta e estávamos quase na pousada de novo. Seu Felício estava sentado na frente do prédio principal com o chimarrão na mão e o chapéu de abas largas. Abriu um sorriso para nós, simpático como sempre, e notei que Marina não retribuiu. Pensei que ainda não o tinha perdoado por organizar as consultorias do marido, o que culminara no incidente todo.

Marina entrou rapidamente no prédio principal com Fernanda, e me sentei na varanda com seu Felício, aceitando um chimarrão.

— Terras de quem esse Rodrigo avaliou? — perguntei.

— As minhas — respondeu, vago, acariciando o cachorro sentado aos seus pés.

— No outro dia ele foi avaliar terras de alguém que o senhor indicou, certo?

— Não. Só coletou as amostras da minha fazenda. Pelo menos que eu saiba. Quem lhe disse isso? — Senti ansiedade na voz dele, como se de

repente ele tivesse se lembrado de algo muito importante.

Por que Rodrigo mentiria para Marina?, pensei.

— Devo ter entendido mal. — Ele esboçou um olhar aliviado. — Vou levá-las para Bom Jesus agora, mas volto aqui outra hora com meu marido para passar mais um final de semana. Gostamos muito.

— Será um prazer atendê-los — respondeu seu Felício amistosamente, e assim nos despedimos.

Chegamos a Bom Jesus às quatro da tarde. Levei Marina e Fernanda de volta ao hotel, e estava voltando para a casa da minha mãe quando vi, na varanda de uma casa, uma velha amiga. Parei o carro bruscamente.

— Ana! — ela gritou, visivelmente feliz.

A casa era bem modesta, de madeira. A mãe dela, dona Francisca, veio também até a porta do carro; o rosto emaciado me fez crer que estava doente. Com certeza estava bem mais velha que na última vez que eu a vira. Não devia ser muito mais velha que a minha mãe, mas quase se parecia com minha avó um pouco antes de falecer.

Convidei-a para ir comigo até a casa da minha mãe para conversarmos. Ela havia sido uma de minhas melhores amigas no primário. Na quinta série, nos separamos por conta de uma mudança de escola. Quando ela era pequena e estava no primário, morava com a madrinha em Bom Jesus. Os pais moravam em uma fazenda em São José dos Ausentes, onde não havia escolas por perto, mas, quando completara o primário, eles arranjaram uma escola aonde ela podia ir a cavalo; a mão de obra começara a fazer falta, então ela voltara para a casa dos pais.

Continuamos nos vendo esporadicamente quando ela estava com a madrinha em Bom Jesus ou quando eu passava algum final de semana com eles. Nunca havíamos perdido o contato até eu ir morar em Porto Alegre. Fazia alguns anos que não nos víamos.

Minha mãe já estava na varanda esperando por mim. Depois de um minuto de recriminações porque meu celular havia ficado fora de área e ela quase morrera de preocupação, finalmente se deu conta da moça que me acompanhava.

— Dani! — exclamou, e deu três beijos na minha amiga. — Como está a dona Francisca? — Não esperou a resposta. — Onde vocês se

encontraram?

— A Ana passou lá na frente de casa de carro e nos vimos — respondeu Daniela. — Minha mãe está bem, dentro do possível.

— Nossa! Que coisa ruim! — lamentou minha mãe, sem se dar o trabalho de me explicar do que estavam falando; não acompanhei a mudança repentina de assunto e de tom.

— Pois é! Mas a vida segue. Não tem o que fazer! É o que o pai gostaria que ela fizesse — comentou Daniela, aceitando o pedaço de bolo que minha mãe colocava na frente dela. Virou-se para mim, se dando conta de que eu talvez não soubesse do que falavam. — Meu pai se matou. A sua mãe te contou?

— Não — respondi, visivelmente horrorizada. — Nossa!

Nesse momento, ficou claro para mim porque a dona Francisca estava tão envelhecida. Eu me lembrava dela como uma senhora cheia de saúde, de pele muito clara e bochechas rosadas.

Resolvemos nos sentar na frente da casa, onde tinha mais espaço. Eu me sentei em uma cadeira de praia que trouxera de Porto Alegre e que estava no porta-malas do carro. Daniela se sentou na outra cadeira de praia que minha mãe trouxera da cozinha, bolo e café na mão. Fazia um vento fresquinho com cheiro de final de dia nos aparados da serra. Lá, os dias eram castigados com um calor infernal no verão, mas o sol poderoso dava lugar a noites agradáveis.

— Vocês estão morando aqui em Bom Jesus? — perguntei.

— Sim. Casei com o Leandro, lembra dele? — Eu me lembrava. Um rapaz apagado, mas simpático. — Trabalho na farmácia, e desde que o pai vendeu a fazenda que eles estão morando aqui na cidade. Agora a mãe mora conosco.

— Ele vendeu a fazenda? — perguntei, estranhando, pois não era comum que lavradores locais vendessem a terra que lhes era tão importante.

Vi o rosto dela ficar vermelho.

— É uma história bem complicada. Pede pra sua mãe te contar depois, não tenho saúde para falar nisso. — Quase senti o gosto amargo das suas palavras.

Ficamos mais uns vinte minutos conversando sobre a minha vida em Porto Alegre. Depois, ela se lembrou de algumas receitas da minha mãe das quais ela recordava da infância. Minha mãe copiou o passo a passo com todo orgulho em algumas folhas de papel sulfite enquanto conversávamos. Ela as deu à Dani com a promessa de que minha amiga prepararia as receitas para dona Francisca. Minha mãe sempre teve essa mania de encher as visitas de bolo, e, apesar da cópia escrita das receitas, fez milhões de recomendações; ela era semianalfabeta, mas conseguia copiar coisas com uma letra infantil.

Quando Dani se afastou a pé dizendo que ia voltar para casa, ficamos olhando ela sumir na esquina da rua. Recolhemos as cadeiras de praia, os restos do bolo e as xícaras. Minha mãe começou a fazer o jantar, e eu fiz companhia a ela, sentada à mesa.

Ver minha mãe tirar a comida das tigelas que tinham ido à geladeira ao meio-dia e colocar de volta nas panelas, o que me pareceu um trabalho desnecessário, fez eu me lembrar de que meu pai comia arroz e feijão no jantar como se fosse almoço; Frank estranhava muito aquilo.

— Por que o pai dela se suicidou? Você sabe?

— Todo mundo sabe. O doutor Álvaro Casagrande ofereceu para ele um dinheiro que ele considerou uma fortuna pelas terras. Não conseguiu dizer não. Além disso, a esposa do doutor Schoerr foi lá insistir, garantir o fechamento do negócio. Mas depois da venda descobriu que a fazenda tinha a tal da terra rara. Hoje o doutor Álvaro tem mais dinheiro que antes. Entrou em depressão profunda. — Ficou pensativa. Quando eu ia perguntar se ela sabia se havia sido o pai do doutor Schoerr que dera a fazenda ao pai da Dani, ela me veio com a pergunta: — Você sabe que o doutor Álvaro é casado com a Jéssica Schoerr? Colega de vocês da escola, lembra?

Como não lembrar?, pensei. Mas respondi:

— Sim, lembro. E também sabia que eles eram casados. Ele é de Passo Fundo, não?

— Muito rico. O pai dele é dono do arroz Casagrande. E não são de Passo Fundo, são de Cachoeira do Sul. Acho que ele fez faculdade de Direito em Passo Fundo — comentou revolvendo o feijão com farinha na frigideira. — Dizem que ele veio morar para esses lados por causa da

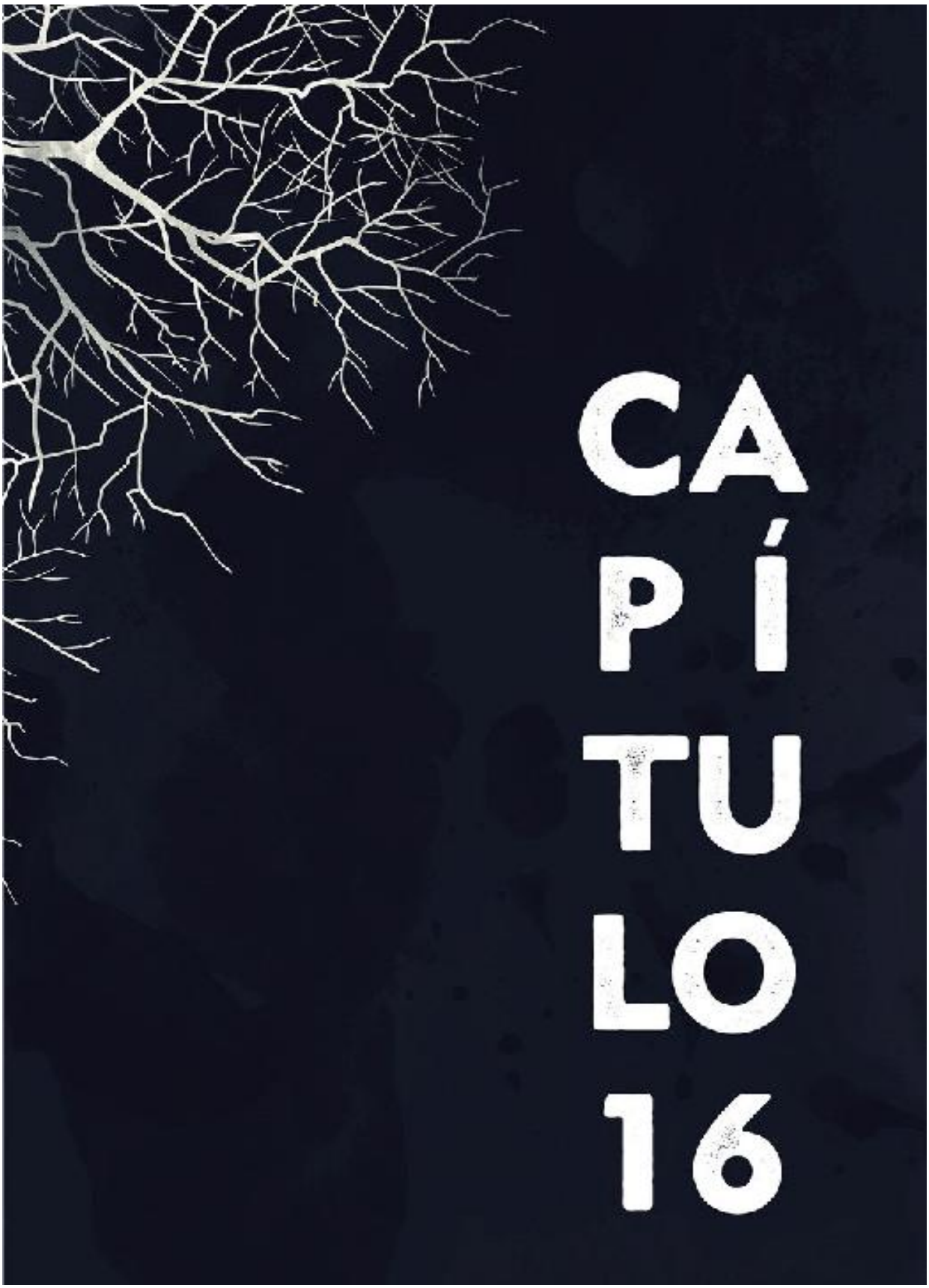
Jéssica e que comprou a fazenda sem saber o que tinha lá. Coitada da Dani! Poderia ter dinheiro, e agora fica no balcão da farmácia.

Lembrei-me da história que Fernanda tinha me contado na delegacia. Pelo jeito, a irmã da Dani havia estudado com ela na escola. Ela não me falara que ele havia se suicidado, e sim que morrera de desgosto. Naquele momento, entendi o que ela quis dizer.

— Mas o doutor Álvaro sabia que as terras tinham a jazida? — perguntei.

— O povo fala que devia saber. Ele diz que não. Você sabe que o povo fala. Mas o povo também sabe que o doutor Álvaro jamais faria isso. É um *gentleman*.

Arqueei as sobrancelhas diante do termo e da pronúncia quase correta. Não era coisa que minha mãe dissesse. Com certeza ouvira de alguém.


CAPÍTULO 16

MARINA

FUI ATÉ A POUSADA em que a tragédia havia acontecido. Eu me lembrei dos velhos tempos, dos maus tempos. Você não tem ideia do que é ficar em casa cuidando de dois filhos pequenos, um deles com uma asma cheia de complicações e reações alérgicas, indo ao médico quase uma vez por semana, e saber que seu marido está por aí em eventos com outras mulheres.

O que me consolava? O fato de elas não serem nada para você. Você não sentia nada. Agora, morto, com certeza não sente nada. Sinto um arrepio em algum recôndito do estômago, mas preciso admitir que mesmo vivo você não sentia nada. Nunca conheci alguém tão frio, tão desconectado de outras pessoas como você. Isto é o que elas significavam: algumas noites. Usadas. E eu era a usada oficial; pelo menos fiquei com meus filhos e a paz.

Sei que não devo ficar remoendo tudo isso, mas, nesta situação, como poderia ser diferente? Então que seja…

Depois de um tempo, comecei a ficar feliz em ter você viajando. Se estava em casa escrevendo tese ou preparando relatórios e laudos, era só para reclamar que fazíamos barulho. Quando você viajava, ficávamos em paz. E, quando sumiu completamente, experimentamos uma paz eterna. Foi um alívio. Até parece uma piada triste, mas a verdade é que quase não percebemos que você se foi.

Estive na pousada junto com a Ana. Você não a conhece. Ela achou seu crânio. Que horror! Essa frase ficou horrível…

Falei para ela que fui eu que escolhi vir para cá. Que você não tinha ligação com este lugar. Mas sabemos que não foi assim. A ideia foi sua por causa da tal amostra de terra que havia recebido, o resultado fora positivo. Eu só aceitei. Como sempre. E você agiu como se a ideia tivesse sido minha, deu algumas alternativas e me manipulou para escolher a que você queria. Eu sei, eu sabia. Aceitei consciente.

Você achou que eu era ingênua, certo? Não. Preferi ter paz a ficar batendo cabeça contigo. O que eu não sei é por que menti para Ana. Vergonha? Talvez…

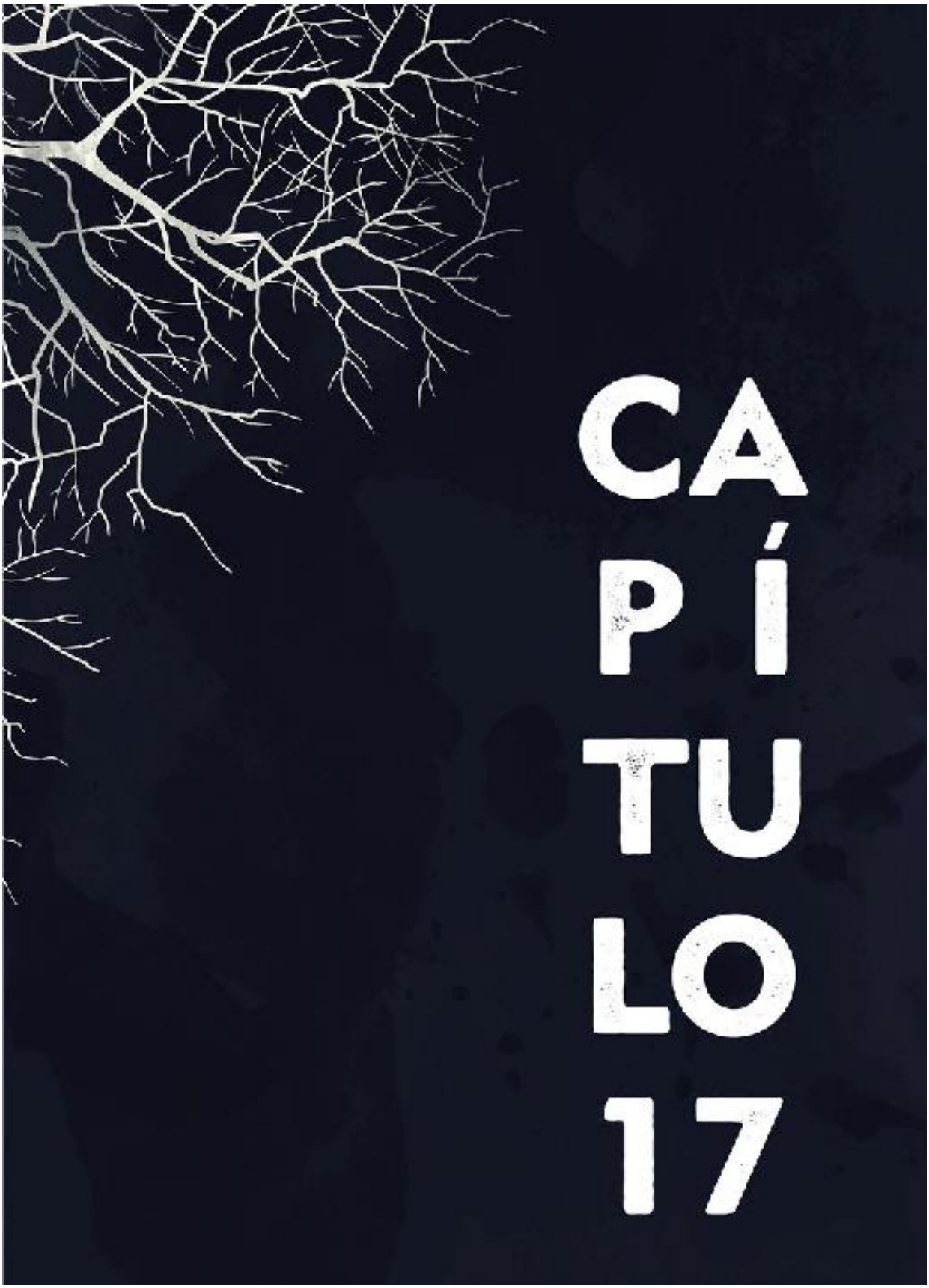
Casamos muito rápido. No primeiro ano, sucumbi aos seus abusos, sempre dando um jeito de fazer a situação parecer culpa minha. Alguns homens fazem isso, meu avô fazia com a Mirinha. Não o Matt. Ele é especial.

Mulheres usam táticas diferentes para manipular. Estou generalizando, mas conheci várias mulheres com maridos semelhantes a você. Sempre o mesmo padrão. Se a mulher reclama, ele se coloca como a vítima que trabalha o dia todo e precisa aguentar uma mulher reclamona. Diminui a autoestima dela, a deixa com os filhos. Enquanto ela está dentro da situação, nem nota que vai cozinhando, devagar e sempre. E logo é purê. Sem estrutura, sem gosto.

Vou dizer de uma vez: sua morte me ajudou muito. Caíram as algemas, me desvencilhei e me senti bem. Mas, confesso, preferia que você tivesse simplesmente ido embora.

No dia do seu desaparecimento, o que mais me irritou foi o seu desapego pelas crianças. Achei que você os havia abandonado. Mas ficamos bem. Você havia quase terminado de pagar o apartamento, herdei da vó Mirinha mais do que eu preciso, e com Matthew ajudando a pagar as contas… não tenho dificuldades financeiras. Estou até pensando em cursar uma faculdade agora que os meninos cresceram.

Rodrigo, o que você aprontou para ser assassinado? Não acredito na teoria do assalto. Não aqui, neste lugar tão pacato. Será que algum marido traído nos seguiu?


CAPÍTULO 17

ANA

A CIDADE ESTAVA DESERTA enquanto eu corria. Desci para a rua Manoel Silveira de Oliveira, onde eu corria todos os dias sob os olhares curiosos de quem passava. Não parecia comum as pessoas correrem nas ruas de Bom Jesus. Mas, como era domingo e a cidade inteira parecia dormir, subi a rua e resolvi correr pelo centro, que devia estar vazio. Subi a rua Antônio Inácio Velho e voltei em direção à casa da minha mãe pela rua Borges de Medeiros.

Estava olhando o nome das ruas, porque nunca tinha prestado atenção neles antes. Quando morara em Bom Jesus, era a rua do Banco do Brasil, a rua do hospital ou a rua da farmácia. Bem, a rua Borges de Medeiros era a rua da farmácia, e me lembrei de Porto Alegre, onde conhecia a rua Borges de Medeiros como Borges de Medeiros mesmo; uma rua muito conhecida, mas é avenida.

A farmácia estava aberta, e ao passar em frente vi que Dani estava sozinha lá dentro, lendo uma revista no balcão. Um estabelecimento simples, mas cheio de prateleiras e medicamentos até o teto. As prateleiras de madeira branca foram claramente feitas sem muito esmero, cheias de caixas com letras de todas as cores, dando um fundo confuso ao ambiente da pequena farmácia. A sala não era grande o suficiente para esse tipo de negócio, na minha opinião.

O balcão bege com prateleiras de vidro expunha remédios para dor de cabeça e estômago, bem como barrinhas de cereal. Dani estava de jaleco branco, recostada, lendo uma revista feminina. Recebeu-me com um sorriso.

— De plantão? — perguntei.

— Abrimos cedo de manhã.

— Bom, não tem muitos clientes, né? — comentei, olhando ao redor de forma quase teatral.

— Não — ela riu do meu gesto —, mas tem que ter farmácia aberta caso alguém precise. Sempre vem alguém de ressaca buscar um remédio

para estômago ou fígado, ou alguém com enxaqueca.

— A mãe me contou toda a história ontem. História de novela. Que coisa é essa de terras raras? Tem mais minas aqui?

— Não aqui diretamente, mas em alguns distritos vizinhos — disse ela, me olhando com seus lindos olhos azuis. O rosto sardento e claro ganhou um ar tristonho. — Parece que a nossa, ou a que não é mais nossa, era a única terra em São José dos Ausentes que tinha o tal lantânio.

Nunca havia ouvido falar.

— Prazer, senhor Lantânio! — brinquei, mas em seguida me arrependi, pois não era um assunto com o qual Dani gostasse de brincar.

Ela viu a insegurança no meu rosto e me tranquilizou:

— Não se estressa! Já desencanei. Meu pai sempre foi pobre e ganhou a terra do pai do doutor Schoerr. Ganhou e perdeu. Deus dá e Deus tira. Deve ter suas razões.

— O tal geólogo falecido é que determinou que tinha lantânio lá? — perguntei de forma direta.

— Acho que não. O tal cara era o bambambã, e meu pai não tinha dinheiro para pagar. Além disso, ele teria nos falado.

Entendi que ela nem imaginava que ele poderia ter ido até lá sem o pai dela, sem a sua autorização. Achei melhor não dar a ideia.

— Eu não lembrava que o seu pai tinha alguma relação com o doutor Schoerr. Não lembro de você ser amiga da Jéssica.

— Na verdade, eles cresceram juntos. Meu avô foi capataz da família do doutor Schoerr, bem como meu pai. Quando meu avô ficou idoso, o velho Schoerr, que era muito querido, deu a ele a terra. Era uma terra sem grande valor no pé da colina, só servia mesmo para pasto. — Ela viu um remédio que alguém tinha deixado no balcão e o colocou na estante, continuando: — No fundo, deu por pena, por ter bom coração. Naquele tempo não tinha aposentadoria, meu pai era um imigrante polonês pobre. Veio pro Brasil sem nada. — Pensei no nome Bucher, e não me pareceu polonês. Alemães infiltrados na Polônia? — Meu pai falava que o doutor Schoerr, o filho, não era empolado assim antes de ir a Porto Alegre cursar Medicina. Voltou cheio, diferente, arrogante. Já namorava a dona Bia. Que mulher nojenta!

Seu rosto se contorceu em uma careta bem óbvia.

— Eu não sei se lembro dela. Acho que não reconheceria.

Lembrei-me vagamente de uma mulher bem-arrumada e esnobe, de um tipo que encontrava às dúzias em shoppings de Porto Alegre e às vezes no meu café. Meu público era outro, mas às vezes apareciam. Mas não consegui ver nenhum rosto específico. Ela era quase que só um conceito.

— Nossa! A mulher é um nojo. Já veio aqui na farmácia me pedindo um remédio de enxaqueca igual a um que comprou em Londres. — O rosto continuava demonstrando o sentimento negativo, a transformando. Notei o profundo rancor na voz dela. — Como vou saber o que ela comprou em Londres? Chegou a me descascar por não saber o que havia de mais novo para enxaqueca na Inglaterra. Olha o abuso. Não falo inglês nem sou farmacêutica. A farmacêutica não estava. Quando contei a ela no dia seguinte, ficou uma fera. Se ela estivesse aqui, essa dona Bia tinha ouvido. Eu não falei nada, ainda me desculpei. Eu! Idiota…

Teci alguns comentários com empatia, sem alimentar o seu rancor, mas conseguia entender a raiva que sentia. Eu não sentia raiva dessas pessoas prepotentes. Raiva não era um sentimento que eu alimentava, muito menos rancor. Mas não eram pessoas com quem eu me relacionava, pelo menos não voluntariamente.

— E a Jéssica? — ela continuou. — Já era intragável, com aquele ar de quem está acima de tudo. Como se não fizesse parte do mundo dos mortais. Nem sei como estudou na nossa escola. Não combinava. Sempre achei que ficaria melhor num internato na Suíça, tocando piano para nonas com chapéus brancos parecidos com capeletes.

Pelo visto, ela não sabia que o capelete se chama capelete por se parecer com um chapéu. Ou talvez ela soubesse, e por isso comentou, e eu a estava subestimando. Fiquei em dúvida, mas não perguntei.

— Ela nunca teve muitos amigos na escola — comentei, neutra. — Mas me parecia mais tímida que arrogante.

— Claro que não. Não se misturava — concluiu Dani, cheia de julgamento. Não parecia notar que estava cheia do mesmo preconceito do qual acusava Jéssica. Provavelmente ela não via relação entre esses sentimentos. — Essa dona Bia é famosa por ser arrogante e se fazer de

boazinha. Como se fosse querida por batizar crianças de pobre e dar a elas algumas esmolas. Ela deve ter uns quinze afilhados aqui na cidade.

— Como está a sua mãe? — Tentei mudar de assunto.

Fui para a porta da sala ver se a cidade parecia acordar, mas ainda não havia ninguém na rua, só um gato que andava de um lado para outro como que procurando algo.

— Mal — respondeu ela. — Nunca mais será a mesma.

Senti que não havia espaço para uma conversa positiva naquele momento, não com uma moça que se sentia injustiçada de todos os lados.

Ela perguntou sobre minha vida e respondi vagamente, sabendo que não existe afronta maior que mostrar muita coisa positiva a alguém ferido e sangrando. Reclamei exageradamente da falta de movimento do verão. O que era verdade, mas que eu e minha sócia computávamos no movimento do ano. Disso ela não precisava saber.

É triste ver pessoas que não encontram formas de sair de seus destinos. Mas isso não é algo que se aprende, creio eu. É uma mistura de sorte e do DNA correto, e Dani não parecia ter nenhum dos dois. Em cima disso vem uma boa dose de falta de autoestima e negativismo de pessoas que creem de forma absoluta que a sorte só existe para quem tem dinheiro. E, nesse caso, a realidade confirma o preconceito. Como a sorte do doutor Álvaro, que já tinha dinheiro ao descobrir jazidas de lantânio em terras que pareciam sem valor e pelas quais ele, por caridade, havia pagado o dobro a um pobre agricultor.

Imediatamente me veio uma pergunta, e antes de realmente me despedir eu perguntei:

— Qual foi a motivação do doutor Álvaro para comprar as terras? Isso já estava sendo discutido havia muito tempo?

— A dona Bia tinha ido lá em 2012, dizendo para o pai que, como o doutor Schoerr tinha falecido, eles queriam ter todas as terras que foram da família. E como sabiam que o avô havia dado ao meu pai, iriam pagar o dobro para comprá-las de volta. Assim, meu pai podia comprar uma terra mais fértil com o dinheiro — contou com repulsa. — Minha mãe agradeceu a ela de todo o coração, quase chorou, emocionada. Mas a cidade falava que eles estavam sem dinheiro e que quem estava ajudando era o doutor Álvaro.

E, no final, foi ele quem comprou e pagou. Na cidade, se fala que o doutor Schoerr tinha outra mulher e gastou muito com ela. Era uma mulher mais nova, da Praia Grande. O doutor morreu de infarto com cinquenta e oito anos. Nem sei se dona Bia sofreu. Continuou bonitona, viajando muito com as amigas de Porto Alegre. Nem fez luto.

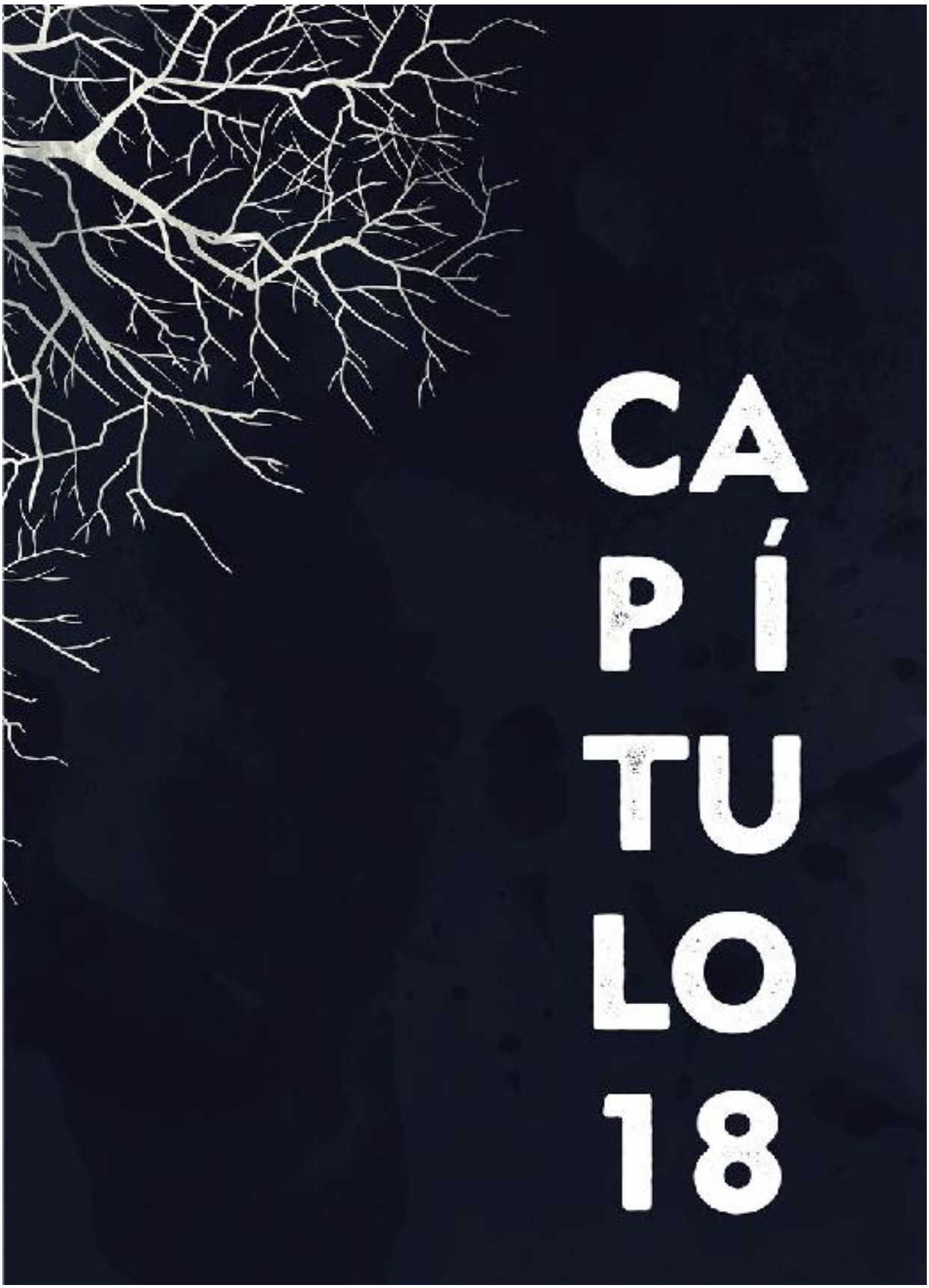
Cheguei em casa a tempo de encontrar meu pai fazendo o tradicional churrasco nos fundos. Eu o havia visto muito pouco naquela estada, pois ele ainda trabalhava e odiava ficar em casa. Apesar de seus mais de sessenta anos e seu salário mínimo de aposentadoria, preferia continuar no caminhão para sentir a liberdade de viajar e ter seus encontros, além de um dinheiro extra. Sabíamos que muitas vezes ele não estava viajando, mas simplesmente na sua outra casa em Silveira ou em algum outro vilarejo.

Peguei um pedaço de carne e coloquei no prato com farofa. Deixei esfriando e perguntei para a minha mãe:

— Como é a dona Bia, mãe da Jéssica Schroerr, que estudou comigo? Não lembro mais dela.

— Como assim? No dia que você foi me buscar no salão de beleza ela estava lá fazendo as unhas — comentou minha mãe com ar de espanto.

Eu não me lembrava de quase nada daquele encontro. Dei-me conta de que nem sequer nos cumprimentamos. Teria ela me reconhecido? Faláramos do geólogo? Eu não me lembrava.


CAPÍTULO 18

ANA

EU HAVIA MARCADO um horário no salão de beleza da Marlene para fazer minhas unhas na segunda-feira. Cheguei às nove, depois de minha usual corrida matinal, que substituía a esteira na sala de ginástica do prédio em Porto Alegre. Eu estava gostando demais de correr na rua.

Cheguei suada e com aquela cara feliz de quem se movimentou depois dos excessos do final de semana e fui surpreendida por alguém por quem eu realmente não esperava. Jéssica Schoerr estava sentada ali, aguardando atendimento.

Na hora me veio a lembrança da casa deles, que era uma das maiores e mais bonitas de Bom Jesus, pelo menos na época em que estudávamos juntas. A maior casa da cidade, na rua principal. Em estilo europeu, branca com telhado marrom e alguns arcos que, mesmo não combinando, deixavam a casa com um ar imponente. As janelas, de um marrom conhaque, combinavam com o telhado e harmonizavam com as grades baixas, pintadas da mesma cor, que rodeavam a casa. Devia ter mais de trezentos metros quadrados e, na única vez que estivera no saguão, me parecera que a sala era do tamanho da nossa casa inteira.

Jéssica parecia uma pessoa de outro mundo, um mundo que eu não conhecia. E isso nem tinha a ver com a diferença de classe social. Minha vida de classe média era bem diferente da vida de classe média de Jéssica antes da descoberta da mina. A vida dela naquele momento era diferente de novo, de forma que estávamos sempre distantes, em trajetórias paralelas, independentes.

Lembrei-me dela jovem, da nossa época de escola. Tive a impressão de que não mudara nem um segundo desde a última vez que a vira. Os mesmos olhos azuis expressivos, mas tristes; esbelta, andar elegante, cabelos de um loiro-cinza acetinado com mechas naturais que se formavam com a luz do sol, cabelos que todas as loiras falsas como eu só podiam invejar, pois não são alcançados por química.

Às vezes, na escola, eu ficava a olhando andar, altiva, como se o mundo se adequasse à sua presença, e não o contrário. Devo tê-la invejado muito nessa época, e quem não? Ficou mais claro para mim diante do rancor com o qual Dani falara dela. Dani também era loira e tinha olhos azuis, mas não era bonita como Jéssica. Os traços das duas eram visivelmente distintos. O nariz era onde as duas mais se diferenciavam. Dani tinha um nariz assimétrico, pendendo levemente para um lado, e quase grande demais, bem diferente do nariz perfeito e delicado de Jéssica. Além de traços físicos, enquanto Jéssica estava bem cuidada e continuava com uma aura de soberania de quem se sente à vontade e beneficiada pelo mundo, Dani estava amarga, havia engordado um pouco e adquirido um certo ar sofrido.

Olhei para ela e notei que havia me reconhecido, o que de certa maneira me surpreendeu. Nunca fomos amigas, mas estudáramos na mesma sala de aula mais de uma vez. Ela devia se chamar Jéssica Casagrande, como seu famoso marido, pensei. Famoso para mim, que ouvira falar nele uma dezena de vezes desde que tudo aquilo começara.

— Ana! — exclamou, parecendo positivamente surpresa. — Você por aqui? Achei que não se interessava mais pelo nosso interior.

Levantou-se e veio em minha direção dar os tradicionais três beijinhos na face.

Fiquei me perguntando se havia alguma mensagem subliminar na exclamação. Logo apaguei esse pensamento como parte da minha rotina de não especular sobre o sentimento dos outros pelo risco de julgar de forma errônea.

— Vim ficar um pouco com a minha mãe — menti, me dando conta de que mentir para ela me dava até um pouco de prazer. Logo concluí que Jéssica era capaz de despertar um lado meu que não me agradava. — Meu marido é alemão e está viajando.

Queria muito contar a ela que tinha um marido europeu, que eu também tinha sorte. O meu não era milionário, mas era importado, pensei, irônica. E também pensei o quanto era pequeno querer ficar me medindo com ela. Pequeno, mas humano.

— E o que ele faz? — perguntou Jéssica com as sobrancelhas arqueadas.

Não pude deixar de imaginar que ela estava estranhando que a menina pobre de Bom Jesus não fosse casada com alguém com um subemprego. De novo meu pensamento era maldoso e venenoso. E eu já sabia que o veneno, em geral, é mais nocivo a nós mesmos que aos outros.

Baixei as armas. Tentei não julgá-la, no fundo nem a conhecia. Contei um pouco sobre a carreira acadêmica de Frank, o doutorado, vaga na universidade.

— Ah, professor! — ela comentou com o que acreditei ser desdém.

Minha raiva momentânea foi substituída por pena. Elitista, intolerante, cheia de preconceito, ignorante. Sim, julguei. Não consegui ficar neutra.

— Sim. Está na Suíça agora.

O que eu estava querendo fazer? O que eu queria mostrar? Na verdade, eu queria informações do caso do geólogo, era esse o ponto, e poderia obter com ela. Então, comecei a contar um monte de coisas sobre a vida, no estilo de quem quer se mostrar apenas para ganhar simpatia e obter informações. Era contra meus princípios, mas… não menti.

Contei de nossas viagens a Paris, citei nomes de vinhos caros, restaurantes, coisas que eu sabia que iam impressioná-la. De alguma forma, até por lidar com muita gente no café, aprendi a me conectar mesmo com pessoas com as quais não tinha afinidade. A visão dela da Europa era a daqueles turistas de classe média alta que fazem uma excursão de quinze dias para sete países e interpretam bem errado o pouco que veem.

— Nossa, que interessante! Você devia vir até a nossa fazenda, jantar conosco e conhecer o Álvaro. Ela vai adorar as suas histórias. — Eu havia sido promovida a amiga, concluí. — O Álvaro adora viajar. Já fomos à Europa duas vezes. Eu também tenho um menino, um filho. E você? — ela perguntou com genuíno interesse, pelo menos na minha percepção. Pareceu-me que o tema crianças era algo que realmente a interessava.

— Ainda não tenho filhos. — *E provavelmente não terei*, pensei. — Eu e Frank casamos em 2012 e aí não quisemos ter filhos nos primeiros anos. Hoje eu já não sei se é uma boa ideia — repliquei de forma honesta, sabendo que corria o risco de ser julgada.

— Hoje em dia muitas mulheres têm o primeiro filho com quarenta anos. Acho que ainda é possível.

Concordei, mas não continuei o assunto, até porque ele era delicado inclusive para mim, que já me perguntava se deveria tentar. Sabia que provavelmente a janela se fecharia dentro dos próximos dois anos.

— Como estão seus pais? — perguntei, também com o intuito de mudar de assunto.

— Meu pai faleceu em 2011, ainda antes dos sessenta anos. Muito jovem. Minha mãe está agora chegando aos sessenta e mora conosco. Ela ficou muito abalada com a morte do meu pai, não sabia bem o que fazer. Foi um período bem difícil. O Álvaro a trata como uma mãe. Ela adora a casa da fazenda, então está morando conosco.

Nesse momento, a manicure nos interrompeu dizendo que tínhamos de assumir nossos postos de clientes sob pena de atrasar as clientes que viriam às dez horas.

Uma hora depois, eu caminhava de volta para casa com as unhas dos pés e mãos prontas, além de ter feito uma escova e sobrancelhas. Lembrei-me da tal história do suco e resolvi andar mais alguns metros até a delegacia.

A porta estava, como sempre, aberta, e eu já me sentia da casa; nem me parecia mais que aquilo era uma delegacia. Fernanda redigia um relatório no computador e Guilherme estava sentado à mesa dele tomando chimarrão e lendo e-mails, concentrado.

— Bom dia, primo! — saudei, alegre.

Ele levantou os olhos, e por um segundo pensei que não havia me reconhecido.

— Sobrancelhas novas?

— Uau! — Um homem que percebe que fiz as sobrancelhas? Isso foi novo para mim. — Como você notou?

— Não tem como não notar — respondeu ele. — Trabalho só com mulheres, esqueceu? Além da patroa em casa. Você sabe que moro com minha namorada, né?

Senti uma pontada de orgulho no comentário. A moça devia corresponder às expectativas. Minha mãe já havia me contado nos mínimos detalhes: moça bonita, loira, de Passo Fundo, nutricionista. Viera com ele e

trabalhava no hospital. Adorava academia, tímida. Fiz que sim com a cabeça e me sentei.

— Um dia tenho de encontrá-la. A mãe falou muito bem dela. Vivian, né? E aí, tentaram mesmo envenenar nossa paulistana?

O delegado soltou uma gargalhada estrondosa que fez com que as outras moças se aproximassem para entender a piada.

— Você não vai acreditar! Sim! Chá de espirradeira. Não teria matado nem mosca. Apesar que tem gente por aqui que acredita que mata. Seja lá quem for que deixou o tal suco lá, não entende nada de assassinatos. Pensamos até que pode ter sido brincadeira de criança.

— Chá de espirradeira? Desculpe a minha ignorância… — questionei, ponderando que tentar assassinar ou fazer alguém passar mal não me parecia brincadeira de crianças.

Fernanda me puxou para a porta e me mostrou uma árvore plantada quase em frente à delegacia. Precisei me esforçar para não esboçar nenhuma reação ao notar a semelhança entre aquelas folhas e as que eu encontrara no criado-mudo de Marina.

— Vê aquela árvore? O nome científico é *Nerium oleander* e ela é venenosa. Suas folhas têm duas substâncias, oleandrina e neriantina, que são bastante tóxicas. Existe um dito popular que afirma que uma folha mata um homem de oitenta quilos. O problema é que o gosto é forte. É difícil a pessoa não notar. A paulistana teria notado se tivesse provado — comentou, orgulhosa de seu conhecimento; tenho de admitir que, se não fosse pelas mil coisas que se passavam por minha cabeça, eu ficaria impressionada. — As pessoas mais velhas contam causos de moças que morreram ingerindo o chá das folhas para abortar. Aqui no interior acontece muita morte de animais por ingestão da folha da espirradeira. Mas nunca que eu teria a ideia de assassinar alguém assim. Se é que foi o caso de quem fez esse suco.

Voltamos para dentro da delegacia e me sentei novamente à mesa de Guilherme, que havia aberto o Google para me mostrar a árvore florida; a árvore lá de fora não tinha flores.

— Já vi essa árvore. Tem em Porto Alegre também, na rua. Não sabia que era venenosa — comentei, tentando soar casual, desinteressada. Guilherme clicou no quarto link oferecido pelo Google, abrindo um vídeo do

Youtube intitulado: “Espirradeira é uma das plantas mais tóxicas do mundo”. — E você acha que alguém queria mesmo envenená-la?

— Bom — disse Guilherme com os olhos meio fechados, como quem diz uma verdade cheia de autoridade. — É fácil provar que foi intencional, não há outra justificativa. O problema é saber quem foi e por quê.

— Impressões digitais no copo? — perguntei.

— Difícil — comentou ele. — Quando ligaram para nós, a Marina havia pegado no copo, depois chamou a dona Laura, que também pegou o suco para cheirar e assim por diante. Mas vamos olhar.

Por algum motivo, senti a necessidade de mostrar que sabia menos que eles.

— Ela está em um quarto térreo?

— Sim — respondeu Fernanda. — Tem porta de vidro, e a camareira deixa os quartos abertos quando está limpando. Às vezes, os hóspedes também. A Marina não lembra se fechou.

— O que faria alguém se arriscar para colocar um suco com uma substância tóxica no quarto da Marina? — perguntei, intrigada. — Será que ela sabe de alguma coisa que o assassino teme que possa levar a ele?

— Bom, se ela sabe, não nos disse — comentou Guilherme. — Não vi nada no depoimento dela que me desse essa impressão.

Para mim, ficou claro que nenhum deles tinha sequer especulado a possibilidade de Marina ter forjado a tentativa de envenenamento. Eu não podia afirmar que isso de fato tinha acontecido, mas, com as informações privilegiadas que eu tinha, era a conclusão mais óbvia. Não me pareceu certo saber mais que a polícia.

— E se foi ela quem colocou o copo lá para que pensássemos que alguém tentou envenená-la? — sugeri, meio encabulada.

Os olhos de Guilherme se iluminaram.

— Pior! Não tinha pensado nisso. — E, olhando para as colegas policiais com ar de cumplicidade e buscando aprovação, continuou: — Essa paulistana sacana! Devíamos ter revistado o quarto dela.

De repente, me senti culpada. E se a planta que eu encontrara fosse só parecida, e não a mesma? E se a planta fora deixada lá por outra pessoa? E

se o intruso na verdade soubesse que a planta não seria capaz de matar, e fizera aquilo justamente para que concluíssemos que Marina forjara tudo?

— Espere aí! — protestei. — Foi apenas uma hipótese.

— Você ficou amiga dela! — Guilherme me interrompeu, rindo. — Não significa que ela matou o marido, mas deve ter feito isso para que parecesse vítima também. Para dissipar as suspeitas.

— Foi uma ideia idiota minha — lastimei, me culpando por estar claramente interferindo numa investigação policial. — De onde ela teria tirado a folha?

— Esse é o menor dos problemas — comentou Fernanda. — A rua está cheia dessas árvores. Mais tarde vou lá ver se há alguma árvore no pátio do hotel.

Arrependi-me de ter dado a eles de forma espontânea uma ideia contra Marina. Eu realmente não sentia que podia ser ela. Decidi tentar mudar o foco:

— Tem mais um detalhe. Ouvi de algumas pessoas que, à época, um tal de Jeferson foi investigado. Já faz uns dias que estava planejando te perguntar e esqueci. O que vocês sabem sobre isso?

Guilherme me olhou, e ficou claro no rosto dele que ouvia sobre o assunto pela primeira vez.

— Fernanda, pode me dizer algo sobre isso? — perguntou, se virando para a colega, que era a única da equipe atual que estava na delegacia quando o desaparecimento ocorrera.

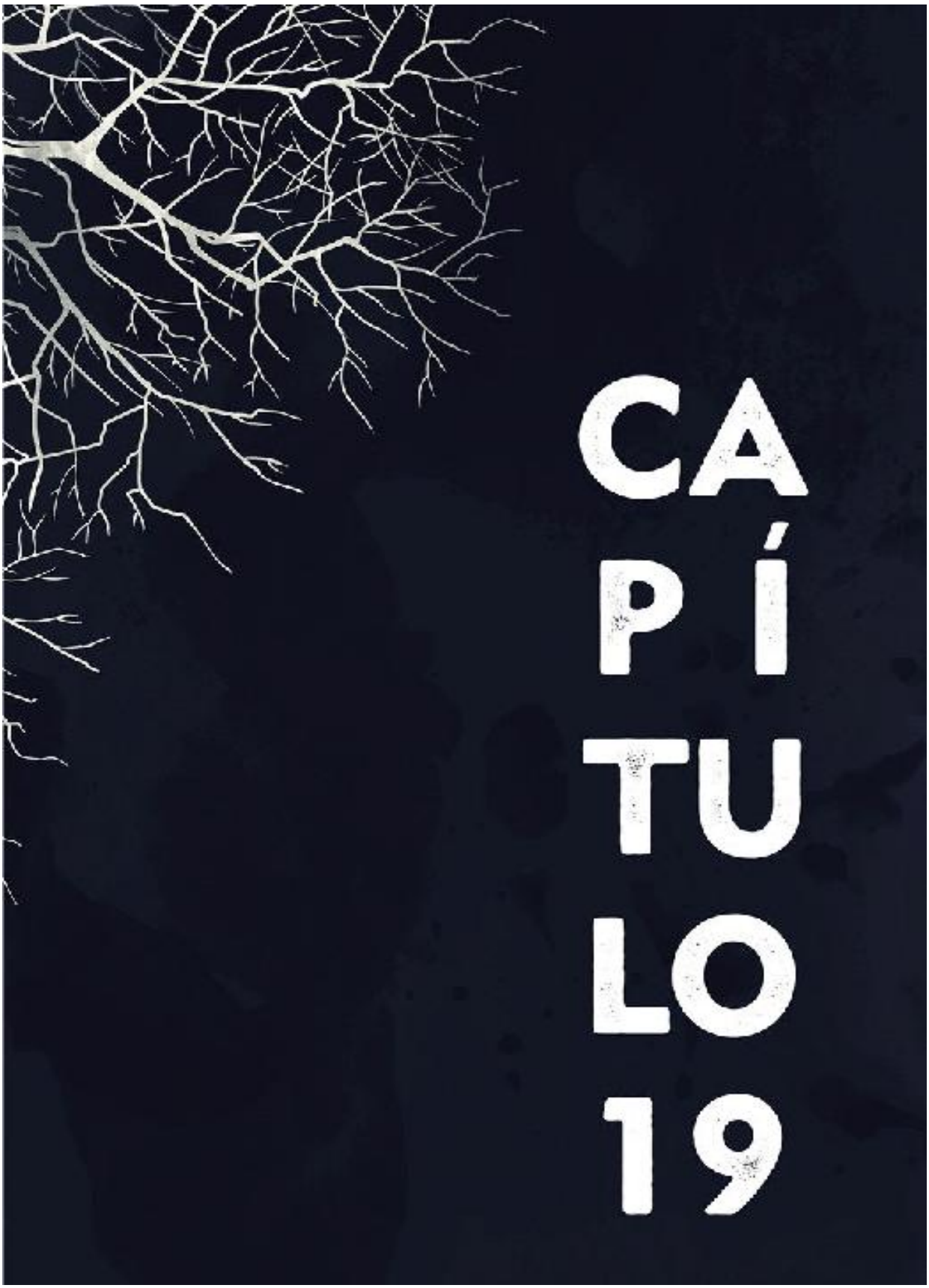
— Sim. Lembro, sim. Um pobre coitado. O pessoal desconfiou porque havia comprado uma moto nova. Desconfiaram que ele recebeu dinheiro de alguém para desaparecer com o geólogo. Me pareceu um pobre coitado quando esteve aqui, mas na entrevista ficou claro que não era ingênuo nem burro. Contou uma história bem convincente sobre ter recebido a entrada para a compra da moto de uma madrinha e ter conseguido o resto do dinheiro de um negócio em Porto Alegre. A família confirmou que ele esteve um mês sumido, mas, bem, não confirmaram o paradeiro de forma inequívoca. Além disso, ele tem histórico de alguns furtos na adolescência.

Constatei que nossa querida Fernanda era mais intelectualizada que a maioria dos habitantes daquela cidade, o que era uma surpresa positiva.

— Temos que interrogar esse cara de novo, ainda hoje! — exclamou Guilherme com um excitamento visível. — Estamos também intensificando os esforços para encontrar o tal carro alugado. Liberamos os dados de novo à polícia federal para que fiquem atentos caso o carro esteja em circulação. Creio que, como o caso já estava esquecido, talvez não esteja no sistema, que é novo.

Lamentei comigo mesma por não poder estar presente no interrogatório do tal Jeferson, mas agradeci o fato de Guilherme ser meu primo. Em outro caso, eu não teria tanto acesso às investigações. Ele era um policial sério, apesar de não ser dos melhores, uma vez que deixava escapar pontos importantes para a investigação. Ele não me contaria algo sigiloso, mas, mesmo assim, eu tinha mais acesso que a maioria das pessoas a informações que não eram estritamente confidenciais.

Voltei quase que correndo à casa de minha mãe, de onde saí com duas folhas em punho até a árvore indicada por Fernanda. As folhas que achei no fundo da gaveta eram as mesmas que foram identificadas no suco, não havia margem para dúvida.


CAPÍTULO 19

JÉSSICA

ENCONTREI A ANA no salão de beleza. Ela continua tão senhora de si, tão confiante. Admiro isso nela desde a época da escola. Lembro-me de ter pensado em me aproximar delas. Ana, Dani e a outra menina, de quem não lembro o nome porque foi embora de Bom Jesus na adolescência. Não eram as mais populares da escola nem as rejeitadas. Eram o grupinho mais comum da sala, e talvez por isso me interessassem. Mas nunca tive coragem de ir até elas, e elas nunca me convidavam para nada.

Eu me lembro de uma vez que me sentei com a Ana porque a professora formou grupos, provavelmente para apoiar que os grupinhos se desfizessem ou se expandissem. Mas não consegui fazer mais do que interagir com ela o mínimo exigido para o trabalho.

Sempre fui muito tímida. Sei que tem gente que acha que pareço arrogante, mas é minha defesa. Vivendo à sua sombra, mamãe.

Você sempre escolheu minhas amigas. Lembro de você sempre ir buscar a filha do gerente do Banco do Brasil para brincar comigo ou me levar até a casa deles de carro. As outras meninas saíam à rua, se encontravam na escola. Eu não. Sempre com você me levando e buscando de carro, me vigiando, escolhendo o que eu fazia e com quem.

Ana não seria a amiga escolhida por você. Pai caminhoneiro, mãe doméstica. E me lembro bem de você me dizendo que mulheres bonitas não têm amigas. Amigas invejam as mulheres bonitas e, assim, nunca são amigas de verdade. Principalmente se tratando de um nível social diferente, segundo você me disse.

Aprendi essas barreiras sociais contigo. Não creio que as crianças as entendam. Elas buscam afinidades, outras crianças que tenham os mesmos interesses, que despertem confiança, que tenham algo que elas não têm. No meu caso, o interesse por Ana era pela sua desenvoltura, pela naturalidade. Parecia-me que ela estava sempre confortável dentro dela mesma.

Bem ao contrário de mim, que pareço sempre estar no momento errado, no corpo errado, dizendo a coisa errada. Nunca me sinto à vontade. Nunca creio que o que vou dizer seja interessante ou correto. Talvez seja porque você sempre me corrige e critica, mamãe. E quando não faço nada, apática, esperando sua aprovação, você vem e dita o que devo e como devo fazer, o que devo e como devo dizer.

Mas hoje encontrei a Ana. Ela ainda me inspira uma autoconfiança muito empática. Ainda a admiro. Ela se casou com um alemão. Um alemão de verdade, não nascido no Brasil, um estrangeiro e professor de universidade com doutorado. Deve ser uma pessoa interessante. A Ana falou dele de uma forma tão envolvente… Com certeza ele é bem mais interessante que o Álvaro, mesmo com seus milhões.

Quando ela me contou das viagens, pude visualizar os dois intelectuais andando em museus, bibliotecas. Quando viajamos, nunca consigo que você e Álvaro vão a algum lugar desses comigo. Vocês só pensam em *duty free* para comprar roupas e perfumes, ou em lugares bem turísticos para tirar foto. Vocês adoram me vender de intelectual, que toca piano, lê e é culta, mas acaba aí. Quando falei em cursar a faculdade de piano, ninguém foi contra, mas não senti grande apoio.

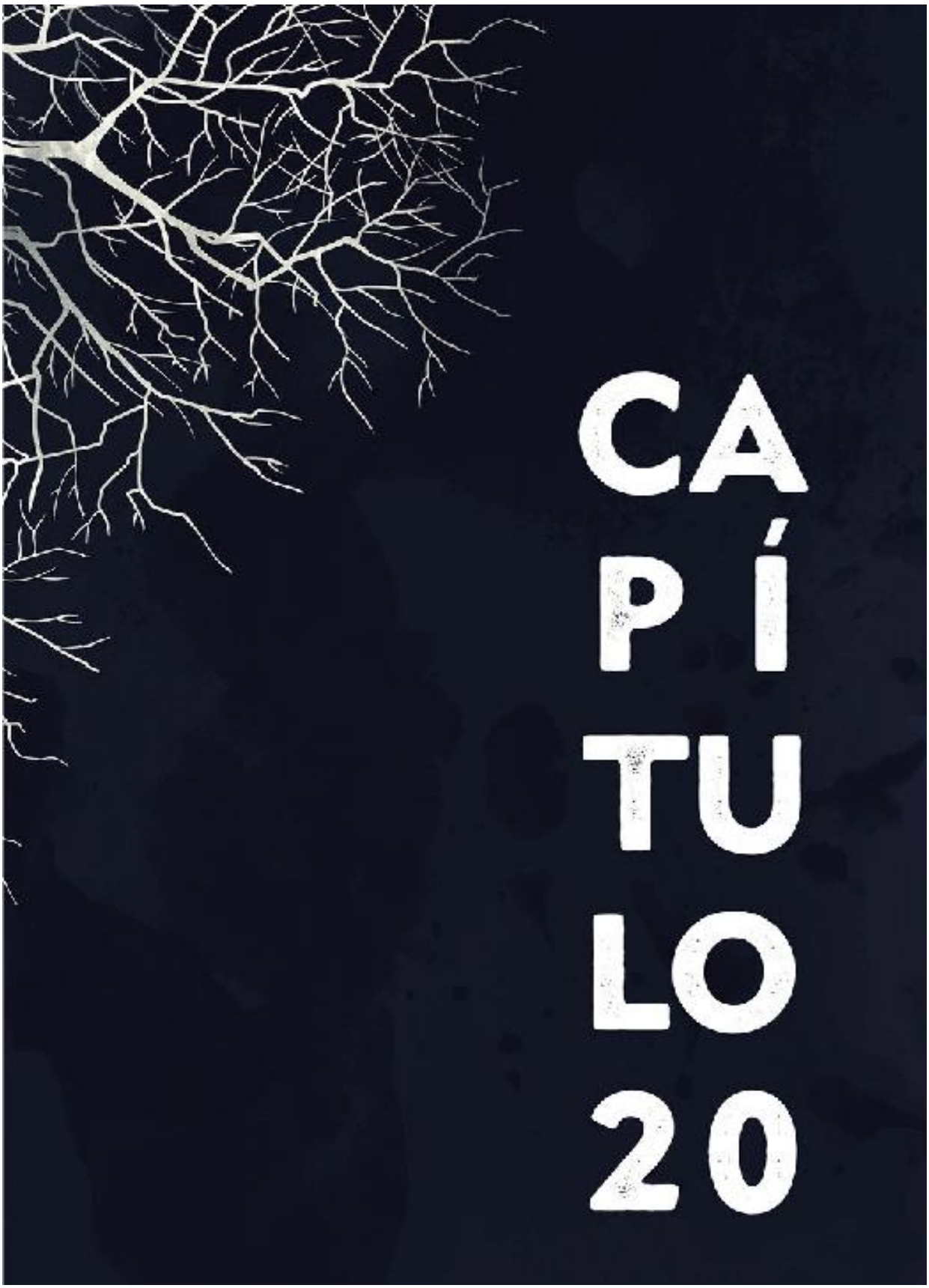
A Ana fala inglês, é formada em Administração e fez múltiplas viagens de forma bem diferente que a minha. Eles não compram excursões, mamãe. Eles alugam carro e saem dirigindo pela Europa, como se fosse o país deles. Acho isso o máximo. Adoraria fazer uma viagem desse tipo, mas ninguém aqui fala inglês. Se conseguirmos ficar amigas, talvez eu e Álvaro possamos ir com eles numa viagem dessas.

Ela tem tanta coisa que não tenho… É independente, tem uma empresa, tem uma vida própria. Ela me reconheceu e foi receptiva. Falou um tempo enorme comigo, mas eu, sempre insegura, fiquei em dúvida se ela teria interesse em mim. Será que ela sabe que eu sempre a admirei?

Contei para você do nosso encontro e, para minha surpresa, você me sugeriu que eu convide Ana para nos visitar. Espanto, mas alegria, pois finalmente posso tentar uma amizade que eu sempre quis.

Talvez eu não tivesse tido coragem de ligar para ela, mas, depois da sua sugestão, o medo passou. Afinal, estou cumprindo uma ordem.

Liguei para Ana no final do dia e a convidei para jantar conosco na quarta-feira à noite. Ela aceitou!


CAPÍTULO 20

ANA

LIGUEI PARA A MINHA SÓCIA e combinamos que eu ficaria mais uma semana fora. Reservei para o cão seu hotel fazenda predileto em Viamão. Férias para ele também, que ficava sozinho no apartamento em Porto Alegre durante o ano todo e poderia se divertir com os outros cães do hotel, algumas vezes sendo observado por mim pela webcam.

Pensar no calor de Porto Alegre não me atraía nem por cinco segundos. Frank estava viajando também, e o café estava sem movimento por ser janeiro e pelo fato de os porto-alegrenses estarem na praia. Ou seja, eu não era tão necessária.

Mal podia esperar para saber o que havia acontecido com o interrogatório de Jeferson. Estava tão ansiosa para saber sobre isso que acabei deixando um pouco de lado a história da planta encontrada no quarto de Marina. Até porque eu concordava com Guilherme: mesmo que ela tivesse inventado essa história toda do suco, isso não faria dela a assassina. Provavelmente, só queria ser liberada para voltar a São Paulo o quanto antes, e julgou que parecer em perigo faria isso acontecer mais rápido.

A manhã transcorreu lenta, na rotina de caminhada, chimarrão e muita ansiedade por notícias. Lá pelas três e meia da tarde, quando eu já estava exasperada, recebi uma mensagem de Guilherme dizendo que havia muitas novidades e pedindo para que eu desse um pulo na delegacia se pudesse. Fui quase que imediatamente.

O alvoroço e excitação eram visíveis no pequeno grupo.

— Pior é que acho mesmo que foi esse tal de Jeferson que matou o geólogo. — Guilherme foi logo ao ponto enquanto se levantava para me cumprimentar. — O cara se enrolou todo falando do caso, e conseguimos extrair dele algumas informações desencontradas. Mas mais importante que isso é que achamos o carro alugado pelo geólogo na Praia Grande.

Lembrei-me que Praia Grande já havia sido mencionada nos últimos dias em algum contexto, mas não me lembrava bem do que se tratava.

— Uau! — exclamei, genuinamente impressionada por terem achado o veículo tão rápido. — Como foi isso?

— Entendemos que foi denúncia da pessoa que estava guardando o carro. Parece ser prima desse tal de Jeferson. Foi uma outra pessoa que mora na casa que denunciou, pois estranhava a presença do carro sem uso e sem dono na propriedade. Mônica acabou de descer para lá para identificar o carro. Temos o número do chassi, e é fácil de confirmar se o carro é o que Rodrigo alugou em 2012.

— Vocês confrontaram o Jeferson sobre o carro?

— Infelizmente não — disse Guilherme —, mas vamos fazer isso nas próximas horas.

— Ele está aqui?

— Não. Tivemos que liberá-lo. Ainda não tenho elementos para retê-lo. Nem agora com o carro.

Notava-se que o suspeito fora liberado a contragosto, pois ficou claro que meu primo estava convencido da culpa do rapaz.

— Qual a chance de ele sumir se for mesmo o culpado?

— Alta. Mas não posso fazer nada a respeito. Vamos chamar outras pessoas para depor e ver se a história que ele conta é verdadeira. Também vamos olhar os extratos bancários assim que eu tiver autorização judicial.

Depois de ouvir mais detalhes e me embebedar com mais chimarrão, resolvi caminhar até o hotel para ver Marina, prometendo passar ali na volta para saber o que Mônica havia descoberto em Praia Grande.

Cheguei ao hotel antes das cinco horas da tarde, e Marina estava no saguão conversando com dona Laura. Sorriu ao me ver.

— Ana! — Levantou-se e veio me dar um beijinho no rosto. — Boa tarde.

— Boa tarde — respondi, divertida, porque nós, gaúchos, não temos o costume de desejar boa tarde às pessoas.

Junto a ela estava outra moça de uniforme policial que eu não havia visto ainda.

— Essa é a Luciana. — Indicou a policial. — Vocês se conhecem?

Neguei com a cabeça.

— Eu estava de férias — esclareceu Luciana. — Hoje a Fernanda e a Mônica estão em campo, e estou protegendo a senhora Marina.

Não consegui imaginar que a moça, bem mais jovem que as outras policiais, pudesse estar protegendo a forte Marina, mas se ela disse…

— Alguma novidade? — perguntei.

— Sim. Saiu o exame do meu suco e parece que acharam o carro.

Duas informações que eu já tinha. Conversamos extensivamente sobre as possibilidades, dessa eu vez eu prestando bem mais atenção em Marina e suas reações. Nada me convencia de que se tratava de uma assassina.

Despedi-me dela, pois era seu último dia em Bom Jesus. Voltei à delegacia por volta das seis e meia, e Mônica estava iniciando a narrativa da excursão à Praia Grande.

Segundo ela, o galpão onde o carro estava ficava em uma propriedade da família de Jeferson. Um tio por parte de mãe que trabalhava transportando insumos. O carro devia estar ali desde 2012, mas ninguém sabia ao certo. Fora levado para lá por Jeferson, segundo eles disseram. Ele havia contado uma história sobre ter herdado o carro de uma tia do lado paterno, mas, por estar dentro do inventário, não poderia ser usado. Pediu para deixá-lo lá até que isso se resolvesse. Eles não perguntaram mais nada, e o carro estava lá, coberto por uma lona desde então.

O tio queria resolver logo o assunto do carro, pois este estava parado havia alguns anos. Então, ouviram de um policial federal amigo da família sobre a busca e resolveram denunciar. Nunca imaginaram que o carro poderia estar envolvido em um assassinato, mas admitiram que poderia ter sido roubado, pois Jeferson cometera pequenos furtos no passado.

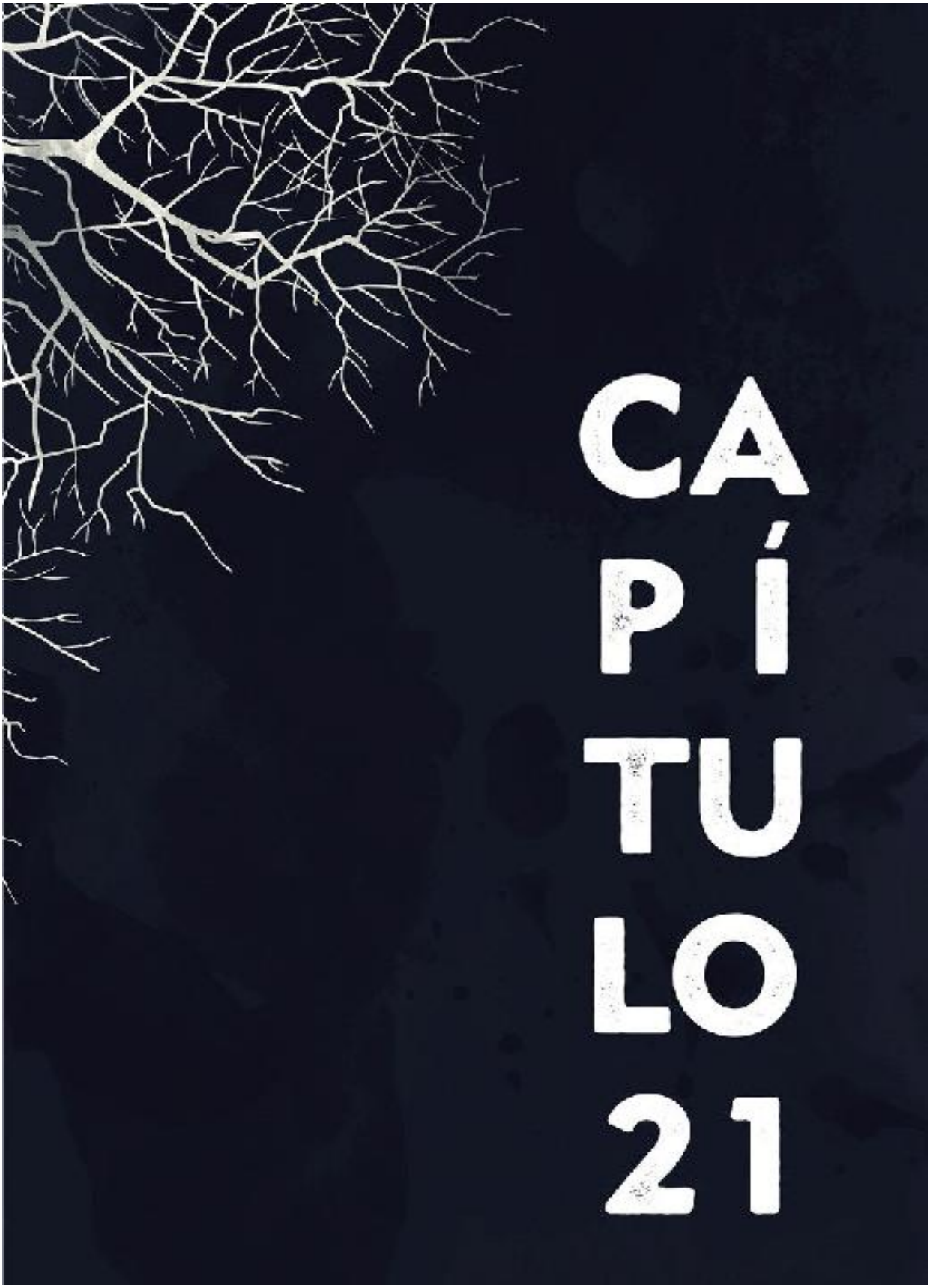
A história se fechava de forma perfeita.

— Com isso vocês têm provas contra o Jeferson? — perguntei.

— O carro agora vai para a perícia, para buscar impressões digitais e vestígios de sangue. Já o enviamos a Porto Alegre. Os resultados da perícia devem sair na sexta-feira. Mas, sem avaliar muito, pelas manchas do banco, mesmo que tenha sido lavado, creio que ele possa ter sido morto no carro mesmo — respondeu Mônica, convicta.

— Vê com luminol? — perguntei, me lembrando das séries de mistério que assistia na Netflix.

Ela não sabia, era atividade da perícia. Está ai uma profissão que me interessaria, pensei.


CAPÍTULO 21

ANA

NO OUTRO DIA CEDO, ficou claro que Jeferson havia sumido durante a noite; foi, então, dado como foragido.

Cheguei à fazenda de Jéssica e Álvaro às seis para o jantar, levando um buquê de flores comprado em uma floricultura local e chocolates para o menino, hábito adquirido com a família alemã do Frank. Como Jéssica tinha descendência alemã, fiquei em dúvida se eles também teriam o mesmo hábito dos alemães contemporâneos, que nunca chegam à casa de alguém de mãos vazias.

A casa de fazenda era imensa, mas distribuída em somente um andar. A fachada tinha um estilo colonial *clean* bege, e bem no meio havia um alpendre com a entrada principal, ornamentado com duas colunas. Isso poderia ter estragado toda a arquitetura *clean* da casa, mas, de alguma forma, não foi o que acontecera. O telhado de ângulo baixo e telha romana indicava que o todo fora planejado por um arquiteto. As janelas poderiam ser maiores para o meu gosto pessoal, mas a fachada era harmoniosa. Também era preciso levar em conta que cheguei na hora da luz perfeita para se admirar uma casa. Um final de dia colorido por um belíssimo pôr do sol.

Duas palmeiras altas completavam o cenário. Imaginei que foram levadas até lá adultas, já que a casa fora construída havia menos de três anos, segundo Jéssica me contou quando me recebeu carinhosamente.

Atravessamos uma sala decorada de forma tradicional demais, mas, de novo, para o meu gosto pessoal. Tirando isso, o todo tinha coerência. Não era uma casa que eu faria, mas o conjunto era agradável. A parte detrás contava com uma varanda larga com redes entre todas as colunas.

Sentamo-nos nos conjuntos de sofás externos feitos de fibra de madeira trançada, bem aconchegantes. A empregada nos trouxe um drinque. Eu não gostava muito de drinques com leite condensado por serem muito doces, mas naquele momento pareceu combinar com o final de dia e a fazenda. O coquetel tinha sabor de coco e alguma outra coisa que não identifiquei.

Começava a escurecer, e o sol sumindo criava um céu cinza-azulado com alguns matizes rosados. Impressionante!

— Casa maravilhosa — comentei, e foi uma avaliação genuína. Ela anuiu, mas notei que não sentia muito orgulho da casa projetada, segundo ela, por uma arquiteta amiga de sua mãe. — Como você e Álvaro se conheceram?

— Em Passo Fundo — disse Jéssica com olhos sorridentes e um sorriso tímido. — Em uma formatura. Foi em 1998. Faz bastante tempo. No início, não gostei dele. Muita barba. — Sorriu enquanto tomava um pequeno gole de seu drinque. Eu não sei se achei graça. Frank não usava barba, e barba também não era uma coisa que me atraía, mas não teria feito um comentário desses sobre meu esposo. — O Álvaro é de Cachoeira do Sul. O pai dele era dono da arrozeira Arroz Casagrande.

Eu me lembrava bem da Arroz Casagrande. Notei o uso do verbo no pretérito.

— Era? Não é mais? — perguntei, arqueando a sobrancelha.

— Na verdade, não. Os pais dele venderam a empresa a um grupo estrangeiro em 2008. Logo depois, o pai dele faleceu.

Perguntei-me se havia sobrado algo da enorme fortuna que o povo da cidade dizia que ele tinha. Como eles também eram milionários por causa das terras raras, ficava difícil de saber o que viera antes e depois.

Nesse momento, Álvaro chegou da lida no campo ou na mina, ao que me parecia. Vestido com a indumentária tradicional da cultura gaúcha, realmente não o achei muito atraente. Frank, que devia ter uns dez anos a menos, não era por isso mais atraente. Ambos deviam fazer parte da lista dos homens medíocres em termos de aparência. Mas Frank me impressionava por seu intelecto e sua maneira não convencional de ser.

Álvaro tinha grandes sobrancelhas escuras, que, junto com a barba, transmitiam um ar de alguém sem nenhuma paciência. Não consegui imaginar aquele homem trocando uma fralda. E conseguia imaginar Frank trocando fraldas. Nós dois dividíamos o trabalho doméstico, apesar de nenhum gostar das atividades.

Também me lembrei de como minha mãe me incomodara com a ideia de eu me casar com alguém rico da região. Então, agradeci milhões de vezes ao

meu discernimento por ter ido a Porto Alegre e ter tomado as rédeas da minha vida. Eu esperara pela pessoa certa, mesmo correndo o risco de ela nunca vir.

Meu café não me fez milionária, mas me libertara das amarras da dependência, me dera tempo de ler todos os livros que eu quisera sentada ao caixa em horas de pouco movimento e, mais importante de tudo, me permitira conhecer alguém como Frank, que era milhões de vezes mais o meu estilo. Entretanto, Frank não correspondia ao papel de bem-sucedido da cabeça dos meus pais. "Professor ganha mal", falavam. Frank era professor de universidade; não ganhava mal como eles imaginavam, mas nunca o defendi. Era até prático que não soubessem como era a nossa vida. A distância entre a pesquisa de Frank e a imaginação dos meus pais era gigantesca e, assim, não valia a pena tentar explicar. Estresse para ambos e nenhum ganho.

Com certeza ser dono de uma boa quantidade de dinheiro num lugar idílico como aquela fazenda e perto dos cânions invejáveis deve ser agradável para muitas pessoas. Só que eu não gostava. Gostava de cidade grande, de burburinho, de acesso ao aeroporto em trinta minutos.

Álvaro se sentou conosco e logo ficou claro que não era nada intelectualizado, mas sim tradicional, conservador, elitista e negativo, especialmente em relação ao Brasil; até aí, nada inesperado. Por outro lado, tinha um sorriso agradável, no qual os olhos riam de maneira bem interessante. Ele me pareceu robusto, o tipo de pessoa que não tem muitas dúvidas sobre o que quer. Fez um discurso acalorado sobre a classe política e os absurdos no Brasil, e me questionou intensivamente sobre o porquê de não estarmos na Alemanha.

Lembrei-me do comentário de Marina. Não perdi tempo tentando explicar que a Alemanha real era provavelmente bem diferente do que a que ele imaginava. Mas não valia a pena discutir isso. Não era meu papel convencer ou esclarecer algo. Deixei-o falar. Arrotou propriedades, carros e até um helicóptero. Teria comprado por causa de Jéssica.

— Ele fala isso, mas não é verdade. Nunca andei nesse helicóptero — falou Jéssica, meio constrangida. — É que no início não dei bola para ele. Um dia ele veio a Bom Jesus de helicóptero para me impressionar. Trouxe o helicóptero cheio de flores e todo mundo na cidade ficou sabendo.

Pareceu-me um dueto que eles haviam recitado inúmeras vezes.

Já haviam vendido o tal helicóptero, uma vez que os negócios se concentravam em São José dos Ausentes, explicou Álvaro.

— Foi difícil pegar essa prenda — comentou ele com um ar de idolatria. Arrepiei-me com a ideia de alguém me chamar de prenda. Ainda bem que Frank jamais o faria. — A mãe dela queria que fosse *miss* e viajasse pelo mundo como modelo. Imagina se ela tivesse ido e eu a perdesse — disse, se sentando no braço da poltrona em que Jéssica estava e colocando a mão no seu ombro.

Jéssica realmente era bem bonita. Não que eu fosse especialista no assunto, mas me parecia que a beleza dela era mais tradicional, longe da beleza inovadora de uma Gisele Bündchen, que era o tipo que fazia sucesso no mundo das modelos. Talvez fosse a harmonia adequada para concursos de *misses* regionais.

— O Álvaro fez muita coisa para me impressionar — disse Jéssica. Dava para ver pelo olhar de admiração dele que era verdade. — Acho que a passagem para Buenos Aires que ele me mandou foi a coisa que mais teve resultado. Saímos de Porto Alegre, e lá, no jantar da primeira noite, ele me pediu em casamento — contou ela, provavelmente pela milésima vez na vida.

Vi em seu dedo um anel de ouro com pequenos brilhantes; o anel que lhe fora dado no jantar em questão.

— E ela aceitou — colocou Álvaro em tom triunfal e abriu um sorriso largo.

Continuamos falando de amenidades. Perguntaram-me sobre Frank e como nos conhecêramos, o que eu também contei, mas não pela milésima vez, visto que não me envolvia com tanta gente. Mas certamente já havia contado uma dezena de vezes.

Em seguida, Álvaro pediu desculpas e anunciou que iria tomar um banho para se juntar a nós no jantar. Quando Jéssica viu que ele tinha se afastado, comentou:

— Minha mãe fala essas coisas sobre modelo, mas tenho certeza de que ela queria que eu casasse por aqui. Ela mora conosco desde que meu pai faleceu — explicou com um tom que interpretei como devoção. — Ela me

ajuda com a casa. Não sou muito boa em gerenciar empregadas. É tudo muito grande, e eu faço questão de dar toda atenção ao Alvinho.

— Que idade ele tem?

— Doze anos. Deve estar por aí com os amigos da fazenda. Adora cavalos.

Observei seu sapato caro, da marca Louboutin, a famosa sola vermelha. Sempre quis ter um, mas o valor não me atraia. Adorava roupas e sapatos, mas tinha meus limites claros.

Jéssica vestia uma blusa de seda com estampas coloridas que trazia uma pequena etiqueta de metal com a marca Fórum. Os jeans também eram visivelmente bem cortados e caros, e ficava perfeito no corpo magro e bem trabalhado. Dava para ver que ela valorizava marcas caras.

— E a família do Álvaro, ainda está em Cachoeira? — perguntei.

Ela me contou que o pai morrera de infarto e a mãe logo depois, um AVC. Álvaro era filho único. Ele tivera um irmão que morrera quando criança de uma bactéria desconhecida. Uma fatalidade horrorosa.

— O Álvaro fez muito patrimônio como advogado e com a mina. Ele tem trabalhado muito e está bem feliz. Exportamos o material para a China — completou.

Eu pensei em comentar sobre o trabalho científico do Frank, mas me pareceu tão vazio ficar arrotando sucessos dos outros que resolvi mudar de assunto.

Ela me pediu para contar sobre o sistema de ensino alemão, e ficamos mais uns minutos discutindo modelos escolares. Então a mãe dela apareceu. Dona Beatriz era bem semelhante ao que eu tinha na cabeça. Havia envelhecido, mas eu a teria reconhecido, agora que sabia quem era. Não fora o caso no salão de beleza, fora de contexto. É estranho como nossa memória funciona.

Uma senhora estilosa com um sorriso extremamente falso, aquilo que eu chamava de “sorriso de político”; você nota que por dentro a pessoa tem um sentimento de nojo que fica visível por entre os dentes. Não sei bem explicar.

Ela me cumprimentou, se sentou conosco e começou a discorrer sobre o que Jéssica havia contado a ela. Achei hilário o fato de se concentrar apenas nas coisas que a teriam interessado: que sou casada com um alemão, havia visitado a Alemanha e era dona de um café que recebera alguns prêmios em Porto Alegre. Era verdade, mas não me lembrava de ter contado tudo aquilo à Jéssica. Fiquei me perguntado se ela havia buscado informações no Google sobre meu estabelecimento para impressionar a mãe.

Não fez menção nenhuma à minha família, que devia ser da classe social de pessoas que ela sempre fez questão de não conhecer. A não ser para batizar algum filho de pobre a fim de evidenciar caridade.

Dona Bia passou uns vinte minutos me contando, num tom afetado de quem tenta se colocar acima de todos os outros mortais, todo o tipo de coisa que ela imaginava que me faria inveja. Foram vinte longos minutos durante os quais meu estômago revirou com o sentimento horrível de estar em frente a uma pessoa que não me interessava nem um pouco. Tive de forçar o sorriso e investir toda a minha energia de forma a não deixar transparecer o que eu realmente sentia.

Finalmente fomos chamadas por uma funcionária uniformizada para o jantar. Pedi para ir ao toalete. A moça me levou até o lavabo decorado de forma desalinhada com o resto da casa. Espalhados por todo canto havia os clichês que alguém imagina na casa de um rico. Na minha opinião era uma idealização, pois gente rica de verdade não se preocupa com aparência. Lembrei-me do meu ídolo, o bilionário Warren Buffett, que morava na mesma casa desde que iniciara a sua fortuna, e de Bill e Melinda Gates erradicando doenças pelo mundo. Ricos em dinheiro e valores.

No lavabo, lavei o rosto e me olhei no espelho. Minha maquiagem ainda estava em ordem, mas aproveitei para retocá-la, me dando conta de que havia usado mais que o usual. Inconscientemente devo ter imaginado que aquele encontro exigia uma maquiagem mais elaborada, pois sabia das expectativas daquelas pessoas, que só queriam se aproximar de quem fosse bonito e bem-sucedido.

Eu sabia como me movimentar entre esse tipo de pessoa, e assim, mesmo desconfortável, treinei um sorriso que me seria útil durante o jantar. Meu rosto no espelho pareceu de plástico quando fiz o ar mais falso de que era capaz, mas tive certeza de que isso sequer seria notado. As duas

mulheres estavam bem acostumadas a ver rostos com máscaras estranhas ao seu redor.

Saí do toalete e segui a moça vestida com um uniforme preto e branco; me perguntei se a funcionária, de uma profissão obrigatoriamente legalizada, estaria recebendo hora extra pelo avanço da hora. Meu cérebro ainda boiava na certeza de que não tinha nada a ver com aquelas pessoas, e eu quase desejava estar em qualquer outro lugar que não ali. Tudo aquilo se devia à minha curiosidade sobre Rodrigo, o que me deu estômago para continuar sorrindo.

Dona Beatriz estava radiante e ficou ainda mais radiante com a chegada do genro, o qual bajulava sem nenhum recato. Citou inúmeras vezes a sorte da filha, e a sorte dele por ter uma mulher linda e educada como Jéssica.

Depois de muita conversa fútil, resolvi que a noite só teria sentido se o retorno fosse alguma informação para o meu caso. Mencionei o assunto mais falado na cidade, o tal geólogo; qualquer informação das pessoas que viviam ali à época poderia ser valiosa.

Para o meu espanto, Álvaro comentou que o conhecia. Ele havia feito a avaliação das terras do doutor Schoerr, avô de Jéssica; seu comentário foi feito com muita naturalidade. Claro que não tive a ousadia de perguntar se antes ou depois de ele as ter adquirido. A pergunta era a chave de muita coisa, mas não cabia tratar do assunto dessa forma.

Passamos para a sala em que o jantar foi servido. Assim que nos sentamos, aproveitei para investigar sobre Jeferson:

— Aquele dia no salão de beleza da Marlene eu não a reconheci, dona Bia. Desculpe.

— Imagine. Faz tempo que você saiu daqui, é totalmente compreensível. Eu não quis interromper a conversa de vocês, e estava com muita pressa naquele dia.

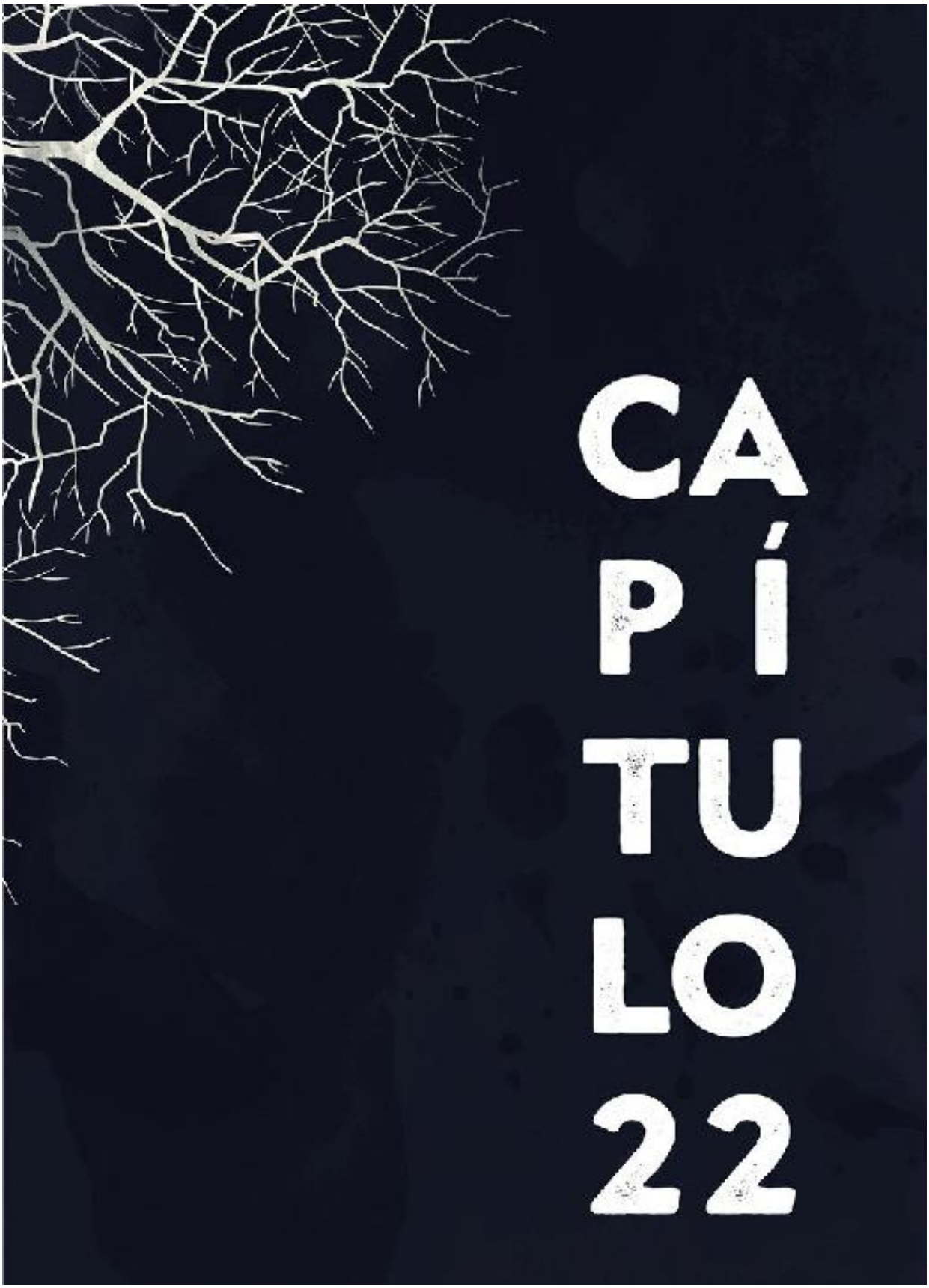
Olhei-a bem nos olhos para ver como reagia e continuei:

— A Anabel, que pintou as suas unhas, me disse que na época da morte de Rodrigo seu afilhado, Jeferson, foi interrogado porque identificaram o recebimento de um dinheiro na conta dele e a compra de uma moto.

Ela não me pareceu mudar nem titubear para responder. No máximo, notei que Jéssica pareceu ficar meio tensa, mas podia ser impressão.

— O Jeferson é filho de uma senhora que também trabalhou por muitos anos na fazenda dos Schoerrs. Ela me trouxe o menino para batizar. Devo ter uns vinte afilhados de gente humilde da cidade, especialmente porque meu finado marido era médico. — Vi que Jéssica estava olhando para ela assim como eu, mas dona Bia pareceu bem confortável com a conversa. Serviu-se de salada e continuou: — Eu tive mais contato com ele do que com os outros afilhados porque essa senhora é bem ligada a nós. O menino teve muitos problemas, alguns furtos, mas não acho que seja capaz de mais que isso. Quando ele tinha uns vinte e poucos anos, chegou a trabalhar ajudando a gente com os carros, mas o Emílio se desgostou com alguns comportamentos e o mandou embora. Eu o ajudei a pagar a primeira parcela da moto porque me senti na obrigação. Afinal, nós o dispensamos. Achei que ele poderia utilizá-la para fazer algum trabalho, mas acho que hoje ele é marceneiro.

Voltei a Bom Jesus no final da noite, depois de ter bebido vinho e sem medo de retaliação pela polícia. Pensei no que Frank diria disso com um sorrisinho de criança levada. Ele tinha o princípio, que eu adorava, de seguir regras mesmo que ninguém as cobre. Eu não.


CAPÍTULO 22

ANA

GUILHERME PASSOU LÁ em casa perto do almoço, e minha mãe o convidou para ficar. Contou-me que a perícia havia indicado sangue no carro de Rodrigo. Minha mãe fez mil perguntas sobre isso. Se o assunto era intrigante para mim, imagine para ela no dia a dia pacato de Bom Jesus.

— O perito veio de Porto Alegre ontem, e o teste do sangue foi bem simples.

Guilherme explicou para minha mãe com uma didática invejável como o luminol brilha na presença de sangue. Minha mãe, como sempre preparando um bolo, o olhava com olhos de criança ouvindo um conto de fadas. Eu, por outro lado, não conseguia tirar da cabeça que tinha de sumir à tarde para não ver o bolo pronto.

— E o sangue é dele? — perguntou a minha mãe.

— Bom, isso terá que ser analisado e demora alguns dias — explicou Guilherme, se sentando à mesa, pois minha mãe começou a servi-lo. — Mas deve ser. Até porque, se o carro estava escondido… — Não precisou continuar, a lógica parecia clara. Tudo estava tão escancarado na direção de Jeferson que me senti quase decepcionada pela falta de mistério, embora ainda faltasse a motivação. Considerando o perfil de Jeferson, provavelmente fora apenas o executor, seguindo ordens de alguém. — Além disso, o fato de Jeferson estar desaparecido certamente faz com que a indicação de culpa se agrave.

— Ele havia sido interrogado quando Rodrigo desapareceu, certo? — perguntei.

— Sim — respondeu Guilherme —, e realmente conseguimos rastrear que ele recebeu um depósito em dinheiro na conta, além de termos identificado a compra de uma moto e vários artigos de luxo. Acho que não há dúvida.

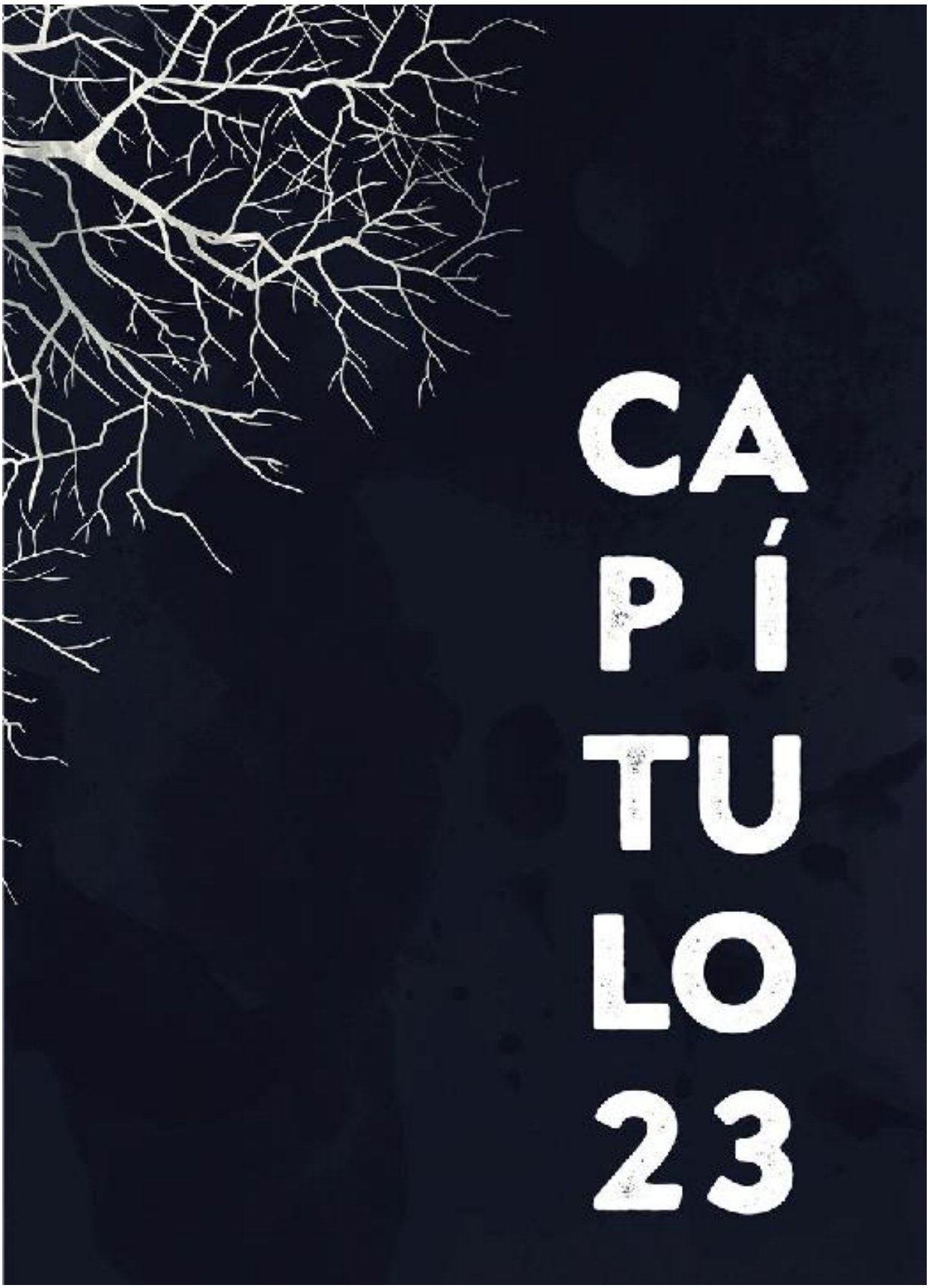
Minha mãe, que não se sentou à mesa para ficar nos servindo como se não fôssemos da casa, foi passar um café. Eu aproveitei a deixa:

— Vou pra casa amanhã. Está na hora de trabalhar.

Vi o olhar de aprovação de minha mãe, que queria que eu ficasse junto com Frank nos finais de semana.

— Isso mesmo, filha — completou, como eu esperei. — Nada de deixar marido sozinho em Porto Alegre.

Não adianta argumentar, pensei. Era uma guerra perdida. Ela tinha a firme convicção de que Frank encontraria outra mulher se eu ficasse fora. Coitada, dava conselhos com conhecimento de causa.


CAPÍTULO 23

ANA

VOLTEI A PORTO ALEGRE e à minha vida no café. Quase trinta dias se passaram sem que eu ouvisse algo de Bom Jesus. Minha mãe comentou esporadicamente, em alguns telefonemas, que Guilherme teria dito de forma evasiva que nada mais havia acontecido e todos os esforços estavam voltados à busca de Jeferson, visto que achá-lo era a prioridade da polícia.

Frank estava em começo de semestre e a vida voltou a orbitar em torno da universidade e do café.

Em uma quinta-feira chuvosa de março, Guilherme ligou no meu celular bem num momento em que meu café estava completamente vazio. Passava das dez e meia da manhã; em geral, tínhamos movimento no começo da manhã e na hora do almoço, momentos sem nenhum cliente não eram incomuns.

— Bom dia, prima! — falou, bem-humorado. Ele parecia sempre bem-humorado. — Como vai a vida na capital?

Desde que começara a interagir com não-brasileiros, notei que brasileiros sempre começam a conversar com *small talk*. *Vá ao ponto!*, pensei comigo. Entretanto, respondi o que ele queria ouvir:

— Tranquilo. O calor ainda continua insuportável, mas dá ares de querer arrefecer.

Na mesma hora, dois senhores entraram no café discutindo acaloradamente o projeto de reforma da previdência que estava em discussão no momento, e em simultâneo nossa funcionária chegou; havia ido ao banco para pagar algumas contas.

— Eu andei me aprofundando no nosso caso por aqui — disse ele. Senti-me incluída e não pude evitar uma pontada de lisonja. — Primeiro, tenho os resultados da perícia do carro. Como imaginamos, não há dúvidas de que o Rodrigo tenha sido morto dentro do carro que foi encontrado na propriedade de parentes do Jeferson. O sangue é dele. O assassinato parece

ter sido executado com arma branca, mas ainda não encontramos a arma do crime. Também achei umas coisas esquisitas. O tal Rodrigo andou pelas terras do doutor Álvaro. Escutei de algumas pessoas que foi o Rodrigo quem identificou a mina milionária dele.

Isso eu já sabia, e fiquei me perguntando se havia sido eu mesma quem teria comentado com ele. O contexto estava sumindo com meu distanciamento do assunto. Além disso, Álvaro fora extremamente inteligente ao me dizer que Rodrigo havia avaliado as terras do avô de Jéssica, afinal a terra dos Bucher também se incluía. Assim, acabou me dando uma informação pela metade com uma frase dúbia. Muito esperto.

— Como a visita dele foi antes da oferta do doutor Álvaro para o seu Bucher, essa seria uma informação relevante para o caso. Você sabe, né? Algumas pessoas o acusaram de saber que havia a mina ali antes de comprar. O que ele nega.

Notei que ele estava tomando um chimarrão enquanto falava comigo. Ouvi o barulhinho de finalização da cuia, que acontece quando a água acaba e o ar entra na bomba.

— Sim, sei. A Dani, filha do seu Bucher, era uma das minhas melhores amigas no colégio, e estive com ela na farmácia esses dias. — *A especulação sobre a compra ter sido feita sabendo ou não sobre a mina é um dos assuntos mais comentados da cidade*, pensei. — Uma história bem horrível, até porque o pai dela morreu logo em seguida e a mágoa que ficou é bem profunda. Mas a Dani me disse que o pai dela não teria dinheiro para pagar o geólogo.

— Não é nisso que estou pensando, mas sim na possibilidade de o doutor Álvaro ter passado a amostra de terras do seu Bucher ao geólogo, além das próprias. Assim, ele teria tido a informação antes da compra.

Eu já havia pensado nessa possibilidade. Como a terra do seu Bucher fora parte da fazenda, elas quase se confundiam. Bastaria passar pela cerca e colher a amostra.

— Hum… Também pensei nisso, mas minhas pesquisas no Google me dizem que as análises da terra demoram certo tempo, e a proposta foi feita logo em seguida. Enfim… — Entreguei o troco aos velhinhos, que ainda discutiam. — Como podemos saber? Uma alternativa é perguntar ao seu

Felício, pois ele também pediu análises ao Rodrigo. Ele pode nos dizer quanto tempo levou para sair o resultado.

O retorno do contato com a história me fez levantar e andar por dentro do café. O assunto estava me causando ansiedade de novo, o que acontecia especialmente quando eu tinha um *insight* relevante, como naquele momento.

— É uma boa ideia! Vou pedir a uma das meninas para ir até lá e assuntar — respondeu com ar de empolgação. — Como eles foram sozinhos para a fazenda, creio que somente o doutor Álvaro e o geólogo podem responder essa pergunta. Não tenho mais como interrogar o geólogo por razões óbvias — comentou de maneira jocosa. — Assim, intimei o doutor Álvaro para depor amanhã. Agora sei que ele teve contato com a minha vítima.

Fiquei imaginando se ele contaria a verdade caso a teoria de Guilherme tivesse fundamento. Imaginei que não. Meu primo, quase como se lesse meus pensamentos, acrescentou:

— Claro que, se foi assim, ele não me dirá, pois isso daria um motivo para ele querer ver o geólogo morto. Se ele contasse que avaliou a fazenda sem a permissão do proprietário na época, seria um escândalo. E pelo código civil poderia ser interpretado por um juiz como estelionato. Existe crime quando uma pessoa emprega meio fraudulento e induz alguém ao erro para obter vantagem indevida para si ou para outrem, com lesão patrimonial alheia. — Notei que ele parecia recitar de cor algum livro didático do curso de Direito. — Principalmente depois do suicídio do seu Bucher. O que agrava socialmente o caso em uma cidade pequena como Bom Jesus. Rodrigo poderia perder o direito de exercer a profissão com uma fraude dessas. O doutor Álvaro não iria mais conseguir ficar aqui na cidade.

Fiquei imaginando o resultado de um escândalo desses na pacata Bom Jesus. Sem precedentes.

Guilherme continuou com a voz séria:

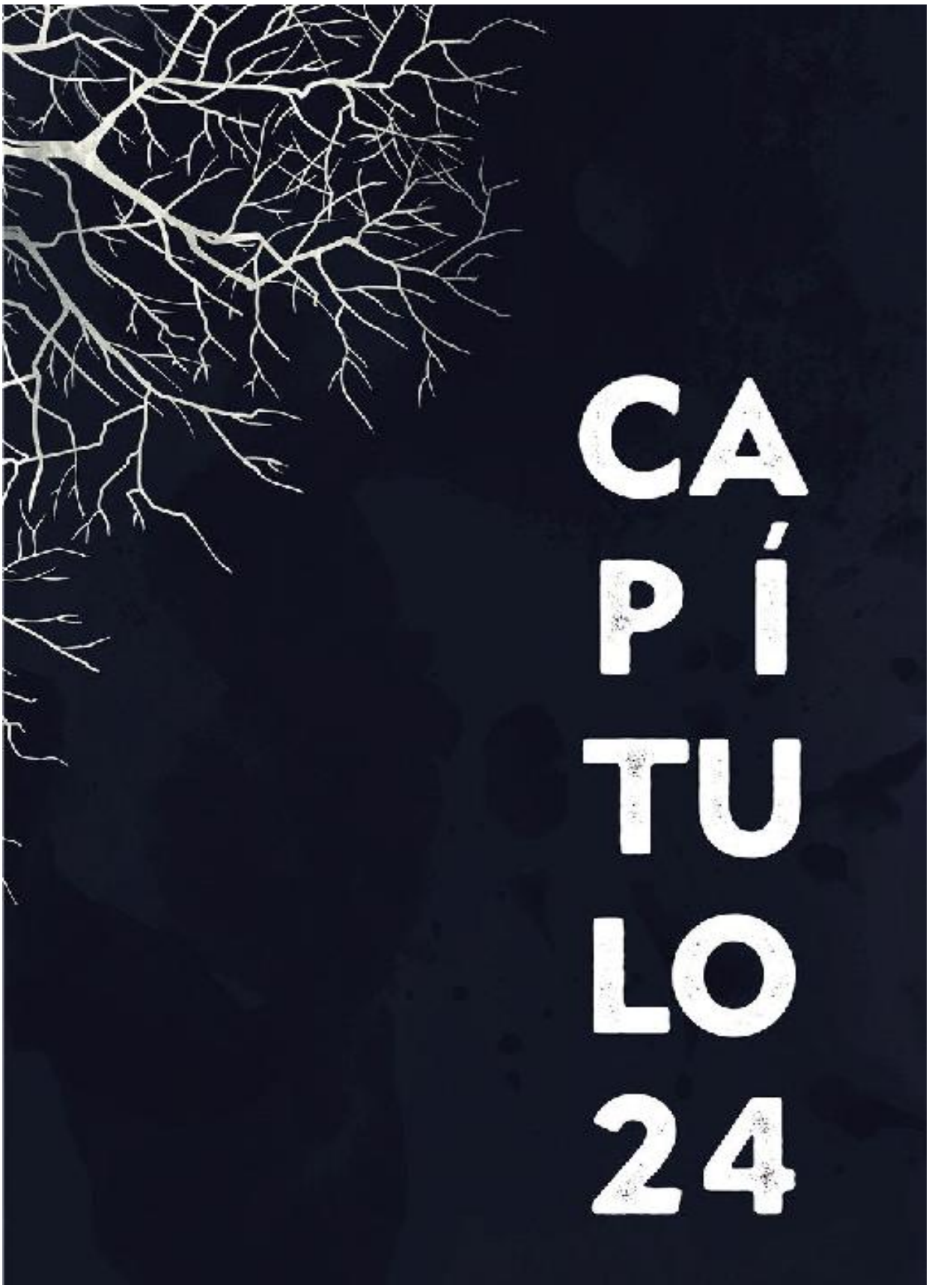
— De qualquer forma, tenho que conduzir o interrogatório com muito cuidado, pois ele é um figurão por aqui. Ele pode se ofender, e ainda não tenho elementos para interrogá-lo. Por enquanto, pedi apenas que ele viesse aqui mais com um viés de ajuda.

— Sim — respondi, dando bom-dia a um casal de ar apaixonado que se sentava a uma das mesas do café. Melhor que discussão política! — Vou torcer para você conseguir descobrir algo mesmo assim.

— Tenho as minhas técnicas. Sou bom nisso — complementou, e, mesmo estando ao telefone, quase consegui enxergar o sorriso malicioso que acompanhou a frase.

Sorri com a pouca modéstia do meu primo. Pelo tempo passado lá, já podia imaginar sua gravata e seu penteado de sertanejo universitário, que, na verdade, demonstravam a elevada autoestima. Mas ele era um querido e não consegui ter nenhum sentimento negativo em relação ao comentário, mesmo sabendo que boa parte de seus avanços na investigação aconteceram depois de certa intervenção da minha parte; o que, confesso, me deixou envaidecida.

Só me arrependi por não ter dito a ele que dona Bia comentara ter pago a entrada da moto de Jeferson. Mas não me preocupei com a relevância da informação, vez que eles estavam examinando os extratos bancários e, assim, provavelmente achariam o registro.


CAPÍTULO 24

JÉSSICA

CHAMARAM O ÁLVARO na delegacia para ajudar a esclarecer o crime envolvendo o tal geólogo. Segundo a cidade inteira fala, todo mundo já sabe que foi o Jeferson, que está desaparecido. Sabe que eu não tinha me dado conta até hoje de que o geólogo e o Álvaro tinham estado em contato? Lembrei-me inclusive de que ele veio até aqui em casa para discutir com o Álvaro. Por que será que ele ficou tão bravo, mamãe? Será que o Álvaro tem a ver com a morte dele?

Sei que não me apaixonei por Álvaro num primeiro momento, mas agora temos nossa família. Não quero que ele esteja envolvido nisso, seria ruim para o Alvinho. Mas não quero perguntar. Não quero saber a verdade, caso a verdade não seja interessante para mim.

Você fica nervosa, mamãe, quando alguém cita o nome desse geólogo aqui em casa. Outro dia, você me atacou com uma grosseria não usual. Você é falsa, manipuladora, mas nunca rude. Eu estranhei. O assunto parece irritá-la ao extremo, e isso é bem raro. Em geral, você nunca perde a pose. Tudo é ensaiado, planejado e com um propósito. A raiva não. Ela é genuína. Ela vem das entranhas. Não combina com você.

Naquele dia que o tal Rodrigo esteve aqui, você e o Álvaro confabularam assim que ele saiu. Agora me lembrei. É isso, né? Eu sei que o Álvaro o conhecia. Ele falou nisso quando a Ana estava aqui. Mas você sabe, mamãe, por que o cara veio aqui tirar satisfações? O que o irritou? Aposto que você sabe. Álvaro conta mais coisas a você que a mim. Vocês vivem cheios de segredos. Tem algo escondido aí. Já entendi que é um tabu. Deixei o assunto, mas não esqueci.

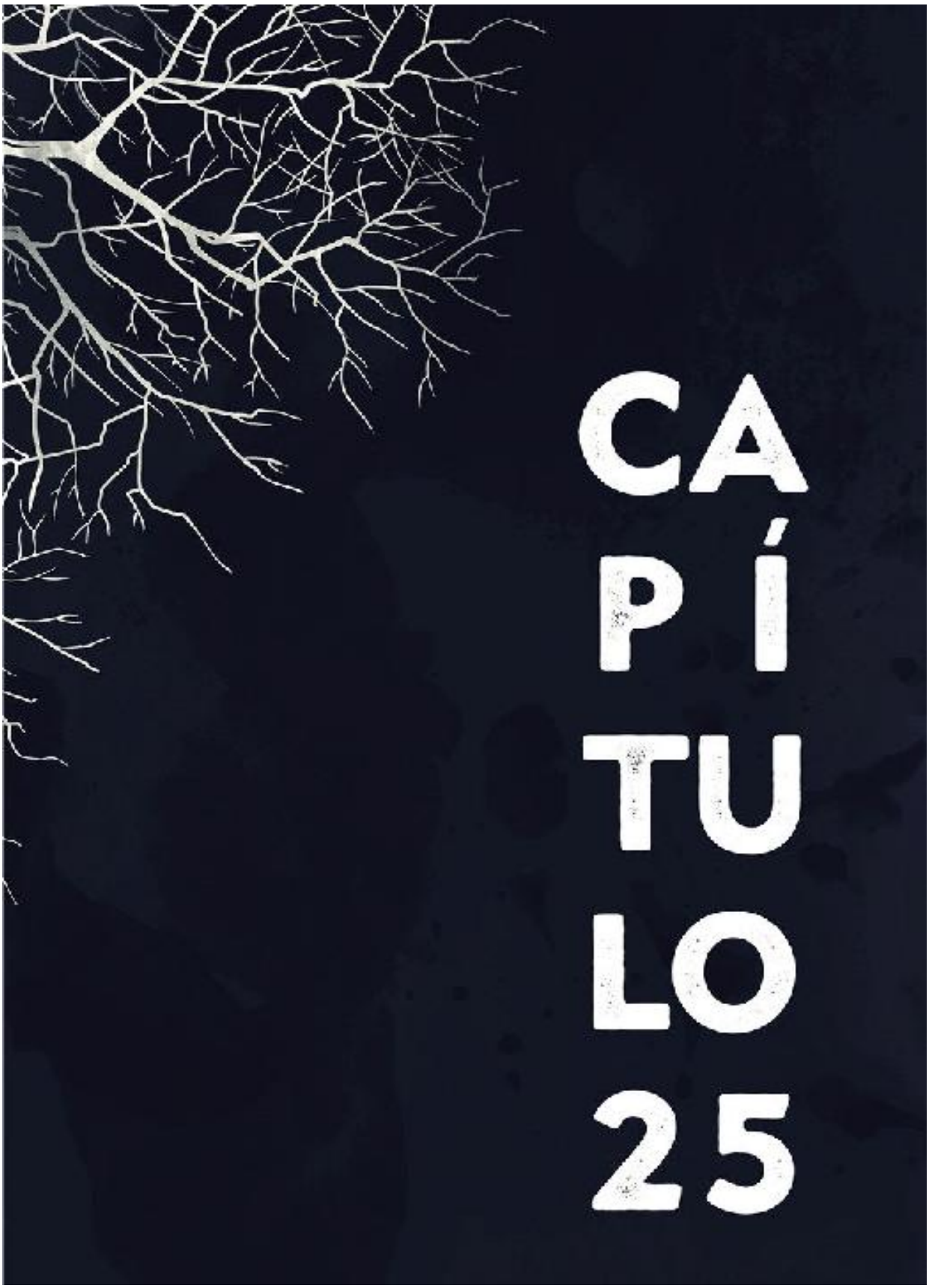
E agora o que quer que seja deve ter caído nos ouvidos da polícia, e por isso chamaram o Álvaro. Essa será a conversa da cidade amanhã. Ainda bem que o delegado fez questão de espalhar que o doutor Álvaro foi chamado para ajudá-lo, assim ninguém especulará nada tão negativo. Não creio que funcione cem por cento, mas pelo menos o povo ficará na dúvida.

Além disso, está claro que o Jeferson foi o assassino, mas… por qual motivo? Ele sempre foi um guri irresponsável que viveu rondando nossa casa, sempre orbitando à sua volta, mamãe… mas matar alguém é demais. Ainda não consigo imaginar, o que talvez faça parte da minha natureza boazinha.

Eu sempre desconfiei de que o papai mandou o Jeferson embora pela forma com que ele olhava para você. Você não parecia notar, mas qualquer um via. Já me perguntei, na época que ele trabalhou aqui, se a expectativa de relacionamento dele era mais que madrinha e afilhado. Nunca entendi bem o ódio que papai desenvolveu em relação a ele nem a sua motivação para dar algo caro como a primeira parcela para a compra de uma moto. Você nunca fez isso com nenhum outro afilhado, e olha que são muitos.

Enfim, não creio que você tenha tido muito contato com ele nos últimos anos. Se houve algo, ficou enterrado no passado. Ele até andou morando com algumas meninas da cidade. Mesmo assim, talvez a polícia também a chame por conta da sua ligação com o Jeferson.

Imagino que você já pensou nisso. Sem dúvida você já tem um plano para tudo. O que dizer e o que fazer, e até o que eu devo pensar.


CAPÍTULO 25

ANA

EU NÃO ESTAVA ME SENTINDO BEM. Frank já notara. Eu passara por uma fase de hipomania tão aguda com o meu caso de mistério real que, quando a fase depressiva viera, chegara como há muito tempo não acontecia.

Fazia dois dias que não conseguia ir ao café por me sentir exaurida quando Guilherme me ligou para avisar que Jeferson havia sido encontrado e estaria na delegacia de Bom Jesus no outro dia de manhã.

À noite, quando Frank chegou em casa e viu meus olhos brilhando de novo, a primeira coisa que ele sugeriu foi que eu também fosse a Bom Jesus.

— Fico feliz que esteja bem — me disse, preparando um prato de frios para o jantar. — Acho que é hora de você visitar a sua mãe de novo e melhorar o ânimo. Eu vou com você se quiser. Esta semana não preciso dar aulas em função de um evento no departamento. Nossos alunos participarão de uma conferência — completou, colocando mostarda tipo Dijon cuidadosamente no canto do prato para depois passar no pão preto.

Combinamos de ir a Bom Jesus no outro dia. Meu pai estava em uma viagem, e assim a casa nem ficaria muito cheia. Frank ficaria trabalhando e fazendo companhia para o cão lá da casa da minha mãe. Eu sabia o quanto era penoso para ele trabalhar só com a conexão 3G do celular, então fiquei comovida pelo gesto carinhoso. Frank não sacrificava seu tempo se não achasse que era muito necessário. Eu devia estar mal mesmo.

Chegamos a Bom Jesus numa terça-feira, junto com o preso, mas não vi o movimento de sua chegada na delegacia, que provavelmente acontecera antes da nossa.

A cidade inteira já sabia da novidade; prenderiam Jeferson naquele dia.

Não fui até a delegacia, pois sabia que não seria um bom momento. As notícias chegariam quando fosse a hora. Sentei-me como de costume, com o chimarrão na mão, enquanto via a minha mãe preparar um bolo nega maluca,

pensando no porquê do bolo de chocolate ter esse nome no Rio Grande do Sul.

Passei uma mensagem de Whatsapp para Guilherme logo após o almoço, dizendo que estávamos na cidade. Vi que ele leu, mas não respondeu.

Ele apareceu em casa no fim da tarde. Em vez do chimarrão que eu ofereci, ele aceitou a cerveja que Frank trouxe ao saudá-lo. Frank tivera o cuidado de comprar cerveja para a semana toda antes da viagem; uma geladeira não fica sem cerveja se Frank está por perto. Guilherme pareceu bem impressionado com as cervejas artesanais, com as quais Frank havia entupido a geladeira. Entendi que não se podia comprá-las facilmente em Bom Jesus.

— Achamos o cara — falou, empolgado, os olhos iluminados. — Nem foi difícil. É um pé-rapado e não teria condições de ficar se escondendo por muito tempo. Nós o achamos na casa de uma diarista que ele conheceu pelo Tinder na cidade de Cachoeirinha, perto de Porto Alegre. Estava passando umas férias na casa dela depois de contar uma história totalmente falsa. Vocês não imaginam a cara da moça quando descobriu que ele era foragido.

Sentou-se no sofá da sala com a garrafa de cerveja na mão. Pareceu-me que estranhava beber direto da garrafa *long neck*, mas acompanhou quando viu Frank beber também.

— Qual a desculpa dele para ter sumido? — perguntou Frank, abrindo um pacote de batatas *chips* e colocando numa travessa Duralex que a minha mãe entregou na mão dele.

— Nos contou uma história de ter ido por causa da mulher. Que estava apaixonado — falou, rindo, e pegou uma batatinha da travessa. Complementou, irônico: — Claro que acreditamos nele. Bem prático se apaixonar por alguém de outra cidade quando se acha um carro cheio de sangue que, segundo as testemunhas, foi você quem escondeu.

Ele observou com curiosidade a batata *chips* cheia de pimenta. Vi que olhou para a embalagem vazia, na qual se lia "Tyrrell's", que ainda jazia na mesinha ao lado de Frank. Fiquei me perguntando se ele falava inglês e se entendia o significado de "*black pepper*".

— Mas não durou muito e já confessou — se gabou, voltando a dar atenção a nós. — Sabe que não há o que fazer com as provas que temos em mãos. Também sabe que a pena é diminuída se colaborar com a polícia. O cara é malandro. Primeiro, tentou nos dizer que só recebeu dinheiro para sumir com o carro, e que foi a viúva Marina que passou a tarefa a ele. Mas se enrolou todo quando perguntamos como se conheceram. Em seguida, ele mudou a história e falou que ela ofereceu quarenta mil para ele apagar o cara, mas que não pagou. Assim, ele tentou assassiná-la com o suco.

— Sério? — comentei, realmente surpresa. — Será? Marina não me parece capaz disso. E por que ele admitiria outro crime, o do suco?

Ele seria tão burro a ponto de deixar as folhas na gaveta dela, ou esperto o bastante para tentar fazer com que a culpa recaísse sobre ela quando a polícia encontrasse as folhas ali?, pensei. Mas não podia falar sobre isso. Nem a Frank eu contei.

— Normal a Marina não te parecer assassina — colocou Frank com ironia. — O ideal é que ela não transpareça se for a culpada.

Eu odiava quando Frank explicitava o óbvio, ainda mais com aquele sotaque alemão.

— Eu também não estou convencido de que foi ela — disse Guilherme, que havia parado de comer as batatinhas; não devia ter gostado da pimenta. — Me parece que ele jogou a culpa na pessoa mais óbvia. Ela é a única que tinha motivo para se livrar do geólogo.

— E qual seria o motivo?

— Bom, poderia ser porque ele a traía. Ou para que ficasse livre para se casar com o tal inglês. A maioria dos crimes tem a ver com isso. Crime passional é o mais comum. Acontece todos os dias.

— Não faz muito sentido. Acontece em outros contextos — ponderei. — A propósito, vocês têm acesso ao laptop ou ao celular do Rodrigo na época? Talvez encontrassem os laudos das terras raras. Acho que na época a polícia de São Paulo deve ter feito uma pequena perícia por ser apenas um caso de desaparecimento. Mas agora sabemos se tratar de um assassinato…

— Boa — falou Guilherme. — Será que Marina ainda o tem? Celular é mais difícil depois de quatro anos, mas o computador…

Vi a cara de Frank e li “Não é possível que não pensaram nisso!” em sua expressão. Mas ele não falou nada, pelo que eu intimamente agradeci.

— Ela não comentou nada sobre laptops — comentei, sem graça.

— Vou descobrir — falou ele, enchendo o copo com outro tipo de cerveja que estava na geladeira depois de abri-la com um abridor de garrafas sob o olhar de reprovação de Frank.

Consegui ler o pensamento de Frank, avisando que era só girar a tampa. Frank, é claro, não falou nada. Só comentou que era uma 5,8%. Guilherme respondeu que iria para casa a pé. Rimos.

— Eu não acho que Marina precisasse disso para se casar com o inglês — comentei. — A avó morreu uns meses antes do desaparecimento de Rodrigo, e ela herdou tudo sozinha. Não creio que precisasse ficar casada ou quisesse o dinheiro dele.

— Não sabia disso, mas vou saber logo, pois pedi os extratos das contas dela na época e ela autorizou o acesso. Logo saberemos — concluiu Guilherme.

— E a história do suco? É sério que ele confessou ter colocado veneno no suco da Marina? Só porque ela não pagou?

— Bom, ele se enrolou todo na história. Mas depois falou que foi ele. Para mim faz sentido, principalmente a forma tosca. Esse Jeferson é ignorante em muitos sentidos, e não creio que tenhamos que buscar lógica no que ele faz. Ele pode alegar que não recebeu, mas da investigação à época sabemos que recebeu um dinheiro vivo. A moto foi comprada logo em seguida, e não foi só isso. Talvez ela, ou o mandante, não tenha pago tudo, mas algo ele recebeu.

— Está tudo bem esquisito. Para mim é realmente bem difícil imaginar que a Marina fez isso.

Na minha cabeça o cenário inteiro estava muito confuso. A única coisa que me ocorreu que justificasse Jeferson assumir que tentara envenenar Marina era ele estar tentando encobertar o verdadeiro mandante do crime. Afinal, ele já assumira o assassinato, já pagaria por isso. Pra que envolver Marina nisso?

A não ser que ele estivesse dizendo a verdade sobre tudo e Marina realmente fosse a mandante do crime. Ela passara alguns dias na cidade;

tempo suficiente para esbarrar com Jeferson, identificar seu perfil e propor o serviço?

— E o tal fazendeiro milionário? — perguntou Frank. Eu já tinha quase me esquecido de que havia outro suspeito; obviamente, a maldita folha que eu encontrara naquele criado-mudo estava influenciando minhas conclusões. Cheguei a me arrepender de ter invadido aquele hotel. — Ele se aproveitou do coitado do empregado que ganhou as terras do avô da esposa, e comprou baratinho a sua fortuna. Esse, sim, me parece um motivo para assassinato… Afinal, caso ele já soubesse da riqueza presente nas terras antes de comprá-las, o tal geólogo era uma testemunha.

— Não sabemos se ele realmente já sabia sobre as terras antes de comprá-las.

Ele comeu mais algumas batatinhas que sobraram, mesmo sem muita convicção. Minha mãe também notou, pois foi rapidamente buscar o bolo. Bolo não combina com cerveja, mas agradeci em silêncio, pois o doce ajudaria Guilherme a não sentir o efeito do álcool. Ele aceitou um pedaço e continuou:

— Na verdade, chamei o doutor Álvaro para depor uns dias atrás. Ele admitiu que contratou os serviços do Rodrigo, mas disse que submeteu a testes apenas as terras dele, e que o laudo saiu meses depois da compra.

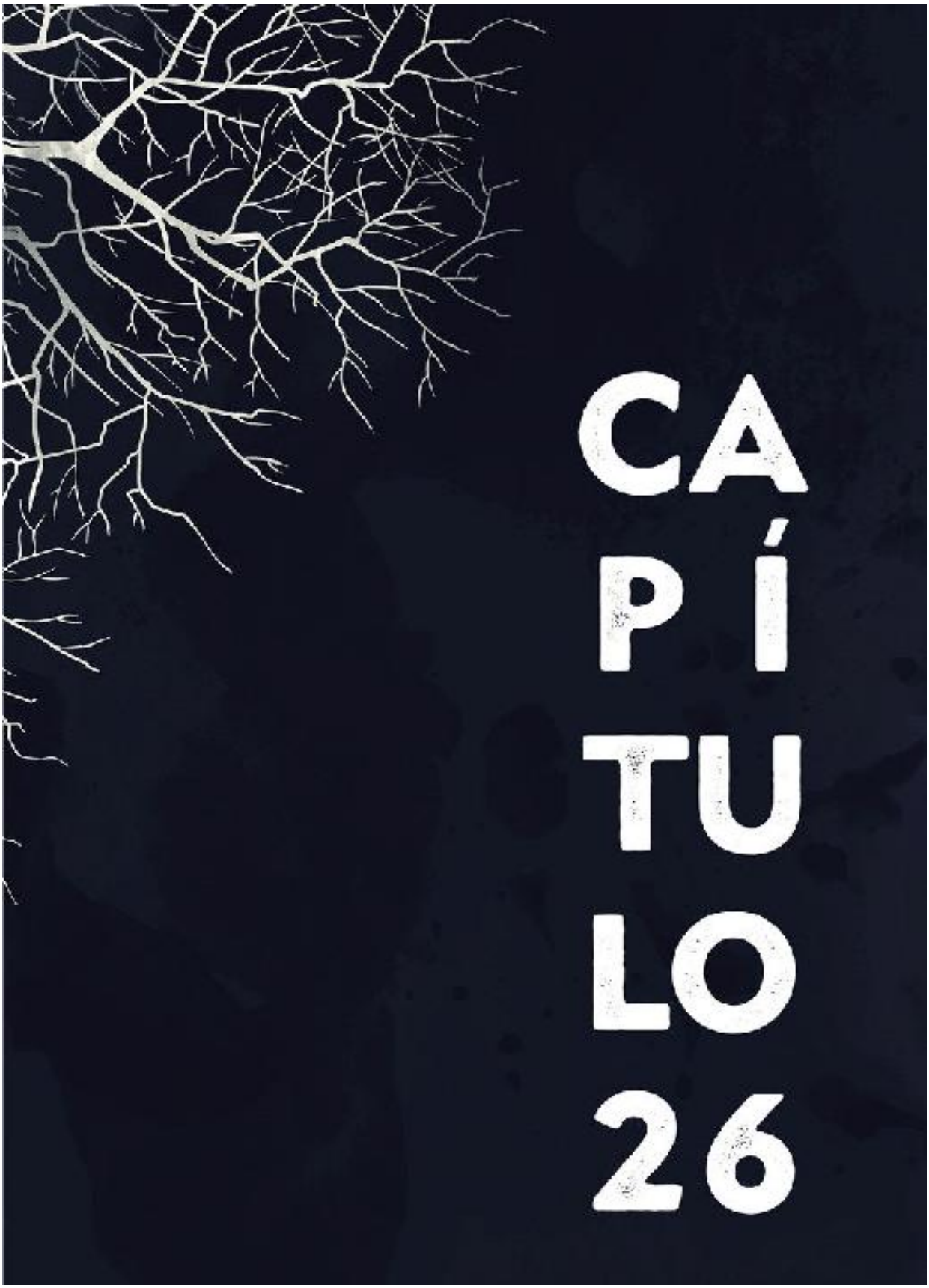
— Como assim? — perguntei, perplexa.

— Ele alega que o doutor Rodrigo mandou o laudo pelo correio meses depois, e que, quando recebeu, já havia até escriturado as terras. Ele queria que a fazenda tivesse a área original para que a Jéssica e o filho Alvinho tivessem a propriedade do avô completa. Falou que comprou aquelas terras por uma questão histórica.

— Vamos ter que achar esse laudo no laptop — comentei.

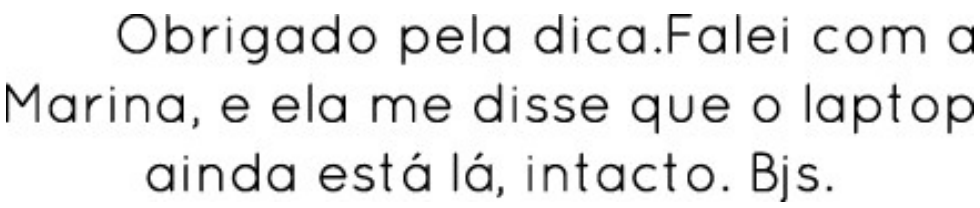
— O laptop é a resposta. Se ele estiver intacto, a Marina não é a assassina. E se houver um laudo anterior à data de compra, temos um belo suspeito. — Frank fez o comentário mais estarrecedor da noite.

Eu e Guilherme olhamos um para o outro.


CAPÍTULO 26

ANA

RECEBI UMA MENSAGEM de Whatsapp do Guilherme pela manhã:



Mostrei para Frank, que estava se divertindo tentando fazer um café na casa da minha mãe. Ela havia saído, e Frank não conhecia café com filtro de pano. Aí, lavou o saco umas cinco vezes até se convencer de que não era anti-higiênico. Sugeri que ele passasse água quente. A epopeia estava burlesca. Ainda bem que a minha mãe não viu.

— Ontem você tomou o café sem nem saber como foi feito — disse a ele.

— O que não muda o fato de eu não gostar deste saco. Vocês não têm Melitta no Brasil? — comentou, levemente irritado.

— Temos, mas minha mãe e meu pai são pobres. Sempre fizeram assim porque é reutilizável. Pense na sustentabilidade — comentei em tom jocoso.

— Vou comprar uma cafeteira para a sua mãe.

— Não adianta, Frank. Não vão usar para não gastar luz e para não gastar com filtros descartáveis.

— Então fica aí para usarmos quando estivermos em Bom Jesus.

— Mas quase nunca ficamos aqui. Pode fazer com o filtro de pano. Não mata. Eu juro! — completei, quase às gargalhadas.

Esses momentos de choque cultural entre Alemanha e Brasil sempre me despertavam o bom humor. O ponto de vista de Frank, às vezes

diametralmente oposto, me trazia perspectivas novas. Eu gostava disso.

Ele veio até mim e fez algo que raramente fazia. Deu-me um beijo e disse:

— Muito feliz de te ver tão relaxada.

E ele tinha razão. Eu estava me sentido bem como não acontecia havia tempo.

Sentamo-nos na sala com o café, que Frank tomou depois de olhar para a xícara com repulsa. Ficamos especulando o conteúdo do laptop de Rodrigo e o conhecimento ou não por parte de Álvaro sobre a existência da mina nas terras do seu Bucher. Contei a Frank novamente os detalhes do meu jantar na casa da família Casagrande e sobre a arrogante dona Bia. Ela pertencia à categoria de pessoas que Frank especialmente abominava, até mais do que eu.

De novo perdi a chance de contar a ele que entrara de forma não autorizada em um quarto de hotel. Eu não sabia como contar, e isso ia se agravando conforme o tempo passava. Naquele momento, concluí que levaria a informação para o túmulo, como dizem por aí.

Perto do meio-dia, Guilherme veio até a nossa casa; eu estava desconfiada de que ele gostava muito da comida da minha mãe. Frank estava, como sempre, lendo um livro com mais de quinhentas páginas, técnico. Notei que Guilherme olhou para o livro, perplexo, se concentrando no título em inglês.

— Recebemos o extrato da Marina. Cerca de um mês antes da morte do Rodrigo, ela sacou cinquenta mil reais em dinheiro — anunciou, categórico. Minha mãe soltou um assovio de assombro e se apressou em colocar mais um lugar à mesa. — E você tinha razão. Ela herdou uma grana boa da avó. Por ser filha e neta única, herdou sozinha.

— Vai chamá-la para depor de novo? — perguntei enquanto colocava um tomate no prato em uma tentativa de manter minha disciplina alimentar.

— Tenho que entender essa retirada em dinheiro, mas vou tentar fazer isso por telefone. Se ela tiver uma boa explicação, não chegaremos a um interrogatório.

Quando ele foi embora, Frank não pôde se conter e soltou um comentário cáustico:

— Só no Brasil mesmo um delegado ia contar coisas tão confidenciais em um almoço de família. Não quero nunca ter um processo aqui. Sabe Deus quem ficará sabendo…

— Ele certamente só conta o que não compromete a investigação. Meu primo é um delegado sério — respondi, na defensiva. — Além disso, ele sabe que não vamos falar para ninguém.

Frank me olhou com um ar cético. Optei por não usar como argumento o fato de ele, talvez, contar com a minha ajuda para continuar avançando na investigação. Eu podia não ser uma expert, mas já tinha dado palpites certeiros que o ajudaram.

■

No dia seguinte, Guilherme não apareceu lá em casa. Frank resolveu que iria embora no sábado, porque meu pai chegaria da viagem de caminhão. Sabíamos que ele não gostava do cachorro dentro de casa, então preferimos evitar o confronto.

Eu estava na dúvida se ficava em Bom Jesus ou ia com ele. Resolvi ir à delegacia para avaliar o andamento do caso; não adiantava eu ficar se nada fosse acontecer. Por outro lado, a ideia de voltar para Porto Alegre e entrar em uma fase ciclotímica depressiva, o que inevitavelmente seguia meus períodos eufóricos, me assustava. Talvez fosse o caso de reavaliar a alternativa do remédio. Eu evitava tomar remédio, seria uma exceção.

Cheguei à delegacia no final da manhã com o pretexto de roubar um chimarrão, o que, na nossa língua, significa conversar um pouco. Guilherme não estava, mas duas oficiais me receberam como se eu fosse da família. Essa é a parte gostosa das coisas no interior.

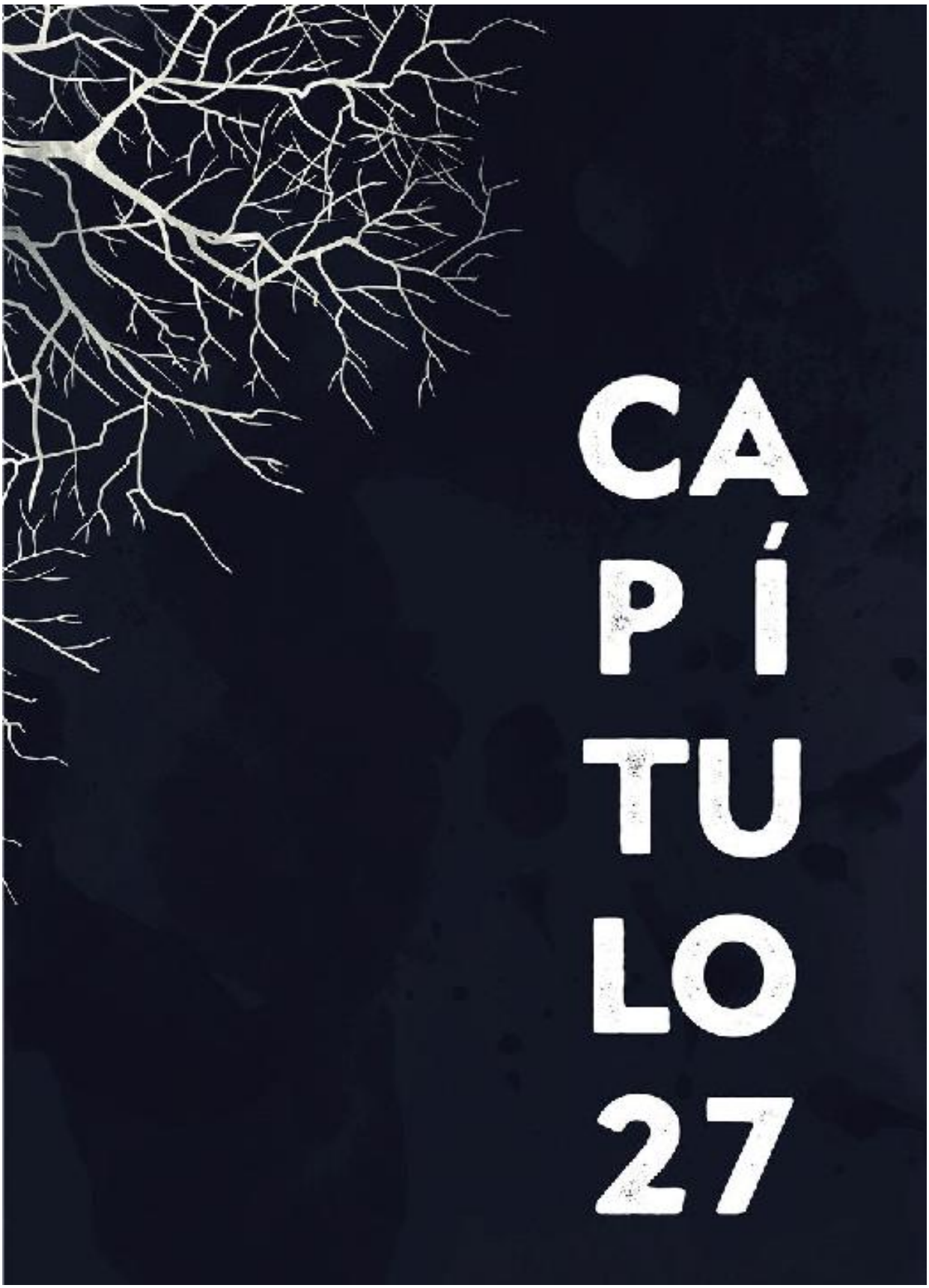
Entendi que o perito havia recebido o computador de Guilherme, teríamos um laudo completo na semana seguinte. A partir de uma primeira olhada, ele avaliara que nada havia sido apagado. O computador parecia estar intacto, o que corroborava com a informação dada por Marina. Ele também disse que havia uma pasta de arquivos no computador de Rodrigo chamada “laudos”, mas que ainda não tivera tempo para ver se o arquivo do laudo das terras do doutor Álvaro estava lá. Era o que avaliaria nas horas seguintes.

— Parece que o tal Rodrigo era organizado — comentou a policial de óculos.

Tomei mais alguns chimarrões com elas e voltei para casa.

Resolvi ficar em Bom Jesus, e me despedi de meus dois meninos. Fiquei sem um veículo para me locomover, mas isso não seria problema, pois em cidade pequena tudo é perto. Frank ficou de me buscar no final da outra semana.

Era muito bom ter uma sócia tranquila para fazer revezamentos tão práticos.


CAPÍTULO 27

MARINA

ME LIGARAM DE NOVO de Bom Jesus. Pediram seu computador.

Não tenho dormido direito desde que prenderam o rapaz que confessou ter assassinado você. Imaginar que um matador de aluguel preparou uma emboscada na estrada e matou você dentro do carro ainda não me parece palatável.

Antes, eu me sentia até aliviada por saber que você estava fora da minha vida. Hoje entendo que a ideia de que está morto não me parece real. Eu quase não sentia nada, mas no dia em que o delegado me falou que você foi assassinado e que o carro estava cheio de marcas de sangue a história começou a me parecer real em todo o seu grau de perversidade. Uma morte horrorosa por motivo torpe.

O que você pode ter feito para merecer isso? Você é o pai dos meus filhos. Todas as mágoas que eu tinha por conta das suas traições ou pelo fato de você ser frio se dissiparam, e ficou um pesar bem profundo, até um remorso por ter pensado tanta coisa ruim no momento do seu desaparecimento.

Ninguém merece uma morte violenta. Você era um mau marido, mas mesmo assim um ser humano com defeitos como todos os outros.

Ainda bem que deixei o computador guardado. Nem eu sei o motivo. No começo, talvez tenha sido por imaginar que você voltaria. Depois, provavelmente porque não quis mexer em nada que me lembrasse você.

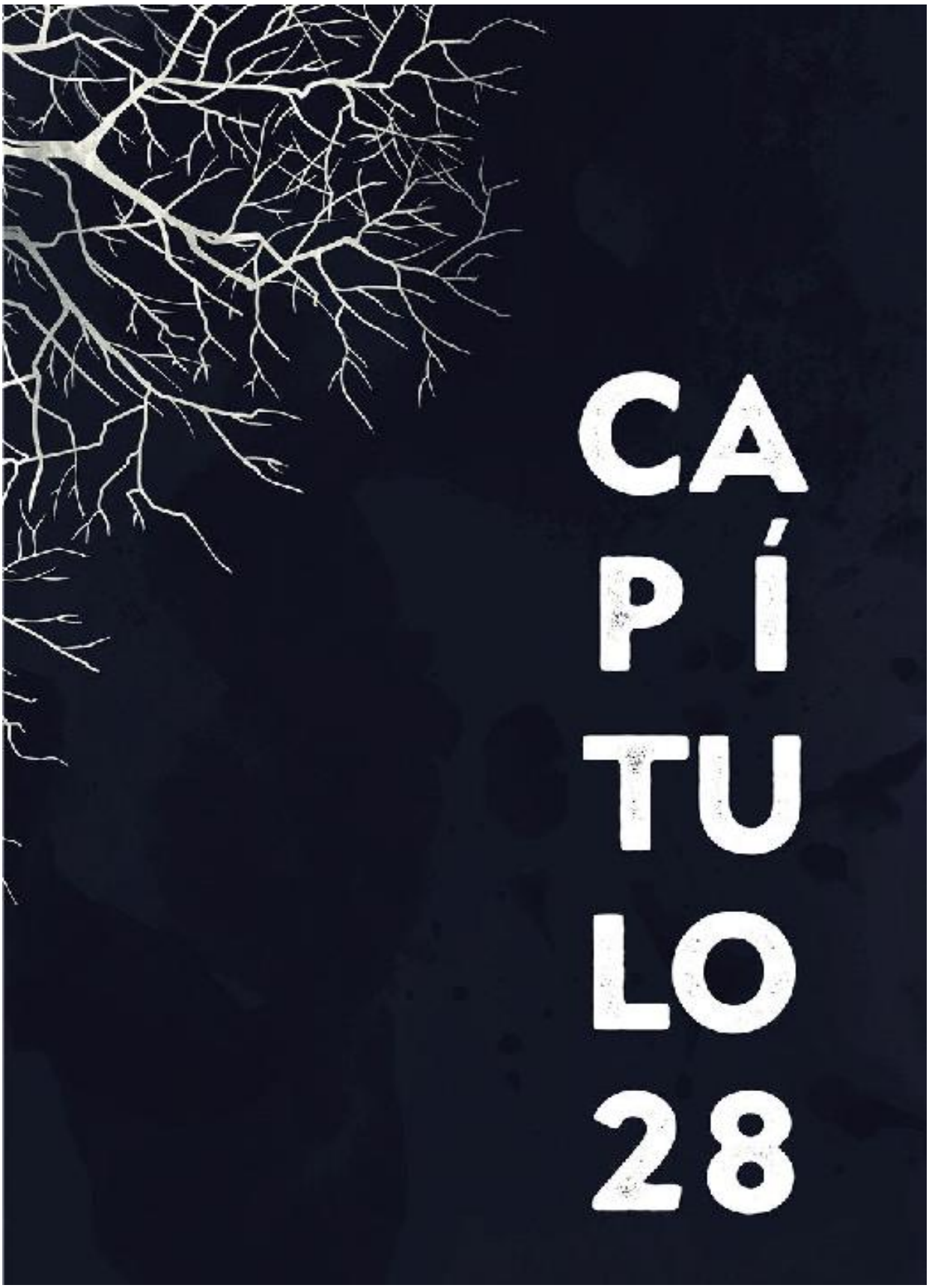
Acho que, no fundo, sua morte não era aceitável. Era como se um fator externo tivesse feito você ir embora, mas nunca me passou pela cabeça a forma. Sinto um aperto no estômago quando penso na briga minutos antes de você ser brutalmente assassinado; até meus ódios contra você se tornam irrelevantes, me envergonham.

Se o laptop auxiliar na elucidação do caso, vou me sentir melhor.

Matt está preocupado. O policial me ligou pedindo o laptop e perguntando por que saquei cinquenta mil reais em dinheiro um pouco antes de viajarmos para São José dos Ausentes. Demorei um tempão para imaginar para que usei esse dinheiro, mas uma hora depois acabei me lembrando. Paguei o advogado do inventário da vó Mirinha em dinheiro. Matt me disse que eu o ajudei a sonegar; ele quis dinheiro vivo. É provável que seja por isso mesmo. Na hora que pediu, lembro de falar que seria mais prático depositar. Ele me ofereceu um bom desconto se eu pagasse em dinheiro vivo, e foi comigo buscar o dinheiro no banco. Eu é que não ia sair com aquele dinheiro todo na rua.

Por alguns minutos, me preocupei em parecer ainda mais suspeita para a polícia, mas será fácil descobrirem quem foi meu advogado e que não há registro de nenhum pagamento pelo serviço de inventário. Ele vai ter que se explicar, mas isso é um problema dele.

E imaginar que o assassino maluco disse que colocou o suco envenenado no meu quarto… O delegado me garantiu que o tal suco não mata, que eu teria tido apenas uma dor de barriga. Eu sei disso. Mal sabe ele que tive essa ideia para diminuir as suspeitas que ainda recaem sobre mim. Mas se fui eu quem forjou a história do suco, por que ele afirmou que foi ele? Sobre o que mais ele estará mentindo?


CAPÍTULO 28

ANA

O PERITO ACHOU O LAUDO no computador de Rodrigo. E não só isso. O laudo mencionava que as amostras de terra haviam sido recebidas pelo correio no começo de janeiro de 2012. Isso significa que doutor Álvaro sabia do potencial das terras quando as adquiriu do seu Bucher por um montante quase vinte vezes menor que o valor real — isso porque ainda nem se sabia quanto lantânio havia na montanha, talvez a terra valesse muito mais.

Em uma curta busca na internet, entendi que se tratava de estelionato. O Artigo 171 do Código Penas diz: "Obter, para si ou para outrem, vantagem ilícita em prejuízo alheio, induzindo ou mantendo alguém em erro, mediante artifício, ardil, ou qualquer outro meio fraudulento". Para mim, como leiga, era a definição exata do que o doutor Álvaro fizera.

Com a explicação de Marina sobre o dinheiro e a confirmação relutante do advogado sobre o recebimento da quantia, as suspeitas sobre ela se esvaíram. Também foi verificado que os bens que ela possuía eram oriundos da herança da avó. Na verdade, a única coisa deixada por Rodrigo fora a parte paga do apartamento comprado pelos dois, para o qual ela também contribuíra. Nem seguro de vida ele tinha. Não ganhava mal como consultor, mas não nos pareceu do tipo que tinha poupança. Ele gastava muito nas viagens a trabalho, e depois da verificação em seu laptop descobrimos o porquê.

Com essas informações, o foco da investigação passou a ser o doutor Álvaro. Rodrigo poderia ter acabado com o negócio dele contando ao seu Bucher sobre a jazida. A questão era se Rodrigo sabia que a terra não era de Álvaro, ou da família da esposa, para ser mais correta. Teria ele descoberto quando chegou a São José dos Ausentes? Teria ele se incomodado com isso?

Avaliando a situação financeira do doutor Álvaro, dava para ver que a família estava num momento muito complicado no início de 2012. O problema financeiro da arrozeira, bem como o padrão de vida que ele levava, podiam ser facilmente identificados em documentos públicos. E

então restou a pergunta sobre o valor pago ao seu Bucher. Isso teria de ser investigado.

Perto do meio-dia, Guilherme foi almoçar conosco como sempre. Minha mãe estava aproveitando para cozinhar tudo o que ele dizia que gostava. Ela ficava estressada por eu não querer nada, então achou alguém para agradar na cozinha.

— Doutor Álvaro acabou de sair da delegacia — comentou ele.

— Fiz ovos queimados para você — comentou a minha mãe, ignorando o assunto que realmente me interessava.

Olhei para ela, amuada, mas ela não pareceu notar. Seu olhar encantado estava em Guilherme, que sorriu para ela e jogou um beijinho cheio de charme.

— Nós o confrontamos com o laudo. Ele assumiu uma expressão surpresa e disse que não lembrava da data. Só lembrava que tomou conhecimento do laudo bem depois. Foi vago nos detalhes — comentou, se sentando à mesa como de costume. — Então o confrontamos com o e-mail enviado, que estava na caixa de saída de Rodrigo. Ele foi ficando vermelho, mas negou ter recebido. "E-mails se perdem", disse ele. "Talvez esteja no meu lixo eletrônico", sugeriu também. Perguntamos ao perito de informática da polícia se há uma forma de provar que ele recebeu o e-mail. O tal Rodrigo não pediu um e-mail de confirmação, e realmente não há e-mail do doutor Álvaro acusando o recebimento.

— Seria crime se provássemos que ele sabia do valor da terra?

— Acho que a pior parte recairia sobre o profissional. A não ser que fosse comprovado que ele não sabia de quem era a propriedade. Vimos nos e-mails que o doutor Álvaro e a dona Bia sempre falavam que a terra era deles. Ou melhor, eles eram sempre vagos e falavam nas terras do velho Schoerr. E como as terras foram do Schoerr… enfim, fica dúbio.

— Dona Bia? — exclamei, num susto. — Ela também mandou e-mail para o Rodrigo?

— Na verdade, vimos que o primeiro e-mail veio dela. Não há menção da terra do seu Bucher. Ela enviou o e-mail e fez referência a tê-lo conhecido durante uma viagem a Morro de São Paulo, em uma excursão. Ela copiou Álvaro na mensagem. — Ele se serve de mais comida, para regozijo

de mamãe, que parece mais interessada no que ele come do que na história. — Agora teremos duas tarefas claras: provar que o doutor Álvaro sabia do valor da terra antes da morte de Rodrigo e descobrir como a compra foi financiada. A maior parte de crimes dolosos tem como motivação o dinheiro, e nesse caso conseguiríamos ligá-lo a um motivo bem forte. Se Rodrigo descobriu que a terra era de outro, ele era uma ameaça. Se ele contasse a alguém, não só o negócio ficaria difícil como também o doutor Álvaro poderia ser acusado de estelionato.

Guilherme recusou quando minha mãe veio com mais travessas e anunciou que estava se preparando para o doce. Continuou:

— A família dele estava passando por um momento bem delicado com a concordata da empresa de arroz. Às vezes, as necessidades fazem com que pessoas, mesmo as corretas, acabem entrando em negócios escusos.

Imaginei que o comentário tinha como função suavizar a suspeita e não induzir mau juízo. Eu gostava de Guilherme, era um homem correto.

Minha mãe trouxe a travessa com o tal doce, que era meu preferido na infância, e quase odiei Guilherme por ter comentado que adorava.

— Outro problema será comprovar que o Rodrigo descobriu aqui que as terras não eram do doutor Álvaro, e assim virou uma ameaça — comentei, pensativa.

— Verdade. Pelos e-mails se nota que não planejavam visita ao local. Ao menos no início. A ideia inicial era enviar as amostras e receber o laudo, tudo por correio. Não acho que o Rodrigo tenha vindo aqui para isso.

Depois do café, ele voltou à delegacia dizendo que haviam chamado para testemunhar uma moça que trabalhara como empregada na casa do doutor Álvaro à época.

Eu fiquei com um sentimento de culpa absurdo pelo doce que comera e fui caminhar com a ilusão de dissolvê-la. Na caminhada, simulei diferentes soluções para esse caso: Marina, Álvaro, Jéssica, Bia e até alguma outra pessoa interessada, da qual sequer sabíamos. Talvez o marido de uma das amantes mais velhas.

Passei por pessoas sem cumprimentá-las. Depois, me lembrei que estando em uma cidade pequena a probabilidade de eu ter ignorado alguém que conhecia era bem alta, mas nada mais podia ser feito.

Marina estava livre das suspeitas; mas isso se devia ao fato de ninguém saber das folhas em seu criado-mudo. Talvez ela realmente só tenha tentando parecer uma vítima, como Guilherme sugerira. Mas aquelas folhas ainda rondavam minha cabeça.

Doutor Álvaro eu não conhecia, mas a motivação para o crime era óbvia. Do que ele seria capaz para manter o padrão de vida exuberante? E dona Bia, teria realmente contribuído? Conseguia vê-la arquitetando tudo, até manipulando o genro.

Então pensei em Jéssica, de quem me lembrava como uma criança magra e apagada. Parecia ser uma mulher sem sentimentos, fria. Eu havia ouvido muito em séries criminais sobre psicopatas que eram quietos, introvertidos e apagados, e que, de repente, revelavam sua verdadeira personalidade. Mas não, assim como não via Marina cometendo o crime, não via Jéssica.

Doutor Álvaro e dona Bia me pareciam os suspeitos do caso.

À noite, quando voltei para casa, estava exausta de caminhar e de pensar. Sentia-me dominada por uma energia baixa e um sentimento de tristeza. Pensei em Frank, no meu café, na minha vida em Porto Alegre… e me vi num vazio.

Pensei em ligar para Frank, mas no primeiro cômodo da casa de minha mãe me deparei com Guilherme, chimarrão na mão e olhar brilhante.

— Novidades! Não pude esperar para vir contar.

Minha mãe pareceu resignada ao esperar que eu chegasse para ouvir o que havia de novo. Eu ainda continuava querendo um banho, depois ligar para Frank e me esquecer de tudo. Mas me sentei e aceitei o chimarrão que vinha da mão da minha mãe como que automaticamente. O amargo me fez bem e se misturou ao salgado de suor que estava nos meus lábios.

Guilherme foi logo contando:

— A moça saiu da fazenda com raiva. Disse que dona Bia é intragável e a hostilizava o tempo todo. — Eu não pude deixar de olhar para a minha mãe e me perguntar se ela entenderia, pois o termo “hostilizar” não fazia parte do vocabulário dela. Mas a expressão dela não mudou, e assim assumi que o contexto deixou tudo claro. Ou ela sabia que da dona Bia só se podia esperar algo negativo… — Como ela não gosta deles, falou tudo e mais um

pouco. Quando eu falei que o que é dito para a polícia não sai dali, ela liberou o verbo. Se eu deixasse, ficaria o dia todo me contando das maldades da dona Bia para com as empregadas. Mas a forcei a focar no geólogo.

— Ela ainda lembra? — comentei, espantada.

— Claro. Porque logo após, quando ele sumiu, ela se deu conta pelas fotos do jornal que era o rapaz para quem ela tinha aberto a porta. Na época, ninguém a interrogou — disse com convicção. — Ela disse que o tal Rodrigo esteve na fazenda. Entrou irritado. Ele e o doutor Álvaro se trancaram no escritório, foi possível ouvir os ruídos de uma discussão. Ela só não sabe do que estavam falando.

Devolvi o chimarrão depois de limpar a bomba. Imaginei que eu estava com odor de suor depois da caminhada e me senti desconfortável. Tentei me concentrar para evitar que Guilherme visse que eu não estava absorvendo muita coisa naquele momento. Ele estava acostumado a me ver bem interessada no caso, estranharia a mudança repentina ocasionada por minha doença e seus altos e baixos. Coloquei minhas forças para demonstrar um interesse que não existia, ciente de que, na manhã seguinte, depois do sono, eu me odiaria se não soubesse dos detalhes.

— Como sabemos, não devia ser problema com o pagamento do laudo, pois achamos o contrato, os recibos e os pagamentos. Faria todo o sentido que fosse porque descobriu que a terra não era do doutor Álvaro. Ele sabia que podia perder a licença de trabalho — completou Guilherme de forma apoteótica. — Amanhã chamarei o doutor Álvaro para o confrontar sobre isso. Mas o melhor ainda está por vir! Mandei buscarem Jeferson no presídio estadual de Vacaria. Disse a ele que eu tinha provas contra o doutor Álvaro, e ele confirmou que foi ele quem o pagou para matar Rodrigo!

— Sério? Assim, do nada? Mas ele havia dito que foi a Marina! Até falou que tentou envenená-la porque ela não pagou…

— Perguntei por que havia dito que foi Marina, e ele disse que foi para despistar. Juro que não me convenceu muito. Por outro lado, a confissão dele me dá condições de interrogar o doutor Álvaro. Sendo sincero, não acredito em nada que o tal meliante fala. Cada hora fala uma coisa, às vezes até penso que está se divertindo às nossas custas.

Naquele momento, minha energia chegou ao nível mais baixo do dia. Minha cabeça pulsava de dor. Tive de falar, pois vi que ele estava com a expectativa de que eu o ajudasse a decidir o que fazer:

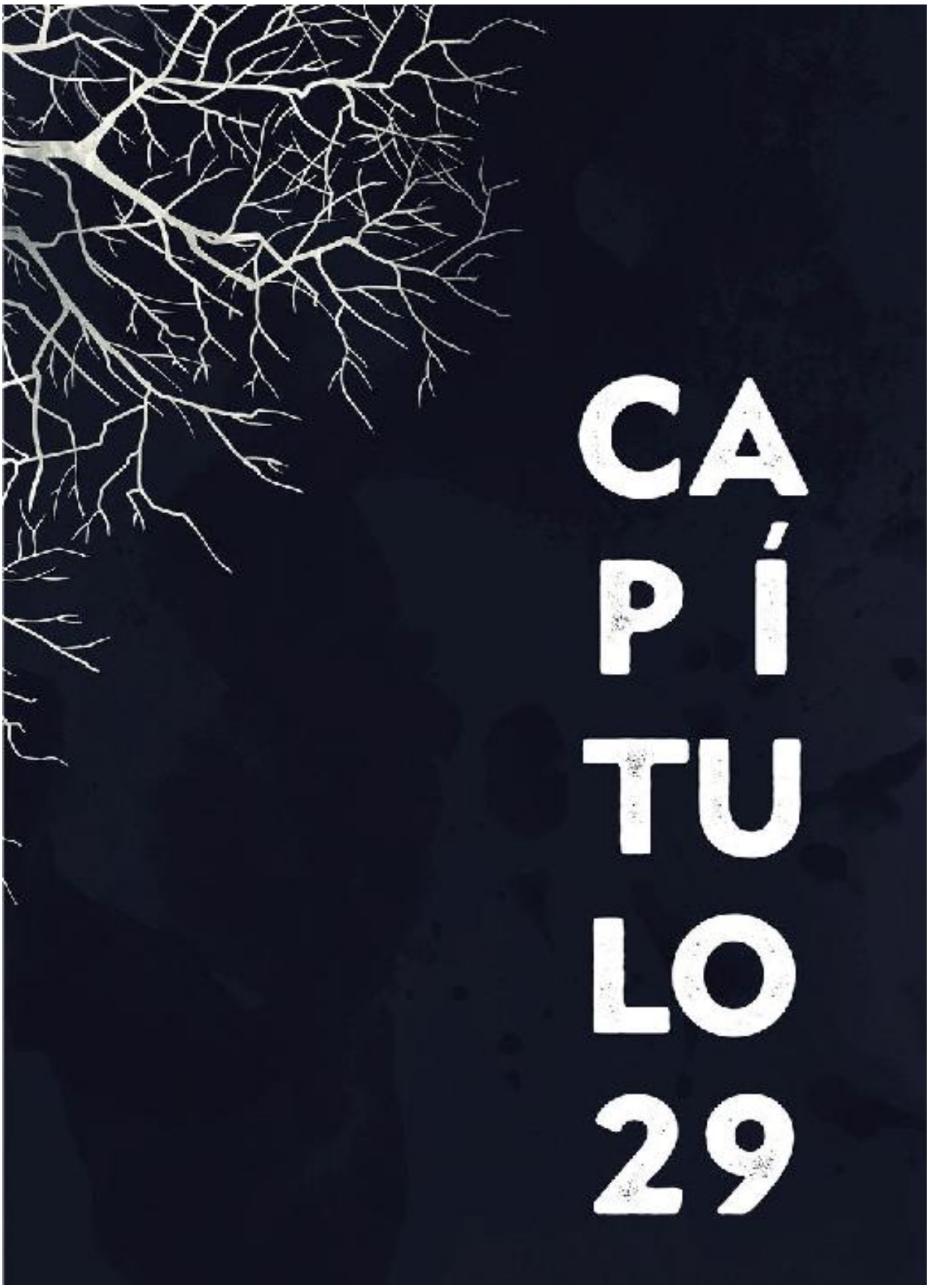
— Nossa! Andei muito hoje. Muito complicado tudo isso. Estou com um pouco de enxaqueca. Você me desculpe… Podemos conversar amanhã? — Eu me arrependi na hora, imaginando que ele podia interpretar de forma negativa. Guilherme estava sempre me envolvendo nas informações e decisões, e isso era maravilhoso. — Fico muito feliz que você veio aqui nos contar e te agradeço demais. Mas tenho esse problema de enxaqueca…

Enrubesci, o que era raro acontecer. Li com alívio em seus olhos sorridentes que não se aborrecera.

— Não se preocupe. Tive uma namorada que tinha isso. — E piscou. Só acrescentou mais uma frase antes de sair pela porta: — Amanhã teremos o resultado da perícia das fotos do computador do Rodrigo. Também saberemos se os e-mails foram ou não recebidos pelo doutor Álvaro, caso seja possível.

Quando ele foi embora, senti um alívio e fui logo para o quarto ligar para Frank. Minha mãe não estranhou eu ter ido para o quarto às sete da noite e não ter saído mais. Perguntei-me se eu havia feito muito isso na adolescência, mas não me lembrava.

Logo que o celular tocou, Frank atendeu. Não pareceu surpreso com minha apatia. Nesses casos, ele sabia o que significava.


CAPÍTULO 29

ANA

ENTREI NA DELEGACIA às oito e meia da manhã com a consciência pesada por ter deixado Guilherme me ver em um dos meus momentos de distimia. Meus momentos de hipomania eram bem mais aprazíveis a terceiros, que até se sentiam honrados com a atenção que eu investia neles quando estava nessa fase.

Encontrei-o barbeado, cheiroso e sorridente como sempre. Sentei-me na frente da mesa, e ele me olhou de forma jovial, com os olhos sorrindo. Era o que o tornava atraente.

— Melhor? — perguntou. E antes que eu respondesse, continuou: — Nem precisa me explicar, trabalho com três mulheres aqui na delegacia.

Lançou um olhar brincalhão, e elas retribuíram.

Conversamos por um bom tempo sobre o que fazer. Guilherme estava em dúvida sobre a prisão preventiva; só se prende um milionário quando se tem muita certeza acerca de sua culpa. Por outro lado, o que fazer se ele viajasse? Pesamos os prós e contras.

Guilherme resolveu chamá-lo e decidir na hora, dependendo de como andasse o interrogatório. Mas eu soube com certeza que ele não o prenderia. E, sendo sincera, não acreditava que fosse o doutor Álvaro, por mais que todos os indícios apontassem para ele. Era óbvio demais.

Durante as minhas caminhadas, cada vez mais eu pensava em dona Bia. Ela entrara em contato com o geólogo. Ela usufruía do dinheiro oriundo das terras raras. Lembrei-me de Jéssica comentar que a mãe queria que ela se casasse com alguém rico. Ela não disse assim, explicitamente, mas ficou claro no contexto. Todo mundo na cidade sabia que o marido de dona Bia, apesar de médico, gastava e bebia demais. E todo mundo sabia que a vida de dona Bia era de aparências. Além do mais, Jeferson era afilhado dela; seria fácil para ela convencê-lo a fazer o serviço.

Eu já havia comentado sobre essas conclusões com Guilherme, e ele avaliara trazer dona Bia para depor. Depois, decidira que não tínhamos

ainda razões para fazê-lo.

De repente, Guilherme se mexeu na cadeira, os olhos brilhando.

— O perito — disse, animado. Um minuto de silêncio. Os olhos dele passavam pelas letras enquanto as sobrancelhas subiam. Ele assoviou alto, fazendo com que toda a sala olhasse para ele. — Ele achou fotos da dona Bia e Rodrigo em Morro de São Paulo. Parece que são de 2003. Além de ter achado todos os e-mails desde então. Dona Bia e Rodrigo tiveram um relacionamento, e foi longo.

Ficamos todos parados lá, atônitos. Eu senti meus pensamentos recentes sobre dona Bia reafirmados, embora minha mente não fosse capaz de ir tão longe. Mas, se ela tinha um relacionamento com Rodrigo, por que mandaria matá-lo? Será que ele havia terminado com ela, e foi isso que o motivou a ir conversar com Álvaro?

Mil ideias passavam pela cabeça de todos. Aquela informação mudava tudo.

— Olha a dona Bia aí, pegando o garotão! — exclamou uma das policiais com um sorriso maroto.

— Ela é bonitona e se cuida horrores — disse a outra. — Vive no salão.

— Isso só aumenta a minha desconfiança sobre ela — comentei, tímida.

— Isso me chancela a chamá-la, isso, sim! — respondeu Guilherme. — Mas primeiro vamos ouvir o doutor Álvaro, que chega às onze.

Fui para casa esperar o resultado do interrogatório do doutor Álvaro. Minha mãe foi ajudar uma amiga que havia sido operada. Ficar sozinha me deixou feliz; assim, pude almoçar algo pequeno como sempre fazia em Porto Alegre.

Senti saudades do meu café. Liguei para minha sócia, conversamos sobre o negócio e antecipei que voltaria em breve. Em dois dias seria feriado de Tiradentes, e Frank iria me buscar. Retomaria a rotina na segunda, e o resto ficaria com Guilherme. Mas, até lá, acompanharia os últimos capítulos da história.

■

No início da tarde, na delegacia, Guilherme me contou que haviam recebido os extratos da conta de Álvaro mediante sua autorização. Não havia nenhum registro de saque em dinheiro à época. Dava para ver também um depósito grande na conta, mas que Álvaro afirmou vir de um investidor, que lhe dera dinheiro para comprar as terras. Perguntei-me se um investidor daria dinheiro assim, sem saber da existência da mina de lantânio; pela minha experiência tirando empréstimos para o café, esses investidores, bancos ou fundos, não liberam o dinheiro sem certas garantias. Para mim, o depósito era uma prova indireta de que recebera o laudo e que, com ele, provara para o investidor que a compra valia a pena.

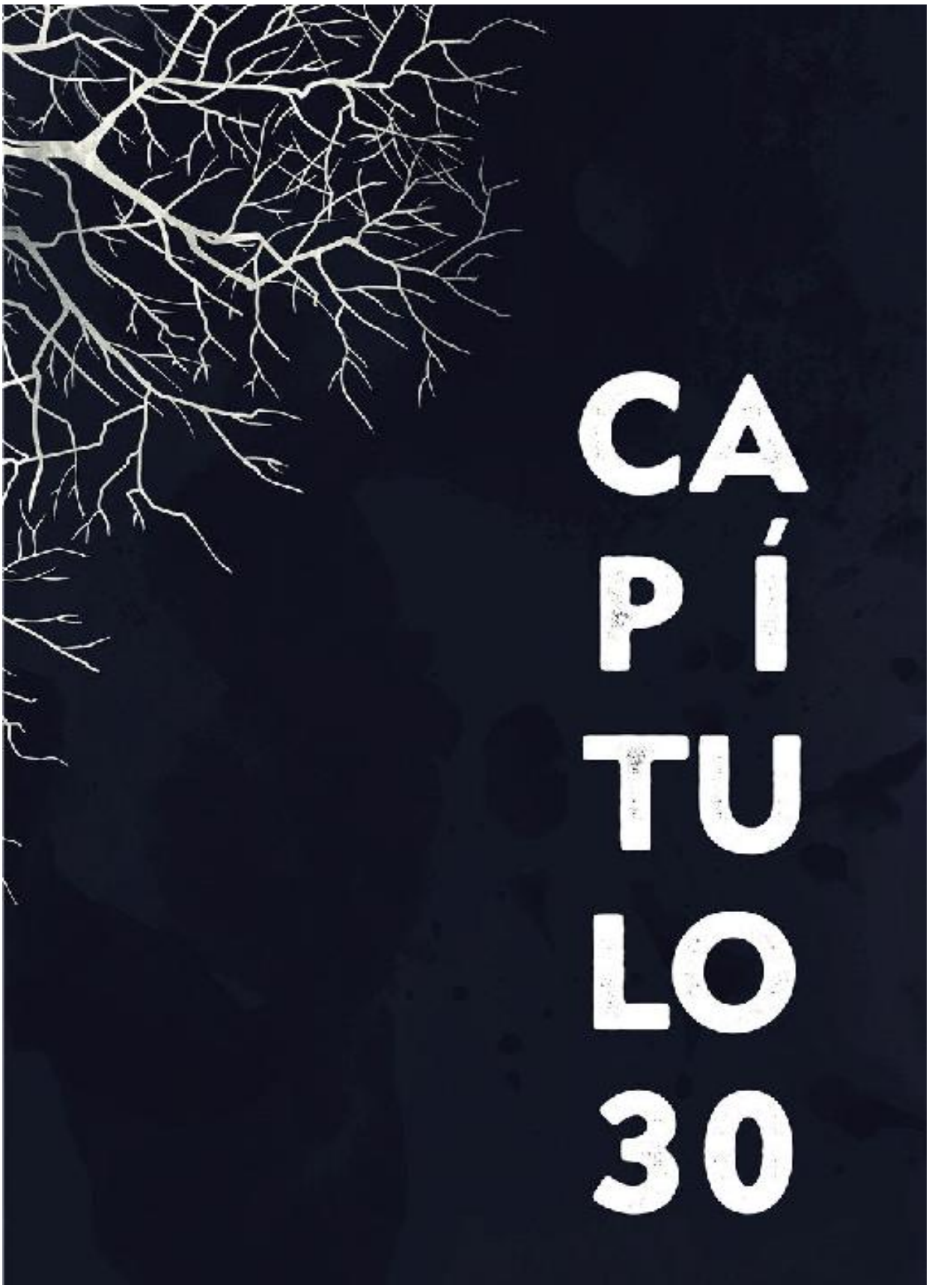
Além disso, Fernanda havia viajado a Gramado no começo da semana para investigar o tal hotel onde Jeferson teria trabalhado. O dono de um hotel confirmara que Jeferson fizera um trabalho lá. Ele tinha os recibos, que, somados, chegavam às quantias compatíveis com as compras feitas. Também fora comprovado que dona Bia pagara a entrada da moto. Tínhamos o comprovante do depósito.

— Vou ter que chamar o Jeferson de novo, ou ir até Vacaria para ver o que ele me diz. Se foi contratado para assassinar Rodrigo, não parece ter usado nem depositado o dinheiro. Também não tem nada mais na conta, a não ser o dinheiro da época da construção do tal hotel. Mas ele pode ter colocado na conta de outra pessoa — disse Guilherme.

— Ele não parece o tipo de pessoa que se preocupa com laranjas… — ponderei.

— Também acho. Mas, se ele foi contratado para matar o geólogo, não recebeu por isso. — Na mesma hora, pensei no que ele dissera sobre Marina não ter pagado pelo serviço. — O importante agora é que não temos evidências contra o doutor Álvaro.

Ele chamaria dona Bia para confrontá-la sobre as fotos no dia seguinte. Sem mais o que fazer ali, voltei para casa e para os meus livros. Todas as pistas concretas que tínhamos para achar o mandante do crime estavam se esvaindo.


CAPÍTULO 30

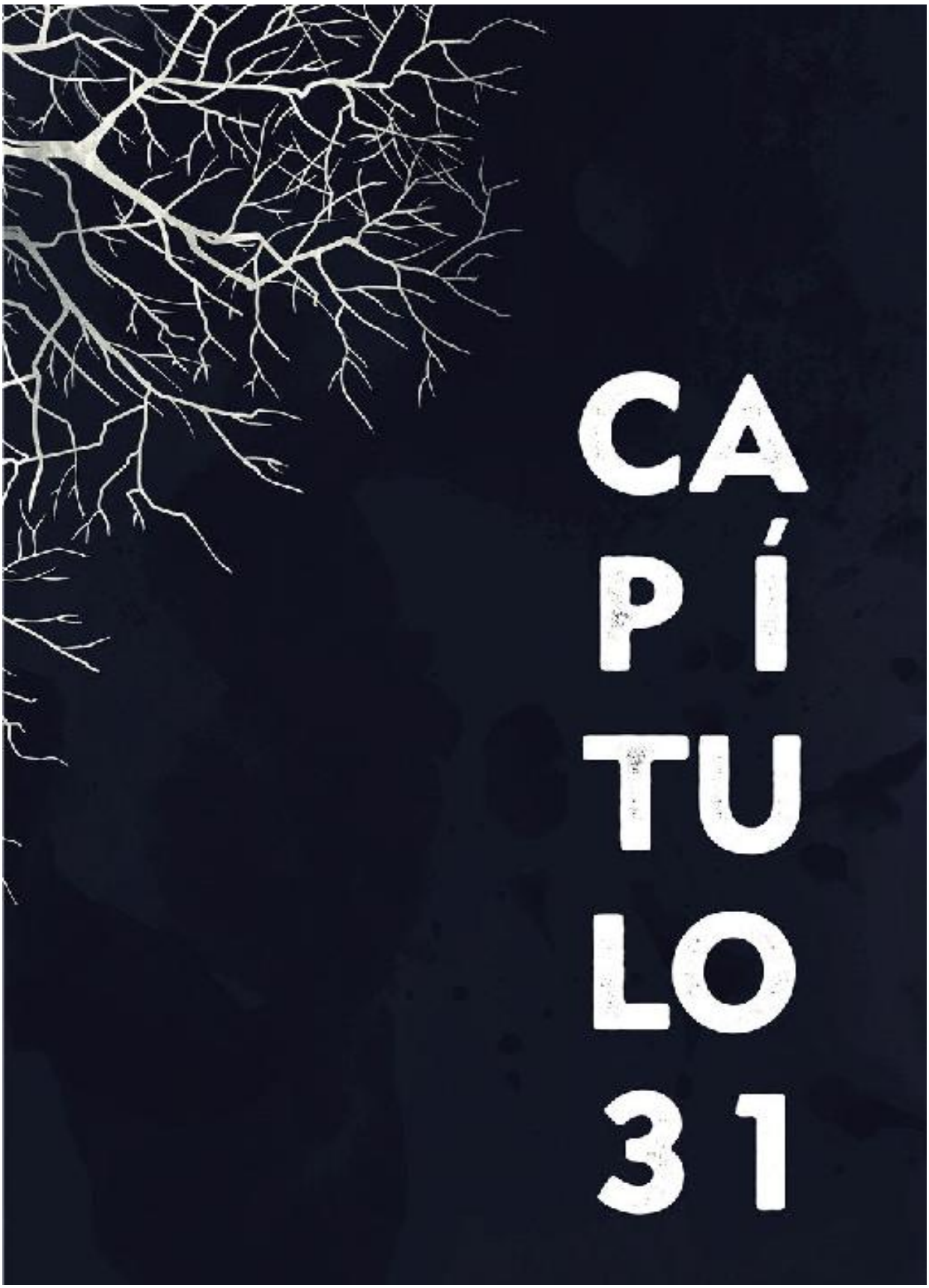
JÉSSICA

CHAMARAM ÁLVARO NA DELEGACIA. Fiquei na fazenda contigo, mamãe. Você parece um gato enjaulado, andando de um lado para o outro. A sua irritação não é só visível, é audível. Ouvi você falando e caminhando na varanda da casa esta noite. Ou sonhei? Acho que não. Você tem mania de falar sozinha quando está muito incomodada. Ouvi você reclamando baixinho.

Você se trancou no escritório por várias horas e ficou no computador como que procurando por algo. Sequer veio almoçar, vi a empregada levar a sua salada. Eu ignoro quando isso acontece. A única coisa que sei é que não preciso da sua ira, mamãe.

Eu me sentei com o Alvinho para jogar Banco Imobiliário. Ele joga cada vez mais raramente comigo e parece se interessar mais pela lida na fazenda. Vai com os capatazes buscar o gado, carnear as ovelhas… Quando criança, ele não gostava de ver as ovelhas morrerem, mas parece já ter aceitado esta como uma realidade, como algo natural da vida na fazenda. Eu não. Prefiro não as ver ou ouvir, ou não como mais churrasco.

Essa tem sido sempre a minha estratégia, não é, mamãe? Ignorar tudo, me colocar bem pequenina e apagada para ver se ninguém nota onde estou. A única dificuldade de fazê-lo é quando estou em lugares públicos; as pessoas me notam. Homens, claro, mas até mais as mulheres. Você sempre me disse que mulheres bonitas não têm amigas, só invejosas. Começo a acreditar.


CAPÍTULO 31

ANA

FRANK CHEGOU CEDINHO em Bom Jesus, devia ter saído de Porto Alegre ainda à noite. Eu sempre ficava feliz ao vê-lo. O cheiro dele me confortava, me assegurava de que o mundo estava em ordem e em paz. Notei seu estranhamento por eu ter ficado abraçada a ele por um bom tempo, sentada no sofá. O cão aos nossos pés, deitado e com a língua de fora.

Nunca fui muito de aprochego, como se diz por aqui, mas a minha necessidade de segurança e de sentir o mundo de novo no lugar estava alta depois de tantas reviravoltas, dúvidas e frustrações. Queria voltar à minha rotina conhecida; nunca pensei que sentiria saudades dela.

Meu pai passaria o feriado fora. Vi pela cara da minha mãe que elas não esperava por isso naquela semana, mas se resignou. Frank preferia estar sem ele; tinha dificuldade em aceitar a forma do relacionamento dos meus pais, mas jamais se meteria, eram dois adultos. Entretanto, ficava feliz em não ter de testemunhar.

Ao meio-dia, Guilherme apareceu. Recusou a cerveja artesanal que Frank ofereceu, indicando que viera a trabalho. Minha mãe não estava em casa, havia ido para o hospital de novo.

— Não posso falar muito sobre o depoimento da dona Bia. Direito do interrogado. Ela me contou a história das fotos, de tê-lo conhecido numa viagem — disse, meio embaraçado. — Mas o fato de ela ter tido um caso com o geólogo e tê-lo encontrado aqui não me dá nenhuma prova. E eles ainda estavam juntos. Algumas das saídas enquanto ele esteve aqui não foram para ver terras raras, como disse a Marina, mas sim para encontrar a dona Bia.

Meu estômago embrulhou ao me lembrar de Marina e de sua frustração por ter sido deixada sozinha na pousada com as crianças por conta do trabalho do marido. Se as amostras já tinham sido até avaliadas, será que ele fora até a cidade só para ver dona Bia? Eu podia imaginar também que dona

Bia lhe parecera atraente em Morro de São Paulo. Deveria estar mais atraente ainda como dona de mina de lantânio.

— Eles tinham alguns planos — comentou Guilherme —, mas não posso falar sobre. E espero que o fato de a dona Bia ter tido um caso com o geólogo nunca saia desta casa.

— Não comentarei com mamãe — assegurei.

Ele sorriu, compreendendo minha mensagem. E nós com certeza não falaríamos a mais ninguém. Ele sabia.

— Na verdade, ela pareceu ter sofrido muito com a morte dele. Olhando os e-mails, não creio que ela tivesse motivo para matá-lo. Pelo contrário — disse, convencido. — Como já mencionei, eles tinham planos. Os e-mails não demonstram nenhum tipo de desconforto, nem o depoimento dela. Tinham um relacionamento aberto. Ambos sem compromisso, mas juntos quando possível. Ela confirmou que a briga na casa de Álvaro foi por eles não terem contado a Rodrigo que a terra era de seu Bucher. Mas que Rodrigo garantiu que não iria denunciar por causa dela, pelo relacionamento deles. Ela afirmou que não havia risco. Ele ficou furioso, mas não iria denunciar.

— Hum… Se for verdade, elimina o motivo de ambos — comentou Frank, distraído.

— Bom, já prendi o assassino. Se houve ou não um mandante, talvez nunca saberemos, pois não tenho meios de provar. Pelo menos ainda não. E nenhuma nova ideia de como fazê-lo.

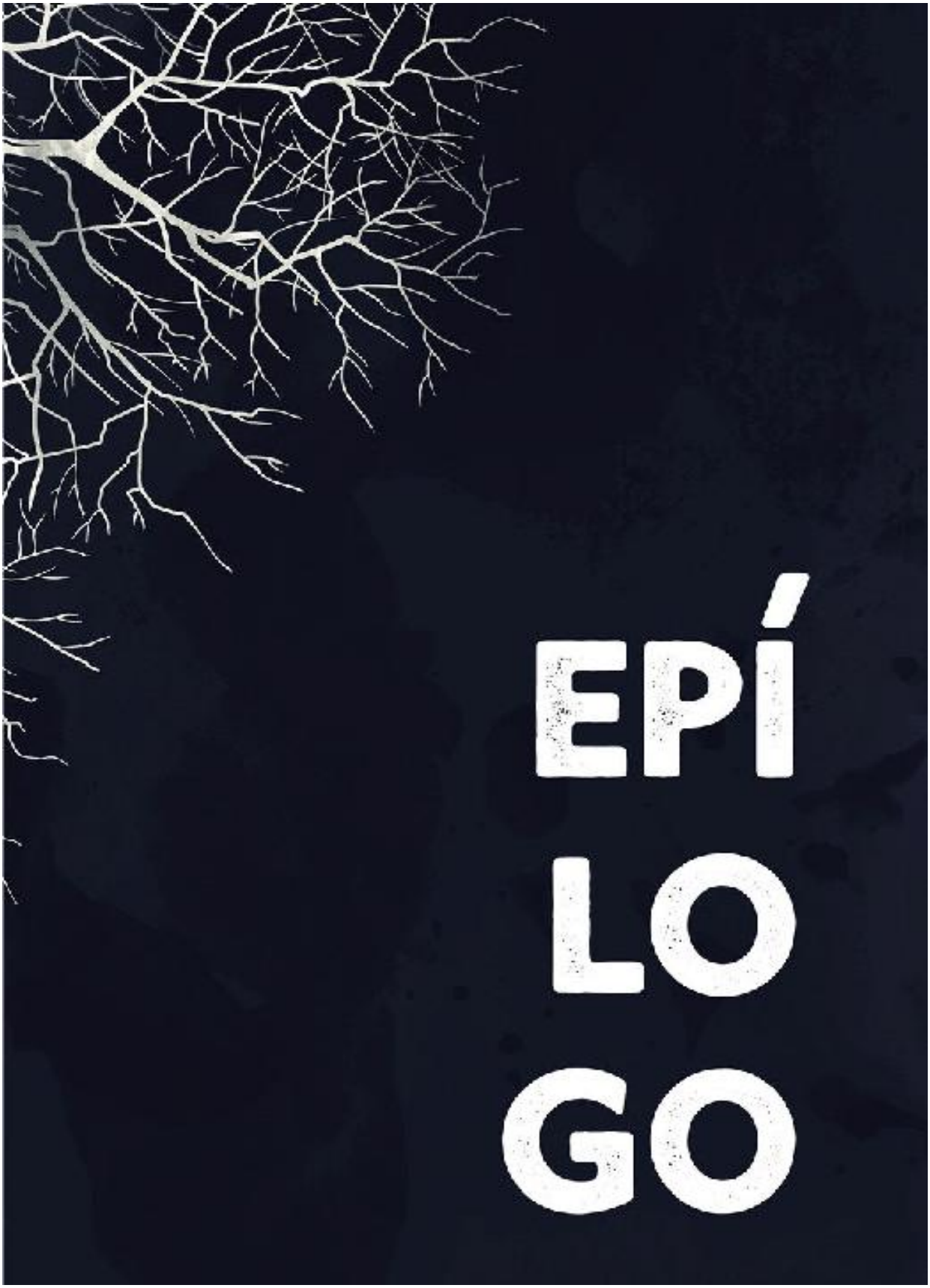
■

No outro dia de manhã, comuniquei à minha mãe minha decisão de ir embora no sábado mesmo, e não ficar até domingo como planejado. Ela pareceu frustrada, mas teve de aceitar. O argumento de que fazia muitos anos que eu não ficava tanto tempo em Bom Jesus e que, assim, era hora de ficar com o meu marido, era imbatível. Totalmente convincente.

Era hora de ir para casa, voltar para a vida normal. Talvez pensar em ter um bebê antes que fosse tarde. Quando falei isso, o rosto dela me pareceu mais jovem. Resolvi pensar no assunto com seriedade.

Chegamos a Porto Alegre no final da tarde. A temperatura estava agradável e a cidade, vazia, o que era comum durante feriadões para uma

cidade de um milhão de habitantes que fica tão perto da praia. Um dia, talvez eu e Frank façamos como eles e compremos uma casa na costa gaúcha. Acho que Frank iria gostar. Na Alemanha, pouca gente tem casa de veraneio. Não só por não haver praia.


EPÍ
LO
GO

A CHUVINHA FRIA CAÍA no vidro do carro quando passei pela cidade de Torres. Um dia típico de inverno no Rio Grande do Sul, apesar de meu destino ficar em Santa Catarina, aonde cheguei pouco minutos depois. Não foi difícil achar o endereço do barracão onde o carro alugado por Rodrigo havia ficado por anos. Ficava bem próximo à estrada que levava à subida dos cânions e ao acesso ao Rio do Boi.

A forma com que eu voltara a Porto Alegre, sem um encerramento correto do caso, me consumia. Eu achara que seria capaz de esquecer o assunto, mas me enganara. Eu não conseguia dormir, a culpa me corroendo por ter escondido fatos da polícia. E se fora mesmo Marina a mandante e Jeferson dissera a verdade sobre querer apagá-la por não ter recebido pelo serviço? Me parecia uma teoria estúpida, mas muitas vezes a vida é estupida e os casos não são tão charmosos como os do catálogo da Netflix.

Parei no acostamento e vi uma menina de uns doze anos caminhando em direção à estrada de mochila nas costas. Ela saiu da casa para onde eu estava indo, apesar de eu não saber bem o que eu iria fazer lá. Entrar de forma não autorizada como já fizera uma vez? Talvez.

Sorri. Estava começando a gostar das ousadias, embora fosse incapaz de me livrar da culpa em determinados momentos. Ou, na verdade, o que me consumia mesmo era a falta de resposta, e eu apenas encontrara um motivo mais confortável para a inquietude.

A menina passou ao lado do meu carro, caminhando com tranquilidade. Sem hesitação, abri a porta do meu Citröen branco e a chamei:

— Oi, mocinha! — Ela abriu um sorriso. — Estou procurando um café por aqui. Estou de passagem, sou de Bom Jesus.

— Café só na cidade. Você não passou por lá?

— Sim, mas, quando ia parar no primeiro café que eu visse, acabou a cidade — comentei com ar de riso, e ela me acompanhou. — Você está indo para lá? É longe!

— Um quilômetro — disse ela enquanto guardava o celular na mochila. — No inverno é tranquilo de ir. No verão não dá. Muito suor.

— Está garoando. Te dou uma carona e você me mostra onde é o café, pode ser? — sugeri, já esperando uma negativa.

— Vamos — respondeu ela, já abrindo a porta do meu carro; pensei em alertá-la sobre a facilidade que alguém mal-intencionado teria de capturá-la.

O trajeto foi curto, estávamos na rua principal em frente ao café em questão de minutos.

— Me prometa uma coisa — disse, séria. — Nunca mais entre em carros de estranhos.

Ela enrubesceu.

— Só entrei por você ser mulher e bonita — falou já se preparando para se afastar do carro.

— Sendo assim, aceita que eu te convide para um chocolate quente como agradecimento por me mostrar o local?

A lanchonete era simples. Ficava ao lado de um posto de gasolina e era pintada de um verde intenso. Nós nos sentamos em uma mesa com toalha de plástico e rapidamente fomos atendidos.

Perguntei a ela sobre Jeferson e a história do carro.

— Você é do jornal?

Nesse meio-tempo, eu já sabia que ela se chamava Isabela.

— Não — respondi rindo. — Por quê?

— Entrevistaram o meu pai sobre isso. Até filmaram. Achamos que ia sair no Jornal Nacional, só que não. Eu queria aparecer na televisão — disse com ar decepcionado.

— A polícia entrevistou vocês? — perguntei.

— Eu não. Falaram com o meu pai e levaram o carro embora.

Ela me contou que a família ficara incomodada com os acontecimentos, nunca haviam se envolvido com a polícia. Também disse que eles sempre desconfiaram que Jeferson podia ter atividades criminosas. Contou várias outras coisas, informações parcialmente desencontradas, mas nada de que eu já não soubesse.

Concluí que Isabela não conseguiria me ajudar, então me preparei para pagar e ir até a casa dela para falar com o pai. Estávamos prestes a nos

despedir quando ela comentou:

— Eu nem conheci o Jeferson direito. Lembro pouco dele. Só lembro que fiquei feliz quando ele trouxe o carro, porque me deu essa mochila. — Mostrou a mochila preta com orgulho. Parecia uma mochila cara mesmo, de couro natural. — Eu até já tinha esquecido que a mochila tinha sido dele. Eu era pequena. — Pensei o que quatro anos significam para uma menina de doze. — Mas esses dias achei num bolsinho uma carta que ele escreveu para uma das namoradas e me lembrei. Não sei por que não entregou a ela. Vai ver que é só rascunho…

Meu coração começou a bater descompassado. Estaria eu tendo acesso a uma pista que ninguém até agora vira? Mal pude acreditar no tamanho da minha sorte.

— Posso ver, Isabela?

Sem pensar duas vezes, ela tirou um pequeno papel dobrado de dentro de um bolsinho lateral da mochila. Abri o pequeno bilhete com as mãos úmidas e um pouco trêmulas.

Dona Bia, hoje te vi com o paulistano. Você não presta. Sabe que sonho contigo, e tu foi minha primeira mulher. Por que tu não me quis mais? Me deixa sofrendo.

Ele não vai ficar com você. Sei onde ele tá hospedado. Não fica triste.

Te amo, Jeferson.

Para saber mais sobre os títulos e autores da GRUPO EDITORIAL COERÊNCIA, visite o site **WWW.EDITORACOERENCIA.COM.BR** e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de sorteios, promoções e eventos.


@GRUPOEDITORIALCOERENCIA


FB.COM/GRUPOEDITORIALCOERENCIA


AV. PAULISTA, 326, CJ 84
BELA VISTA - SÃO PAULO -SP - 01.310-902


LILIAN@EDITORACOERENCIA.COM.BR


(11) 3285-1702

NÃO PERCA A OPORTUNIDADE DE REALIZAR O SONHO DE SE TORNAR UM ESCRITOR.
ENVIE SEU ORIGINAL PARA O NOSSO E-MAIL E
PUBLIQUE CONOSCO.

Grupo Editorial
coerência

Contents

1. FOLHA DE ROSTO
2. FICHA CATALOGRÁFICA
3. DEDICATÓRIA
4. AGRADECIMENTOS
5. QUOTE
6. PRÓLOGO
7. CAPÍTULO 01
8. CAPÍTULO 02
9. CAPÍTULO 03
10. CAPÍTULO 04
11. CAPÍTULO 05
12. CAPÍTULO 06
13. CAPÍTULO 07
14. CAPÍTULO 08
15. CAPÍTULO 09
16. CAPÍTULO 10
17. CAPÍTULO 11
18. CAPÍTULO 12
19. CAPÍTULO 13
20. CAPÍTULO 14
21. CAPÍTULO 15
22. CAPÍTULO 16
23. CAPÍTULO 17
24. CAPÍTULO 18
25. CAPÍTULO 19
26. CAPÍTULO 20
27. CAPÍTULO 21
28. CAPÍTULO 22
29. CAPÍTULO 23
30. CAPÍTULO 24
31. CAPÍTULO 25
32. CAPÍTULO 26
33. CAPÍTULO 27

34. CAPÍTULO 28
35. CAPÍTULO 29
36. CAPÍTULO 30
37. CAPÍTULO 31
38. EPÍLOGO
39. INFORMAÇÕES COERÊNCIA
40. GRUPO EDITORIAL COERÊNCIA

Landmarks

1. Cover

Table of Contents

FOLHA DE ROSTO
FICHA CATALOGRÁFICA
DEDICATÓRIA
AGRADECIMENTOS
QUOTE
PRÓLOGO
CAPÍTULO 01
CAPÍTULO 02
CAPÍTULO 03
CAPÍTULO 04
CAPÍTULO 05
CAPÍTULO 06
CAPÍTULO 07
CAPÍTULO 08
CAPÍTULO 09
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12
CAPÍTULO 13
CAPÍTULO 14
CAPÍTULO 15
CAPÍTULO 16
CAPÍTULO 17
CAPÍTULO 18
CAPÍTULO 19
CAPÍTULO 20
CAPÍTULO 21
CAPÍTULO 22
CAPÍTULO 23
CAPÍTULO 24
CAPÍTULO 25
CAPÍTULO 26
CAPÍTULO 27
CAPÍTULO 28

CAPÍTULO 29
CAPÍTULO 30
CAPÍTULO 31
EPÍLOGO
INFORMAÇÕES COERÊNCIA
GRUPO EDITORIAL COERÊNCIA